

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

PAMELA SIQUEIRA JORAS

FUTEBOL E MULHERES NO BRASIL: A história de vida de Aline
Pellegrino

Porto Alegre

2015

PAMELA SIQUEIRA JORAS

FUTEBOL E MULHERES NO BRASIL: A HISTÓRIA DE VIDA DE ALINE
PELLEGRINO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2015

PAMELA SIQUEIRA JORAS

**FUTEBOL E MULHERES NO BRASIL: A história de vida de Aline
Pellegrino**

**Conceito Final:
Aprovada em 21 de setembro de 2015**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Junior –DEFMH/UFSCar

Prof^a Dr^a Vera Lúcia Pereira Brauner – FACED/PUCRS

Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki – ESEFID/UFRGS

Orientadora – Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner – UFRGS

Dedico este trabalho a Aline Pellegrino e a todas as jogadoras de futebol espalhadas pelo Brasil. Elas são exemplos de dedicação e de persistência. Aprendi/o muito com todas vocês.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às pessoas que fizeram parte dessa caminhada, um processo longo e difícil, repleto de mudanças em minha vida. Elencar, aqui, todas elas seria quase impossível, entretanto gostaria de agradecer em especial....

À professora Silvana Goellner, orientadora deste trabalho, pela oportunidade de trabalhar com essa temática, por acreditar em mim, pela dedicação, pela amizade e pelo respeito, continuamos na luta sempre.

A/aos professora/es da banca Vera Brauner, Elisandro Wittizorecki e Osmar Souza Junior pelo aceite em avaliar e qualificar o meu trabalho, obrigada pelo aprendizado.

À professora Angelita Alice Jaeger, não poderia deixar de agradecer, responsável por guiar os meus primeiros passos no mundo acadêmico, professora pela qual tenho profundo respeito e admiração.

À família Pellegrino, Seu Antonio e Dona Madalena que abriram as portas de sua casa, pela colaboração em reunir o acervo pessoal de sua filha. Aline Pellegrino, pela receptividade e gentileza em ceder-nos o seu acervo, pela colaboração e pela paciência que sempre demonstrou na construção desta pesquisa, sem o seu apoio nada disso seria possível.

À minha “best” Suby, amiga e companheira para todas as horas, minha irmã de coração, que me acompanha desde sempre. Obrigada pelo carinho, pelas discussões, pelo apoio incondicional: essa conquista também é tua.

Às demais que colegas de trabalho: Leila, Chris, Mineira, Su Ramos, Pri e Malu, por partilharem os meus anseios, pela amizade e pelo carinho. Espero dar continuidade a nossa parceria.

A Jamile e a Nega, minhas fiéis escudeiras, que me ajudaram na organização do acervo, nas entrevistas e no trabalho diário, sem vocês grande parte disso não seria possível.

À equipe do CEME/GRECCO, pelas horas incontáveis de trabalho, pelas risadas, pelas brincadeiras, pelo companheirismo dentro e fora do ambiente de trabalho, mais que um grupo de trabalho, minha segunda família.

Aos responsáveis por tudo isso, meus pais Tania e Valdemar, que nunca mediram esforços para que eu continuasse os meus estudos, nunca vou poder retribuir o apoio, a dedicação e o amor incondicional que tiveram por mim. Amo muito vocês!

À minha filha Evelyn, pela compreensão, pelo amor, pelo sorriso, pelo carinho, simplesmente por existir, a tua presença me dá força para seguir sempre em frente. Te amo!

Aos meus irmãos, Patrick e Pablo, por me ensinarem a nunca desistir, pela força e pelo carinho, também à minha cunhada Daiane, pelo carinho e pelo respeito, e ao meu sobrinho, Davi, amo todos vocês.

Ao Guerreiras Project, pelos ensinamentos e pelas oportunidades ao longo desse período, este trabalho faz parte de nossas lutas. Somos todas Guerreiras!

se daqui, seja lá o tempo que for, a gente olhar para trás e falar “meu , a modalidade aconteceu no Brasil”, se respeita as atletas, se respeita a modalidade eu vou estar extremamente feliz e vai ser, pronto, consegui o que eu queria (PELLEGRINO, 2015)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a trajetória de Aline Pellegrino, em três alicerces de construção deste trabalho, a sua trajetória como atleta de futebol, treinadora e diretora de projeto social. Esta pesquisa está fundamentada na perspectiva teórico-metodológica da História Oral e história de vida, a obtenção de informações foi realizada através de entrevistas com Aline, bem como de consulta ao seu acervo pessoal, como fotografias, reportagens, diários, dentre outros materiais. Foram realizadas quatro entrevistas com Aline Pellegrino e também a catalogação do material disponibilizado por ela. A análise das entrevistas e do material em questão foi organizada considerando os objetivos desta pesquisa e o referencial teórico, surgindo, assim, três eixos temáticos para a elaboração das análises. O primeiro discute a inserção de Aline na modalidade e como consolidou-se a sua trajetória como atleta, o segundo centra-se no que diz respeito à sua atuação como treinadora de uma equipe de futebol de mulheres. O terceiro contempla a sua experiência como diretora de projeto social e a sua atuação em diversas frentes de empoderamento de mulheres por meio do futebol. Ao analisar a trajetória de Aline Pellegrino, percebeu-se como ocorreu o processo de formação da atleta na década de 90, o seu início no futebol de alto rendimento demonstra a defasagem existente na formação de atletas de futebol de mulheres, que ainda não possui espaços de formação em categorias de base. Outra problemática vislumbrada através de sua trajetória é a inserção das mulheres em cargos de comando técnico em equipes de futebol e as dificuldades em manterem-se no cargo. A invisibilidade vivida pelas mulheres no futebol também pode ser evidenciada no meio acadêmico, em vinte e cinco anos de pesquisas nas revistas mais conceituadas da área da Educação Física, apenas vinte e oito artigos versavam sobre a prática do futebol de mulheres pela ótica das ciências humanas, enquanto que os trabalhos sobre a história de vida de mulheres atletas de futebol foi encontrada apenas uma publicação. Na mídia esportiva, algumas jogadoras retratam a importância de lutas de movimentos sociais, tal como Aline vem fazendo ao apropriar-se de um movimento coletivo como é o Guerreiras Project, atuando, desse modo, na busca por igualdade de gênero não só no futebol, mas em todos os âmbitos da sociedade.

Palavras – chave: Aline Pellegrino; Futebol e Mulheres; História de vida.

ABSTRACT

The main goal of this dissertation is to analyze the life trajectory of Aline Pellegrino with three ground work, her trajectory as a football (soccer) player, as a coach, and as a director of a social project. This research is based on Oral History theoretical methodology perspective and life history. The collecting of information was done through interviews with Aline as well as with her personal collections, such as pictures, interviews in the news, journals, among other materials. Four interviews took place with Aline Pellegrino as well as cataloguing of the material she made available. The analysis of interviews and of the material was organized considering the goals of this research and the theoretical background, with three main themes showing up in the analysis. The first discusses the insertion of Aline in the field and how her trajectory as an athlete was consolidated, the second theme deals with her role as a coach of a women's soccer team. The third theme deals with her experience as a director of a social project and her leading role in many women empowering movements through soccer. By analyzing Aline's trajectory it was perceived how the process of forming the athlete took place in the 90's, how she started in high performance soccer shows how much was lacking in the formation of women soccer athletes which still do not have appropriate spaces for forming athletes in base categories. Another problem seen through Aline's trajectory is the insertion of women in commanding/coaching positions within soccer teams and the difficulties of keeping the position. The invisibility of women in soccer is also evident in the academic field. In a research of a timeframe of twenty five years in the most respected Physical Education journals, only eight articles discoursed about the practice of soccer among women through a humanity perspective, while only one research about women soccer players' life was found. In the sports media some female athletes' portrait the importance of fighting in the social movements like Aline is doing when taking part of a collective movement such as Guerreiras Project, this way, looking for gender equality not only in soccer but in all aspects of society.

Keywords: Aline Pellegrino; Women's Soccer; Life history

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Aline Pellegrino.....	21
Figura 2: Organização do Acervo de Aline Pellegrino.....	45
Figura 3: Organização do Acervo de Aline Pellegrino.....	45
Figura 4: Exposição Futebol e Mulheres no país da Copa 2014.....	47
Figura 5: Camiseta Aline Pellegrino (Copa do Mundo 2011)	47
Figura 6: Oficina Guerreiras Project na UNISINOS.....	48
Figura 8: Carteira de Atleta do São Paulo Futebol Clube.....	57
Figura 9: Equipe do São Paulo Futebol Clube (1997).....	58
Figura 10: Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino 1997 (S.P.F.C.)...	60
Figura 11: Equipe do São Paulo Futebol Clube (1997).....	64
Figura 12: Crachás de Aline em competições pela Uni Sant´Anna.....	67
Figura 13: Jornal Seminário da Zona Norte 2001.....	68
Figura 14: Medalha Universíade 2001	69
Figura 15: Caderno Aline Pellegrino	72
Figura 16: Caderno Aline Pellegrino.....	74
Figura 17: Jornal da Tarde – SP – 27/04/04.....	75
Figura 18: Jornal Diário de SP – 24/08/04.....	75
Figura 19: Jornal A Tarde – SP – 21 de agosto de 2004	76
Figura 20: Jornal da Tarde, Ela é o Cara.....	77
Figura 21: Jornal Agora – SP – 21 de agosto de 2004.....	78
Figura 22: Um Belo Brasileiro.....	79
Figura 23: Jornal Estado de SP – SP – 3 de setembro de 2004.....	80
Figura 24: Aline homenageada pela Uni´Sant´anna.....	81
Figura 25: Aline no O-hara Nagano.....	82
Figura 25: Aline recebe o troféu de Campeã Sul-Americana em 2010.....	83
Figura 27: Diário de São Paulo, 2 de dezembro de 2009.....	85
Figura 28: Santos bi - campeão da Libertadores (Jornal Lance)	86
Figura 29: Calendário Sereias da Vila 2011	87
Figura 30: Lançamento do calendário	87
Figura 31: Brasileiras no Rossiyanka da Rússia.....	89
Figura 32: Caderno Aline Pellegrino.....	93
Figura 33: Aline contratada pelo Vitória de Santo Antão (PE).....	94
Figura 34: Equipe Vitória de Santo Antão – 2013.....	95
Figura 35: Aline no comando técnico do Vitória	98
Figura 36: Santos Futebol Clube x Esporte Clube São José (Nov. 2010)..	103
Figura 37: Oficina do Guerreiras Project no Rio de Janeiro.....	105
Figura 38: Oficina do Guerreiras Project em São Gonçalo (RJ).....	106
Figura 39: Convite do Seminário realizado em Porto Alegre.....	107
Figura 40: Caitlin Fisher e Aline Pellegrino no Curso de formação das embaixadoras do Guerreiras Project.....	109
Figura 41: Aline levantando o troféu de Campeã Paulista.....	111
Figura 42: Neymar levantando o troféu de Campeão Paulista.....	111
Figura 43: Exposição Mulheres e Futebol no País da Copa.....	114
Figura 44: Aline é homenageada na abertura da Exposição.....	115
Figura 45: Equipe do Guerreiras Project na Abertura da exposição.....	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Títulos Aline Pellegrino.....	23
Quadro 2 – Medalhas conquistadas pela Seleção Brasileira de Futebol Feminino entre 1991 e 2015.....	30
Quadro 3 – Artigos publicados sobre futebol de mulheres entre 1990 e 2015.	31
Quadro 4 – Artigos publicados sobre história de vida.....	42
Quadro 5 – Catalogação Acervo Aline Pellegrino.....	46

SUMÁRIO

1. ENTRANDO EM CAMPO COM ALINE PELLEGRINO	13
2. ALINE PELLEGRINO E O FUTEBOL NO BRASIL.....	20
2.1. ALINE PELLEGRINO: A ETERNA CAPITÃ.....	21
2.2. INICIANDO A PARTIDA: AS MULHERES ENTRAM EM CAMPO	25
2.3. DE JOGADORA A COMENTARISTA: A HISTÓRIA DE VIDA PARA ANALISAR A PARTIDA.....	35
3. DEFININDO AS REGRAS DO JOGO.....	41
3.1 A PRODUÇÃO DAS FONTES.....	41
4. A ATLETA: DOS PRIMEIROS DRIBLES À APOSENTADORIA DOS GRAMADOS	52
5. A BEIRA DO CAMPO MAIS UMA VEZ: A EXPERIÊNCIA COMO TREINADORA	89
6. O GUERREIRAS PROJECT: EMPODERAMENTO DE MULHERES POR MEIO DO FUTEBOL.....	100
7. E A BOLA CONTINUA ROLANDO... ..	117
8. REFERÊNCIAS.....	121

1. ENTRANDO EM CAMPO COM ALINE PELLEGRINO

Iniciar a apresentação do meu tema de pesquisa é quase que, simultaneamente, exercitar a metodologia adotada. Ao apropriar-me dos estudos sobre futebol e mulheres, discorro também sobre a minha própria trajetória no futebol. Aos seis anos de idade, envolvi-me com a prática desse esporte e, a partir de então, sem dar-me conta, comecei a ocupar espaços que me levaram a assumir um compromisso profundo com o futebol de mulheres¹.

Nascida e criada na cidade de Restinga Seca, no interior do Rio Grande do Sul, cresci ao lado de meu irmão mais velho e, dentre as brincadeiras de pega-pega, carrinho de rolimã e esconde-esconde, o futebol era a mais presente das brincadeiras, jogávamos na rua, em frente à casa, junto com os amigos da vizinhança e eu, a única menina do grupo, divertia-me entre os meninos.

Ao iniciar os meus estudos, as brincadeiras na escola não eram muito diferentes e, por volta dos nove anos, a minha professora de Educação Física informou-nosa sobre as escolinhas gratuitas de iniciação esportiva para handebol, basquete, vôlei, atletismo e futebol. Ao pedir permissão a meus pais, todas as atividades foram-me permitidas, exceto, o futebol. A educação rígida que tiveram os meus pais, ele, filho de agricultores, e ela, filha de militar, ambos criados dentro dos costumes tradicionais gaúchos, cultura que era ensinada a mim e a meu irmão desde cedo, frequentando o Centro de Tradições Gaúchas e as Invernadas Artísticas, como são conhecidos os grupos de danças tradicionais gaúchas no Rio Grande do Sul. Acreditavam que a prática do futebol não era esporte para menina.

Proibida de participar do futebol, mas movida pelo desejo de praticar o esporte que mais me dava prazer, acabava treinando às escondidas e, assim, aconteceu até meus 13 anos de idade. Percebendo que não haveria como manter a proibição, meus pais permitiram que eu jogasse futebol, embora, até hoje, não aproveem a minha participação nele.

Atuando em diversas equipes de futebol, vislumbrando talvez, torná-lo minha profissão e, paralelamente, também participando de equipes de futsal,

¹ O termo futebol de mulheres será utilizado em contraposição ao termo futebol feminino para conferir maior visibilidade à presença e ao protagonismo das mulheres na modalidade.

eu enfrentei várias dificuldades, entre elas, a falta de apoio financeiro, de infraestrutura, de suporte médico, além de várias outras situações de preconceito vividas por mim e por minhas companheiras de equipe.

Ao optar pelo curso de Educação Física, ingressei na equipe de futsal da Universidade Federal de Santa Maria e, nessa equipe, minha inquietação com o que vivia no futebol foi ficando mais latente, simultaneamente, em uma disciplina que discutia, entre outras temáticas, a participação das mulheres no esporte, a minha curiosidade sobre as razões pelas quais passávamos por aquilo foi aumentando e buscava tentar compreender, de maneira mais profunda, porque essas situações aconteciam.

Nesse período, comecei a frequentar o Grupo de Estudos em Diversidade, Corpo e Gênero, coordenado pela Prof^a Dr^a Angelita Alice Jaeger, no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria (CEFD-UFSM), uma das pessoas que guiou os meus primeiros passos pelos estudos de gênero e de mulheres no esporte.

Hoje, integro o Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GREECO) e, através dele, participo de várias ações que buscam visibilizar as mulheres no esporte, sobretudo no futebol. Dentre elas, destaco: o Programa Futebol e Mulheres, desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte, que busca criar registros sobre a presença das mulheres no entorno desse esporte, assim como realizar eventos e atividades que visibilizem essa presença.

Assim, considerando os dezessete anos que estou imersa no universo cultural do futebol praticado por mulheres, chamo a atenção, nesse momento, para a sua sub-representação no esporte e, mais especificamente, nessa modalidade que, não raras vezes, é associada a nossa identidade nacional.

Para ilustrar a afirmação anterior, trago alguns fatos ocorridos em competições do futebol de mulheres e dados do cenário futebolístico nacional que exemplificam a sub-representação vivida pelas equipes e também pelas jogadoras. De 27 de outubro a sete de novembro de 2013, aconteceu a Taça Libertadores da América de Futebol Feminino na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná. A competição teve a sua quinta edição no Brasil e foi realizada por

iniciativa do Ministério do Esporte, com apoio da Conmebol², entretanto, sem o apoio da Confederação Brasileira de Futebol (REBELLO, 2013).

Essa mesma situação aconteceu com o 1º Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (2013), que contou com a participação de aproximadamente de vinte equipes de várias regiões do país, evento que recebeu R\$ 10 milhões para a sua realização, com o patrocínio exclusivo da Caixa Econômica Federal. De acordo com a página virtual da Agência de Notícias Caixa³, as equipes do Campeonato Brasileiro dos homens, que são patrocinadas pela , como Sport Club Corinthians Paulista, Clube de Regatas do Flamengo e Cruzeiro Esporte Clube, têm contratos em média de R\$ 30 milhões individualmente, enquanto que a equipe do Vasco da Gama, que disputou a 2ª divisão do Campeonato Brasileiro de 2013, recebeu cerca de R\$ 15 milhões.

No mesmo ano de 2013, o presidente da Fédération Internationale de Football Association (FIFA)⁴, Joseph Blatter, em entrevista coletiva para a imprensa realizada durante a Copa das Confederações⁵, declarou que a Federação estava empenhada em criar oportunidades iguais para as mulheres. No cenário brasileiro, Aline Pellegrino⁶ chamava a atenção que, no Brasil, “o futebol feminino está no vácuo, ele não é abraçado pela CBF, ele não é abraçado pelo COB...se todos os braços que envolvem o futebol não se juntarem não vai dar certo”. (UNESP, 2013).

Após quase quarenta anos da regularização do futebol de mulheres no Brasil⁷, percebe-se, hoje, que as atletas estão longe de chegar a uma

² Sigla da Confederación Sudamericana de Fútbol, instituição dirigente do futebol Sulamericano. Fonte: <http://www.conmebol.com/es/content/la-conmebol-como-institucion> Acesso em: 27 maio 2013.

³ Agência de notícias Caixa: <http://www20.caixa.gov.br/Paginas/Noticias/Noticia/Default.aspx?newsID=741>

⁴ A FIFA é a instituição dirigente do futebol mundial. Fonte: <http://pt.fifa.com/aboutfifa/index.html>. Acesso em 20 de maio de 2013.

⁵ A Copa das Confederações é um torneio pré-copa do mundo, organizado pela FIFA. Acontece no ano anterior ao mundial no país que o sediará. A competição é disputada por seis seleções campeãs de cada continente, o seleção do país sede e o atual campeão mundial, totalizando oito seleções.

⁶ Entrevista concedida em 23/10/13 a Rádio UNESP FM no programa Observatório do Esporte. Fonte: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Ek2RZ4hAhVw Acesso em: 2 de fevereiro de 2014

⁷ O Decreto-lei 3199/41, que entrou em vigor no dia 14 de abril de 1941, dizia em seu Art. 54 do Capítulo IX, “Disposições gerais e transitórias”, que “às mulheres não será permitida a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o CND baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. E em 1965, através da Deliberação 7/65, o CND criou a regra que dizia: às mulheres – item 2: não seria permitida a prática “de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, rugby,

igualdade no panorama esportivo se comparadas aos homens. Cristiane Rozeira, considerada a maior artilheira da história dos Jogos Olímpicos, declarou, em 2015, que “o futebol feminino do Brasil regrediu, antes tínhamos campeonatos mais competitivos, eram bem divulgados”.⁸

A gravidade dessa situação foi expressa no manifesto “Nuas e Cruas”⁹, produzido logo depois da derrota da Seleção Brasileira para a Alemanha na Copa do Mundo de Futebol Feminino Sub-20, que aconteceu no Canadá entre os dias cinco e 24 de agosto de 2014. O manifesto foi assinado por mais de cem atletas do futebol e teve circulação nas redes sociais e em alguns “sites” esportivos, tais como Globo Esporte, Lancenet e Terra, cujo conteúdo apontava aspectos sobre a situação da modalidade no Brasil, tais como a inexistência de um calendário fixo de competições, pouco incentivo financeiro para as atletas, baixa visibilidade na mídia, falta de estrutura como centros de treinamento, entre outros. Tal manifesto indicava ainda que, por mais que as brasileiras destaquem-se no universo cultural do futebol, ainda estão longe de receber incentivos significativos na modalidade, de modo que possam vislumbrar, no futebol, uma possibilidade de profissionalização.

Essa percepção foi expressa por Toninho Nascimento, em 2013, então, Secretário Nacional de Futebol e Direitos do Torcedor do Ministério do Esporte, ao declarar que “O futebol feminino é o patinho feio no Brasil. É triste, mas é verdade”¹⁰ (REBELLO,2013). Essas declarações, registradas em 2013, parecem atuais, pois ainda não houve grandes alterações nesse cenário desde então, ainda que algumas iniciativas tenham acontecido, tais como a criação da Seleção Permanente¹¹, a participação da seleção na Algarve Cup¹², o

halterofilismo e beisebol”. Decisão esta revogada somente em dezembro de 1979. (Mourão, 1998)

⁸Entrevista concedida a Attitude Esportiva quando a seleção estava em preparação para a Copa do Mundo do Canadá em 15 de junho de 2015. Fonte:<http://globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2012/09/futebol-feminino-do-brasil-esta-andando-para-tras-critica-cristiane.html>. Acesso em 27 de maio de 2013.

⁹ Ver mais em: <http://esportes.terra.com.br/brasil/blogdobleiro/blog/2014/08/14/estrelas-do-futebol-feminino-lancam-manifesto-nuas-e-cruas/>

¹⁰ Entrevista concedida ao site UOL esportes ao falar da Libertadores da América. Fonte: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/05/07/sem-informar-custo-ministerio-do-esporte-confirma-libertadores-feminina-para-novembro-em-foz-do-iguacu.htm> Acesso em 13 de maio de 2013.

¹¹ A proposta envolve a contratação de um grupo de jogadoras pela CBF, recebendo salários pela entidade e treinando de maneira contínua, exclusivamente, com a seleção até os Jogos Olímpicos de 2016.

Campeonato Brasileiro¹³ e a Copa do Brasil e o investimento de alguns clubes¹⁴ na criação de equipes de mulheres.

Se, na prática do futebol de mulheres, ainda há muito a conquistar, no campo acadêmico, a situação não é muito diferente. Ao realizar um levantamento¹⁵ de pesquisas com temática relacionada à história de vida e do esporte foram encontrados apenas oito publicações e destas apenas uma estava relacionado a mulheres jogadoras de futebol e suas histórias de vida: *“From the Cradle to Athens: The Silver-Coated Story of a Warrior in Brazilian Soccer”*, de autoria de Jorge Knijnik, o qual narra a trajetória da ex-atleta Juliana Cabral, a capitã da seleção brasileira na conquista da medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004.

Considerando esse cenário, esta pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória de uma importante atleta do futebol brasileiro, tendo como eixo condutor as suas próprias narrativas. Trata-se de Aline Pellegrino, referência do futebol nacional, cuja liderança foi fundamental na condução da seleção brasileira, na qual atuou como capitã durante sete anos e meio, feito que é inédito no futebol brasileiro, inclusive naquele praticado por homens.

Após ter atuado por dezesseis anos como jogadora de futebol, Aline aposentou-se em janeiro de 2013, passando a dedicar-se como técnica de futebol em uma equipe localizada na cidade de Vitória de Santo Antão (PE). Formada em Educação Física e realizando um curso de especialização na área do futebol, Aline agrega outra dimensão a sua carreira: é diretora de um coletivo de jogadoras, ex-jogadoras, ativistas e acadêmicas, utiliza o futebol como instrumento para discutir e propor ações de equidade de gênero e empoderamento de mulheres: o Guerrilhas Project¹⁶.

¹² Torneio Mundial disputado, anualmente, em Portugal, na região de Algarve, participam 12 seleções mundiais convidadas pela Federação Portuguesa de Futebol. A seleção brasileira participou pela primeira vez no ano de 2015, disputada de quatro a 11 de março, as brasileiras foram eliminadas pela Alemanha, terminando a competição em sétimo lugar.

¹³ O Campeonato Brasileiro retomou as atividades em 2013, com o patrocínio da Caixa Econômica, participaram 20 primeiras equipes do ranking oficial da CBF.

¹⁴ Santos Futebol Clube, São Paulo Futebol Clube, Vasco da Gama Clube de Regatas e Clube de Regatas do Flamengo retomaram as atividades no ano de 2015, entretanto o São Paulo já anunciou o encerramento da equipe das mulheres, após a disputa do Campeonato Paulista de 2015.

¹⁵ O levantamento foi realizado no portal de periódicos da Capes, Scielo e na Revista de História Oral.

¹⁶ Mais informações em <http://www.guerreirasproject.org/pt/>

Essa breve explicitação tem com objetivo apresentar, de modo muito sucinto, a trajetória da atleta, cuja história de vida possibilita vislumbrar diferentes protagonismos no âmbito do futebol brasileiro. Além disso, de certa forma, apreender um pouco do contexto nacional da modalidade.

Identificando a visível sub-representação do futebol praticado pelas mulheres no Brasil e visando pontuar estratégias para dar maior visibilidade ao esporte e ao protagonismo das atletas, aponto, como norteadora desta pesquisa, a seguinte questão: **Como se deu a construção da trajetória de Aline Pellegrino considerando a sua atuação como atleta, treinadora e diretora de um projeto social?**

Orientada por este questionamento, conduzi a dissertação, fundamentada no aporte teórico-metodológico da História Oral em diálogo com a História de Vida, a qual contempla a seguinte estrutura: No primeiro capítulo, intitulado *Aline Pellegrino e o Futebol no Brasil*, discorro sobre alguns aspectos do futebol brasileiro, destacando alguns temas que me levaram a construir este estudo que narra a carreira de Aline Pellegrino no futebol e os seus desdobramentos, após deixar de atuar como atleta.

No segundo capítulo *Aline Pellegrino a eterna capitã*, apresento etapas da trajetória da jogadora, com destaque para algumas de suas principais conquistas no futebol nacional e internacional. Em seguida, focalizo a sua atuação como técnica de uma equipe de futebol praticado por mulheres e, ainda, a sua intervenção política como diretora do Guerreiras Project.

No terceiro capítulo *Definindo as regras do jogo*, descrevo como se deu a elaboração das fontes de pesquisa, assim como aponto o caminho teórico-metodológico a ser seguido a partir da História Oral com ênfase em História de Vida.

No quarto capítulo *A atleta: Dos primeiros dribles à aposentadoria dos gramados*, exponho a trajetória inicial de Aline no futebol, abordando temas como a inserção das mulheres no esporte e a formação de jogadoras no país. Discorro também sobre a chegada de Aline à seleção brasileira e a sua aceitação como zagueira e capitã no futebol até a sua aposentadoria.

No quinto capítulo *A beira do campo mais uma vez: a experiência como treinadora*, no qual Aline narra as dificuldades de ser treinadora no Brasil, discorro sobre as dificuldades de mulheres adentrarem no campo da gestão

esportiva, principalmente no futebol e também a permanência delas em cargos de comando.

No sexto e último capítulo *Guerreiras Project: o empoderamento de mulheres através do futebol*, aponto como se dá o envolvimento da ex-atleta em várias frentes de atuação na militância pela igualdade e reconhecimento no futebol praticado por mulheres.

2. ALINE PELLEGRINO E O FUTEBOL NO BRASIL

Ao abordar a trajetória de Aline Pellegrino no futebol, também exerço a postura de militante nesse âmbito, entretanto é necessário um esforço no sentido de afastar-me um pouco do objeto de estudo, para que possa vislumbrar esse cenário esportivo no Brasil de uma maneira mais fidedigna como pesquisadora.

Ao utilizar a história de vida e a narrativa do próprio sujeito para elaborar esta dissertação, pude associar as histórias de Aline com as trajetórias de outras pessoas envolvidas com o futebol, histórias de meninas que também jogam ou têm o sonho de serem jogadoras de futebol no Brasil. Neste capítulo, busco apresentar Aline Pellegrino, convidando a conhecer brevemente a sua trajetória com o intuito de situar quem lê esta dissertação sobre a importância dessa esportista na esfera do futebol de mulheres no Brasil.

A trajetória de Aline tem a presença marcante de suas passagens pela seleção brasileira de futebol de mulheres, não só por ter representado o país durante oito anos, mas também pelas suas conquistas, histórias e aprendizagens vividas por ela e por suas colegas de equipe no ambiente da seleção. Tenho como objetivo apresentar e discutir a presença e a visibilidade das mulheres no esporte, neste subcapítulo, também emergem os estudos de gênero que atravessam, em sua maioria, as discussões e as análises desta pesquisa.

Elenco os elementos que compõem a partida de futebol para trazer ao debate a abordagem teórica da História de Vida, no qual remeto a Aline como comentarista que narra a sua história. Destacando a importância dessas narrativas como instrumento privilegiado na análise e interpretação, forneço, portanto, base consistente para o entendimento dos fenômenos históricos individuais.

2.1. ALINE PELLEGRINO: A ETERNA CAPITÃ

O contato inicial com Aline Pellegrino iniciou por intermédio da minha orientadora, Profª Drª Silvana Vilodre Goellner, que conheceu a atleta quando participou do Seminário Internacional Brasil-EUA sobre o empoderamento de meninas, realizado no Rio de Janeiro, em abril de 2013, com temática voltada para o futebol praticado por mulheres. Notando a similaridade entre as questões debatidas por ela e por Aline, que apresentava o Guerreiras Project, percebeu-se a possibilidade de, em um primeiro momento, realizar uma entrevista com a atleta, tematizando a sua carreira no futebol com o intuito de visibilizar a sua trajetória esportiva.

Entendendo a riqueza de uma carreira tão importante no esporte, a disponibilidade da atleta em colaborar com a pesquisa e, sobretudo, a particularidade de sua carreira esportiva, tendo em vista o seu permanente envolvimento com o futebol, decidi, em conjunto com minha orientadora, abordar mais profundamente a sua trajetória, tendo, como eixo principal, a sua própria narrativa. O que descrevo na sequência resulta de uma primeira entrevista a partir da qual contextualizo e problematizo temáticas relacionadas a mulheres e esporte e ao futebol praticado por mulheres no Brasil.

Aline Pellegrino, conhecida no meio futebolístico como “Pelle”, nasceu em sete de junho de 1982, na zona norte da cidade de São Paulo. Foi uma das principais jogadoras da seleção brasileira no período de 2004 a 2013, quando deixou oficialmente os gramados. Aline iniciou o seu envolvimento profissional com o futebol no ano de 1997, no São Paulo Futebol Clube, jogando ao lado de grandes nomes do futebol nacional como Sisleide do Amor Lima (Sissi), ex-atacante da seleção brasileira, que obteve grande destaque na primeira geração do futebol praticado por mulheres, e Kátia Cilene, ex-atacante da seleção brasileira e artilheira em diversas competições, protagonista de uma carreira com projeção internacional.



Figura 1: Aline Pellegrino
Fotografia: Kate Peters (2011)

Aline iniciou a sua vida no futebol como atacante, passando logo a atuar como zagueira, posição que conquistou em função da dedicação ao treinamento intenso que fez nos primeiros anos de sua inserção no futebol. Teve passagens pelas equipes do Clube Atlético Juventus e da Associação Portuguesa de Desportos, ambas equipes de São Paulo. Quando jogou na equipe UniSanta'nna, ligada ao Centro Universitário Santa'nna, foi campeã dos Jogos Mundiais Universitários (Universíade) realizados na China, em 2001.

Um ano após a sua primeira convocação para a seleção brasileira, em 2004, tornou-se capitã, função em que permaneceu por quase oito anos, feito inédito no futebol brasileiro. Pela seleção, conquistou inúmeros títulos, sendo os mais notórios a medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro (2007), o vice-campeonato da Copa do Mundo da China (2007) e a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004).

Em clubes brasileiros, foi bi-campeã da Copa do Brasil (2008 e 2009) e bi-campeã da Copa Libertadores da América com o Santos Futebol Clube (2010), equipe que deu grande visibilidade ao futebol praticado por mulheres, cujas atletas eram chamadas de "As Sereias da Vila". Essa equipe era composta por estrelas do futebol mundial como Marta Vieira da Silva, centroavante da seleção brasileira, eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo; Cristiane Rozeira de Souza Silva, atacante da seleção brasileira, maior

artilheira dos Jogos Olímpicos; Erika Cristiano dos Santos, zagueira da seleção brasileira; Miraildes Maciel Mota, mais conhecida como Formiga, meia atacante da seleção brasileira, única atleta do mundo a participar de cinco edições dos Jogos Olímpicos, desde que o futebol foi incluído como esporte olímpico em 1996.

No futebol internacional, em 2005, Aline atuou no O-hara Nagano, localizado em Ueda no Japão e, de 2011 a 2013, na Rússia pelo WFC Rossiyanka, um clube de futebol da cidade de Krasnoarmeysk, localizada próxima de Moscou, uma das últimas equipes em que Aline jogou.

Decidida pela aposentadoria em janeiro de 2013, Aline anunciou oficialmente a sua saída dos gramados, entretanto, em maio do mesmo ano, assumiu o comando técnico da equipe de futebol de mulheres do Vitória de Santo Antão (PE), equipe na qual permaneceu por apenas três meses, conquistando o título pernambucano de futebol feminino daquele ano.

Quando atuava pelo Santos Futebol Clube, em 2010, Aline conheceu a também jogadora Caitlin Davis Fisher¹⁷, que veio para o Brasil com o sonho de tornar-se jogadora de futebol. Caitlin acreditava que o Brasil era um país que valorizava as jogadoras em função da representação que tinha de ser o “País do Futebol”. Ao deparar-se com a precariedade da modalidade, ela iniciou um movimento de questionar as jogadoras e ouvir as suas narrativas, compartilhando histórias e experiências, tentando apreender preconceitos que enfrentavam para inserir-se e manter-se no futebol. A partir disso, criou o coletivo Guerreiras Project, projeto do qual Aline tornou-se umas das diretoras e principal divulgadora.

Em uma trajetória de dezesseis anos dedicada a jogar futebol, pode-se considerar Aline Pellegrino com uma eterna capitã, visto que as suas características de liderança levaram-na a ser a jogadora brasileira que permaneceu vários anos com a braçadeira da seleção, assim como em outras dimensões de sua vida. Exercendo cargos de liderança, seja à frente de uma equipe de futebol, como treinadora de uma equipe, como professora de Educação Física ou diretora de um projeto social, o que se destaca é o

¹⁷Caitlin Fisher é formada em antropologia pela Universidade de Harvard e possui mestrado em gênero, Desenvolvimento e Globalização pela London School of Economic de Londres, idealizadora do Guerreiras Project

envolvimento de Aline Pellegrino com as diversas temáticas que atravessam o futebol e a sua vida na posição de liderança, tomando a frente em diversas iniciativas de empoderamento das mulheres.

Considerando a importância dessa atleta na história do esporte brasileiro, dar visibilidade a sua trajetória configura-se como um exercício político necessário, dada não apenas a sub-representação do futebol praticado por mulheres nos artefatos midiáticos, como na história oficial da modalidade e também na produção acadêmica sobre o futebol no Brasil. Para visualizar a importância da carreira de Aline, apresento o quadro de medalhas que conquistou especificamente quando atuou pela Seleção Brasileira:

Quadro 1 - Títulos Aline Pellegrino

Competição	Medalha	Ano
Torneio Internacional de Futebol (Brasil)	Ouro	São Paulo (2009, 2011 e 2012), Brasília (2013)
Torneio Internacional de Futebol (Brasil)	Prata	São Paulo (2010)
Universíade	Ouro	Pequim (2001)
Copa América	Ouro	Cuenca (2010)
Copa América	Prata	Mar Del Plata (2006)
Jogos Pan-americanos	Ouro	Rio de Janeiro (2007)
Jogos Pan-americanos	Prata	Guadalajara (2011)
Jogos Olímpicos	Prata	Atenas (2004)
Copa do Mundo	Prata	China (2007)

Fonte: Autora

Evidenciar essas conquistas objetiva apenas e unicamente destacar a relevância da atleta em análise, ou seja, apresentar, de modo resumido, alguns aspectos da trajetória de Aline, cuja análise é o objeto desta dissertação. Uma

vez situada a atleta no cenário esportivo, discorro sobre a presença das mulheres no futebol brasileiro.

2.2. INICIANDO A PARTIDA: As mulheres entram em campo

Uma vez apresentada Aline Pellegrino, foco minha atenção para a presença das mulheres no contexto esportivo, sobretudo, no futebol. Considerando o cenário que apontei anteriormente, tomo como ponto de partida a noção de sub-representação, pois acato-a como significativa para expressar as condições de existência do futebol de mulheres no Brasil. Entretanto, para elaborar essa ideia, julgo necessário explicitar o conceito de representação.

Ao pensar no futebol como um espaço, inicialmente, criado por homens e para homens (REIS, 1998; MOURÃO E MOREL, 2005), no qual há a reafirmação da masculinidade hegemônica¹⁸, coloca-se em circulação uma representação desse esporte. Uma representação que foi cultural e historicamente construída e que, de certa forma, é tencionada pela presença das mulheres nesse espaço.

A ideia de representação, aqui, abordada trata das formas textuais e visuais que descrevem os diferentes grupos culturais e as suas características (SILVA, 2001). Para elucidar como se exerce essa prática de representação, recorro a Hall (1997) quando afirma que a representação liga o significado e a linguagem à cultura. Neste sentido, o conceito de representação opera através da linguagem para dar significado e representar o fenômeno em questão. Envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais esses significados permitem entender nossas experiências e aquilo que somos. (MEYER, 1998).

A representação é parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura. A ideia de representação atua como um sistema de significados produzidos pela cultura que, segundo Jaeger (2009, p. 33), “constituem-se num intenso campo de

¹⁸ Segundo Connel (2013), incorpora a forma mais correta de ser um homem, ela exige que todos os outros homens posicionem-se em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação das mulheres aos homens.

batalhas em cujas disputas são decididos os significados que devem prevalecer e aqueles que devem silenciar num determinado tempo e lugar”. Em que pese essa citação, passo a chamar atenção para o que vem sendo visibilizado e silenciado nas representações que circulam sobre mulheres e futebol e lanço mão, nesse momento, do termo sub-representação, cujo sentido etimológico do prefixo “*sub*” carrega a ideia de que está abaixo, aproximado.

Ao recorrer a ideia de sub-representação, quero afastar-me do discurso de vitimização das mulheres no esporte. Ao contrário, busco compreendê-las como indivíduos que transgridem as normas socialmente construídas, muitas das quais limitam a sua participação no futebol. Ao transgredi-las, aponto que as mulheres tiveram e têm um papel fundamental na busca dos seus direitos nesse esporte. Quando faço referência ao termo sub-representação, estou me referindo a valores, comportamentos e atitudes de um grupo, especificamente as mulheres no contexto esportivo do futebol, que se constituem como sub-representadas dentro de uma representação dominante de futebol.

Desde essa perspectiva, entendo que sub-representação também opera através da linguagem, o que pode ser identificado, seja na forma como as mulheres são tratadas em termos discursivos, seja na ausência de discursos sobre elas. Como ressaltam Souza Júnior, Goellner, Mourão e Reis (2014, p.488).

interessa enfatizar que o futebol é o que é, também pela atuação das mulheres, pois, mesmo que sub-representadas nos discursos oficiais e nas práticas cotidianas da modalidade, as mulheres nele se fazem presentes em diferentes espaços e temporalidades. Vivem o futebol com maior ou menor intensidade, a despeito de serem ou não reconhecidas nele e por ele.

Ou seja, o que, comumente, se vê representado na mídia e nos discursos oficiais é o futebol praticado pelos homens, esse futebol é o referente e sobre o qual o futebol de mulheres é comparado e, em função disso, sub-representado. Tal forma de visibilizar o futebol praticado por mulheres dá-se de diferentes modos e perspectivas. Opto, nesse momento, por destacar alguns fragmentos históricos que contribuem para compreender como deu-se o processo de construção da sub-representação das futebolistas em nosso país.

Como já mencionado anteriormente, em abril de 1941, foi promulgado o Decreto-Lei 3.199 que afirmava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (FRANZINI, 2005 p.322). O decreto foi regulamentado em uma deliberação do Conselho Nacional de Desportos, no ano de 1965, e proibiu as mulheres de praticarem, entre outros esportes, o futebol. Goellner (2005a) admite que os argumentos que sustentam esses discursos estão ancorados em uma representação essencialista dos gêneros, pressupondo que cada sexo teria características inerentes que determinariam a existência de uma essência masculina e/ou feminina natural e imutável. Neste sentido, segundo a autora, a suposta masculinização das mulheres pelo futebol só poderia ser compreendida por uma representação essencialista dos gêneros, que despreza as multiplicidades expressivas permitidas por cada polo. Além do discurso da masculinização da mulher pelo futebol, Goellner (2005a) lembra que se associa, de forma difusa, a essa percepção a suspeição de que a mulher que habita o corpo viril assumiria também uma identidade homossexual. Tais temores estavam nas bases da construção do Decreto, visto que, de certa forma, borravam com a representação de feminilidade construída e valorizada à época que promovia a maternidade e o casamento como espaços de realização das mulheres e, ao mesmo tempo, como elementos integrantes da construção de um Brasil grande. Seja bela, maternal e feminina (Goellner, 2003) era um dos imperativos que circulavam em diversas instâncias sociais e que desenhavam uma representação de ser mulheres, por vezes, tencionada por aquelas que se dedicavam aos esportes, representados como masculinos e masculinizadores, a exemplo do futebol. Segundo Goellner

Mesmo não sendo homogênicos os discursos direcionados para a interdição das mulheres em algumas modalidades esportivas, vale lembrar, que os documentos oficiais que operam nesse sentido expressam as representações normatizadas de feminilidade, em geral, associadas à maternidade e à beleza feminina e, para as quais, esportes considerados como “violentos” deveriam passar ao largo das experiências de sociabilização das meninas e moças (2007, p.145).

Em estudos realizados por Moura (2003), há indícios de que as mulheres tenham conquistado boa visibilidade no futebol na década de 1940. A sua pesquisa aponta que, nessa época, existiam por volta de dez equipes de futebol de mulheres só no estado do Rio de Janeiro e, para formar tais equipes, foi anunciada, em um jornal, uma chamada para mulheres que quisessem integrar a Equipe Primavera Futebol Clube (FRANZINI, 2005).

Com os campeonatos disputados entre as mulheres ganhando visibilidade nos jornais, nas revistas e nos programas de rádio, assim como a atenção da população, despertaram-se variados discursos de apoio a essa prática e também de sua negação. Essa tensão culminou com uma carta encaminhada ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, pelo cidadão José Antônio Fuzeira, manifestando o seu descontentamento com a prática do futebol pelas mulheres. O conteúdo da carta teve o apoio da Divisão Médica de Educação Física do Ministério da Educação e da Saúde, servindo de mote para a criação do Decreto-lei 3.199/41. Veja-se um fragmento da carta:

Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe. Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destroçados da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes. (SUGIMOTO, 2003)

Esse Decreto-Lei só foi revogado no ano de 1979, porém, as mulheres continuaram a enfrentar sérias restrições para continuarem nesse esporte. Para justificar tal formação, recorro ao exemplo do Esporte Clube Radar, uma equipe que despontou em 1981, no Rio de Janeiro, logo após o término da interdição. O Radar acabou em 1988 e, nos anos em que existiu, tornou-se uma referência para o futebol de mulheres no Brasil, o que não se mostrou

suficiente para escapar do que chamo de sub-representação no futebol brasileiro, culminando no seu declínio e extinção.

O descaso atingiu também o Esporte Clube Radar. Durante toda a década de 1980, o clube representou o futebol de mulheres do Brasil dentro e fora do país. Foram vários torneios – oficiais ou inventados pelos dirigentes – que fizeram com que estas jogadoras se tornassem reconhecidas no mundo da bola. [...] Sem um campeonato nacional, não teria quem patrocinasse mais o que tornaria impossível manter uma equipe como a do Radar com jogadoras de fora da cidade. O fim da equipe talvez tenha acontecido quando Eurico¹⁹ assumiu o cargo na CBF, na coordenação da seleção feminina de futebol de campo. Seu interesse, assim, pode ter sido desviado. Ou, de repente, não havia nenhuma pessoa que pudesse ou quisesse o substituí-lo no comando do time. (ALMEIDA, 2013 p. 130)

A equipe do Radar, apesar de figurar pouco na imprensa esportiva da época, chegou a representar a seleção brasileira em competições internacionais na Espanha, precedendo a Copa do Mundo na Espanha. (SILVA, 2015)

O final da década de 1980 foi marcado por um período de silenciamento das atividades no futebol praticado por mulheres, pois, com o fechamento da equipe Radar, não havia um número expressivo de jogadoras que pudessem representar o país nas competições internacionais.

Ao rememorar as suas primeiras lembranças sobre o futebol no Brasil, a ex-jogadora Michael Jackson, na época jogadora do Radar, revela “foi quando foi formada a primeira seleção brasileira, que disputou um torneio feito pela FIFA, em 1988, na China, era um torneio experimental, e a seleção conquistou o bronze” (SANTOS, 2014). Dado o sucesso da seleção naquele torneio e também na Copa Sul Americana, realizada na cidade de Maringá (Paraná), em 1991, a equipe classificou-se para participar da 1^o Copa do Mundo de Futebol Feminino, o primeiro campeonato mundial oficial organizado pela FIFA, que aconteceu na China, no ano de 1991.

O presidente do Radar e chefe da delegação brasileira, Eurico Lyra, tirou do próprio bolso os gastos daquela competição, já que a Confederação Brasileira de Futebol não liberou verba para cobrir os 3,5 milhões de cruzados

¹⁹ Eurico Lyra Filho, organizador e diretor do Esporte Clube Radar.

previstos para viabilizar a presença das brasileiras na Copa. Em coletiva de imprensa, na fase de preparação para a copa, Eurico Lyra chegou a afirmar que tomou essa atitude porque ou “decretava a morte dessa modalidade ou impulsionava” (CABRAL,2009).

Pelo seu interesse no futebol praticado por mulheres, Eurico passou a ser coordenador do Futebol Feminino junto a CBF, onde se manteve até o primeiro mundial em 1991. O dirigente buscava patrocínios para a sua equipe e, com a sua entrada na CBF, passou a angariar fundo também para a Seleção Brasileira de Futebol. O primeiro patrocinado da seleção foi a *Maisena*, que apareceu apenas em 1995, após a conquista do 9º lugar na Copa do Mundo da China (1991), onde cerca de 72 mil torcedores apoiaram a seleção brasileira na vitória contra a Argentina, conferindo ao futebol brasileiro uma relativa visibilidade no contexto esportivo mundial (CABRAL,2009, GUEDES,2013).

Cerca de três anos mais tarde, a equipe das mulheres voltou a emergir no campo futebolístico. Em 1996, o Brasil não disputaria os Jogos Olímpicos de Atlanta, pois havia sido eliminado na primeira fase da Copa do Mundo da Suécia, realizada em 1995. No entanto, na impossibilidade da Inglaterra (6ª colocada no Mundial de 1995) participar dos Jogos Olímpicos, o Brasil herdou a vaga, conquistando a 4ª colocação na competição.

Nos torneios subsequentes dos quais participou, a Seleção Brasileira conquistou o tri-campeonato Sul Americano (Buenos Aires, 1998) e o 3º lugar da Copa do Mundo nos E.U.A, em 1999, que resultou na classificação para os Jogos Olímpicos de Sidney (2000), competição na qual o Brasil conquistou novamente a 4ª colocação. No ano de 2003, a seleção conquistou a sua primeira medalha de ouro ao participar dos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo. Até então, não havia conquistado nenhum título de grande expressividade, nem mesmo algum destaque na mídia brasileira. A sua primeira projeção aconteceu apenas em 2004, em função da sua participação nos Jogos Olímpicos de Atenas, competição que projetou o Brasil no cenário internacional como uma seleção competitiva, visto que conquistou a medalha de prata contando com René Simões²⁰ como o técnico.

²⁰ René Simões é um renomado treinador de futebol, comandou mais de 15 equipes brasileiras, além de todas as categorias da seleção brasileira no futebol masculino e a seleção das

Essa competição gerou boa repercussão na mídia esportiva brasileira, que, em geral, apresentava uma geração vitoriosa no futebol praticado por mulheres, o que os anos vindouros comprovaram. Praticamente com o mesmo grupo, a seleção conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro (2007), a medalha de prata na Copa do Mundo da China (2007) e a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008), conforme se pode visualizar no quadro abaixo.

Quadro 2 – Medalhas conquistadas pela Seleção Brasileira de Futebol Feminino entre 1991 e 2015

Competição	Medalha	Ano
Torneio Internacional de Futebol (Brasil)	Ouro	São Paulo (2009, 2011 e 2012) Brasília (2013 e 2014)
Torneio Internacional de Futebol (Brasil)	Prata	São Paulo (2010)
Universíade	Ouro	Pequim (2001), Esmirna (2005)
Universíade	Bronze	Bankok (2007), Shenzhen (2011), Kazan (2013)
Jogos Mundiais Militares	Ouro	Rio de Janeiro (2011)
Copa América	Ouro	Maringá (1991), Uberlândia (1995), Mar del Plata (1998), Lima (2003), Cuenca (2010 e 2014))
Jogos Pan-americanos	Ouro	Santo Domingo (2003) Rio de Janeiro (2007) Toronto (2015)
Jogos Pan-americanos	Prata	Guadalajara (2011)
Jogos Olímpicos	Prata	Atenas (2004) e Pequim (2008)
Copa do Mundo	Prata	China (2007)
Copa do Mundo	Bronze	E.U.A (1999)

Fonte: Autora

Quando se busca informações a respeito da história do futebol praticado por mulheres no Brasil ou da própria seleção brasileira de futebol, encontram-

mulheres. Sendo o único treinador do mundo a participar de todas as competições oficiais da FIFA. Permaneceu no comando da seleção brasileira de futebol feminino no ano de 2004.

se poucos documentos e registros oficiais da participação das mulheres na criação ou na participação da modalidade. Ao pesquisar o Atlas do Esporte no Brasil (2007), em busca de informações sobre o futebol praticado por mulheres, deparei-me com a afirmação que os dados constam como *não disponíveis* (DaCosta, 2007, p. 218). Quanto aos dados fornecidos pela página virtual do Museu da Seleção Brasileira, situado na Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, junto a sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)²¹, nas mais de seis sessões temáticas que abordam a trajetória da seleção brasileira, as mulheres nem mesmo são citadas em seus registros.

Nas produções acadêmicas sobre o futebol praticado por mulheres, essa pouca visibilidade também pode ser notada. Em um levantamento realizado pela equipe do Centro de Memória do Esporte, no período de 1990 a 2015, no qual foram pesquisados 19 periódicos científicos²², foram encontrados apenas 28 artigos que abordavam a temática de mulheres e futebol.

Quadro 3 – Artigos publicados sobre futebol de mulheres entre 1992 e 2015

AUTORIA	TÍTULO	VEÍCULO	FORMATO	ANO
Leonardo Tavares Martins e Laura Moraes	O Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata	Pensar a Prática	Periódico	1992
Arlei Damo	A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia	Revista Gênero	Periódico	1994
Ana Júlia Pinto Pacheco, Carlos Fernando F. da Cunha Júnior	A Mídia impressa e o 'futebol de saias' do Brasil: Uma análise dos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996	RBCE	Periódico	1997
Luciane de Andrade Barreto	Identidade feminina no esporte: a representação social da mulher no futebol	RBCE	Periódico	1998
Osmar Moreira de Souza Júnior e Suraya Cristina Darido	A prática do futebol feminino no ensino fundamental	Motriz	Periódico	2001
Suraya Cristina Darido	Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica	Motriz	Periódico	2001

²¹ É possível realizar uma visita virtual ao museu da CBF através do link: <http://museucbfexperience.com.br/>

²² ARTUS, Conexões, Corporis, Labrys, Motrivivência, Motriz, MotusCorporis, Movimento, Pagu, Paulista, Pensar a Prática, Perfil, Recorde, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Brasileira de Educação Física, Revista Gênero, Revista Estudos Feministas, Revista UEM.

Luiz Carlos Rigo, Eliane Ribeiro Pardo, Michele Braun Figueiredo, Aline Rodrigues e Viviane Teixeira Silveira	Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame	Movimento	Periódico	2005
Ludmila Mourão e Márcia Morel	As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo	RBCE	Periódico	2005
Silvana Vilodre Goellner	Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades	RBEF	Periódico	2005
Ana Júlia Pinto Pacheco e Carlos Fernando F.da Cunha Júnior	A Imprensa e o Futebol Feminino do Brasil nos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996: Investigando Manifestações de Estereótipo e Preconceito	ARTUS	Anais de congresso	2006
José Geraldo do Carmo Salles, Maria Cecília de Paula Silva e Marta de Moura Costa	A Imprensa Brasileira e o Futebol Feminino – Discurso Produzido e (Re)produzido	ARTUS	Anais de congresso	2006
Lúcia da Costa Leite Reis	A Representação da Mulher que Joga Futebol.	ARTUS	Anais de congresso	2006
Carlos Nazareno F. Borges, Simone Magalhães Lopes, Claudia Aleixo Alves e Fábio Padilha Alves	Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino	Movimento	Periódico	2006
Sergio Ricardo de Sousa Oliveira, Helio Serassuelo Junior, Mabel Martins Mansano e Antonio Carlos Simões.	Futebol feminino de competição: Uma análise das tendências do comportamento das mulheres / atletas em competir, vencer e estabelecer metas.	RBEF	Periódico	2006
Profa. Sandra Letícia Ferreira Magalhães	Memória, futebol e mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007)	Recorde	Periódico	2008
Alexandre Luiz Velho da Silva e Prof. Ms. Walmer Monteiro Chaves	Arbitragem feminina de futebol: a visão dos árbitros	Motriz	Periódico	2009
Enny Vieira Moraes	O museu do futebol e uma história parcial; ou não há futebol feminino no Brasil?	Recorde	Periódico	2009

Marco Antônio de Carvalho Ferretti, Renata PascotiZuzzi, Aline Edwiges dos Santos Viana, Fernando Morales Vilha Junior	O Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim	Motriz	Periódico	2011
Doiara Silva dos Santos, Ana Gabriela Alves Medeiros	O futebol feminino no discurso televisivo	RBCE	Periódico	2012
Leila Salvini, Wanderley Marchi Júnior	Uma história do futebol feminino nas páginas da revista Placar entre os anos de 1980 – 1990	Movimento	Periódico	2013
Fábio Luís Santos Teixeira, Iraquitã de Oliveira Caminha	Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática	Movimento	Periódico	2013
Raquel da Silveira, Marco Paulo Stigger	Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre	RBCE	Periódico	2013
Silvana Vilodre Goellner, Paula Botelho Gomes, Paula Silva	Sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: Um estudo sobre a Algarve women's football cup	Movimento	Revista	2013
Fábio Luis Santos Teixeira, Iraquitã de Oliveira Caminha	Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática	Movimento	Revista	2013
Luciana Nogueira Martins	Futsal feminino: perfil das atletas nos Jogos de Minas Gerais 2012 e implicações pedagógicas	RBCE	Periódico	2013
João Carlos Kotiviski	Um estudo sobre a iniciação do futsal feminino na periferia de Curitiba	RBCE	Periódico	2013
Marcelo Angeloni Cusin, Antonio Coppi Navarro	Perfil psicológico das atletas femininas da Federação Paulista de Futsal	RBCE	Periódico	2013
Annelise Santos Lira Soares Pereira; André João Belacorça Alfaia; Luana Elayne Cunha Souza; Tiago Jessé Souza Lima	Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol	Psicologia e Sociedade	Revista	2014

Fonte: Autora

Ou seja, no levantamento realizado em um período de vinte e três anos, tem-se apenas 28 artigos publicados com relação à prática das mulheres no futebol. Além da ausência nos registros oficiais, da invisibilidade na mídia e no meio acadêmico, as mulheres também vêm sendo sub-representadas no meio acadêmico conferindo pouca visibilidade às histórias que narrem a sua presença nesta modalidade.

2.3. DE JOGADORA A COMENTARISTA: A HISTÓRIA DE VIDA PARA ANALISAR A PARTIDA

Neste subcapítulo, procuro apresentar como a História Oral e a História de Vida podem contribuir para observar um contexto social específico, neste caso, a trajetória de Aline Pellegrino.

A historiografia durante muito tempo manteve uma tradição de debruçar-se sobre fontes documentais, conferindo a oralidade pouca ou nenhuma relevância como registro capaz de narrar algo já acontecido. Um primeiro movimento de superação dessa matriz deu-se por meio da Escola dos Annales, surgida na França, na década de 1920, voltada para a edificação da Nova História, com o propósito de defender uma mudança metodológica, tendo por base três dimensões: novos problemas, novas abordagens e novos objetos, ampliando, assim, a noção de documento histórico e reconhecendo, portanto, a importância das fontes orais (SOUZA, 2007).

Contribuiu para a aceitação dessa possibilidade, o desenvolvimento tecnológico da década de 1950, pois, a partir da invenção do gravador, foi possível a captação de fontes orais, facilitando, assim, o seu registro como posterior consulta.

Acrescido ao movimento tecnológico, os movimentos sociais colocaram, em cena, grupos com pouca visibilidade na oficialidade dos discursos e estes, de certo modo, reivindicaram o direito de falar redimensionando a historiografia. Segundo Souza (2007p. 63),

os negros, as mulheres, os índios, os homossexuais, vão buscar na indagação, do passado, a partir de suas memórias individuais e coletivas, as circunstâncias sociais e culturais que

os conformaram no tempo presente e que permitem pensar em projetos para o futuro.

De acordo com Silva (2008), a obra pioneira a utilizar a História de Vida foi a dos sociólogos W.I.Thomas e F. Znaniecki, no trabalho: “The Polish Peasant in Europe and América”, publicada em 1918, abordava a organização e a reorganização de poloneses ao ingressarem na cultura americana. A partir dessa obra inaugural, emergiram várias possibilidades de trabalhar com a História de Vida, entendida como um método que possui, como uma de suas características, o estreito vínculo entre pesquisador/a e pesquisado/a. Haguette (1992) aponta que a História de Vida pode ser vista a partir de duas perspectivas metodológicas, podendo ser concebida como um documento ou como uma técnica de captação de dados.

A História de Vida, portanto, pode ser um instrumento privilegiado para a análise e a interpretação de fenômenos específicos, na medida em que agrega as experiências subjetivas do sujeito em conjunto a contextos sociais. Como documento ou técnica de captação de dados, pode tornar-se uma base consistente para o entendimento dos fenômenos históricos individuais e, a partir deles, sociais.

Ao invocar a memória de Aline Pellegrino neste trabalho, busco compreender como ela está imbricada com o contexto histórico e cultural, já que a sua experiência no futebol é sentida e vivida dentro de uma determinada cultura. Neste sentido, relacionar a narrativa da atleta com a história do futebol praticado pelas mulheres no Brasil é uma forma de analisar, compreender e interpretar a vida individual, pautada nas relações sociais e, assim, visibilizar a sua história que, ao mesmo tempo, é individual e social.

Desenvolver um estudo sobre um indivíduo na sua singularidade requer do/a pesquisador/a alguns critérios éticos e práticos para a construção do método a ser utilizado (MEIHY,1996), como, por exemplo, a elaboração de um projeto, a definição da(s) pessoa(s) a ser(em) entrevistada(s), o planejamento na condução da entrevista, a transcrição e a conferência por parte da entrevistada, a carta de autorização do uso do depoimento e a publicação da entrevista. Esses procedimentos estão pautados na História Oral, cuja

finalidade é entender e aprofundar os conhecimentos sobre determinada realidade ou um dado momento histórico por meio de relatos orais.

A História de Vida caracteriza-se como uma técnica de cunho sociocultural, utilizada como fonte de informação em diversas áreas do conhecimento, tais como a antropologia, a sociologia, a educação, entre outras (MARCONI E LAKATOS, 2011). Através dela, busca-se resgatar as memórias do entrevistado/a, (re)construindo a sua história de vida de maneira colaborativa entre pesquisador/a e pesquisado/a. Neste caso, a pessoa que conduz a entrevista é de suma importância para o estudo, na medida em que atua como um co-agente da produção da entrevista, ou seja, do documento produzido a partir da História Oral.

Thompson (1992, p. 44) aponta que “a História Oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação”. Segundo Goellner e Jaeger (2007), a História Oral pode ser compreendida a partir de três atribuições: como uma técnica de produção e tratamento de entrevistas; como um método de investigação científica ou ainda como uma fonte de pesquisa. Com relação à sua dimensão metodológica Alberti (1989, p. 52) caracteriza-a

como um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo.

De acordo com Nogueira (2004), a História de Vida propõe uma escuta comprometida, engajada e participativa. Na relação de cumplicidade entre pesquisadores/as e pesquisados/as, há a possibilidade de quem narra a sua história ressignifique a sua trajetória, construindo, assim, um sentido frente a esse relato. Daí a sua proximidade com a História Oral, que é também um modo de captar informações, que permitem uma maior aproximação com a realidade do sujeito. Ao recorrer a essa possibilidade,

os pesquisadores pretendem conseguir depoimentos sobre a história cotidiana, contada por grupos oprimidos, que irão nortear as reflexões históricas. Em outras palavras dar voz aos esquecidos pela história oficial (CAMPOS, 2004 p. 46).

Em estudo realizado por Wittizorecki (2009) sobre as histórias de vida de professores de Educação Física, o autor demonstra como as memórias são utilizadas na construção das histórias de vida desses sujeitos, privilegiando as suas narrativas e permitindo que revisem as suas próprias trajetórias juntamente com o pesquisador. Neste sentido, torna-se necessário,

adotar uma perspectiva metodológica que dê conta do diálogo entre pesquisadores e docentes, que revise permanentemente as relações de poder entre estes e que permita reconstruir com os professores as relações entre seus percursos pessoais e profissionais, visibilizando a reflexão e à valoração que fazem acerca de suas experiências (p. 151)

A História Oral opera com duas possibilidades de elaboração metodológica para a captação do depoimento oral, considerando os objetivos e o tema que será investigado: a entrevista temática e a entrevista de história de vida. A entrevista temática aborda a participação da pessoa entrevistada a partir de um tema específico, enquanto que a história de vida tem como foco central o próprio entrevistado, considerando as suas narrativas. Alberti (2011) destaca que as entrevistas de história de vida contêm diversas entrevistas temáticas e que, ao longo da narrativa, os temas de interesse da pesquisa vão sendo aprofundados. Essa diversidade fez-se presente na edificação desta dissertação. A partir da primeira entrevista concedida por Aline Pellegrino, por exemplo, surgiram alguns pontos de interesse que foram abordados em entrevistas posteriores, tais como a sua passagem pelo Santos F.C e a sua ausência nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.

Pensar na ausência de registros sobre as mulheres no esporte, em especial no futebol, faz-me questionar também que tampouco as suas narrativas são utilizadas como fontes históricas devido ao seu pouco registro. Com relação à utilização das narrativas como fonte de pesquisa, Macedo e Goellner (2013) relatam que

Aquilo que narra não se refere apenas a contextos particulares de pesquisa, mas diz respeito ao que, em determinado tempo, uma área de conhecimento permitiu ou possibilitou fazer ver. Em outras palavras o que e quem visibilizou ou deixou nas zonas de sombra. Se considerarmos que toda narrativa biográfica ou não, demarca opções teóricas, epistemológicas e políticas tal assertiva se justifica para buscarmos respostas às razões pelas quais, no campo acadêmico – profissional da

Educação Física e do esporte sejam os atletas, sobretudo homens, os titulares das produções biográficas (p.164).

Tal afirmação não é difícil de constatar. Se entrar em qualquer livraria e dirigir-se ao setor que agrega as publicações reconhecidas como biografias, facilmente serão identificados livros que narram histórias de atletas homens de diferentes modalidades. O mesmo não se aplica às mulheres, pois raros são os livros nos quais elas são as protagonistas, apesar de serem inúmeras as histórias a serem contadas.

Diante desse cenário, acredito que a escolha pela História Oral e, por consequência, pela História de Vida, como metodologia de pesquisa e como forma de produção de registros configura-se como possibilidades para atingir os objetivos desta dissertação que, em última instância, confere visibilidade ao protagonismo de Aline Pellegrino e, de certo modo, ao futebol praticado por mulheres no Brasil.

A aproximação entre a pesquisada e pesquisadora permitiu que a atleta reconstruísse a sua trajetória a partir de sua narrativa e também com a sua narrativa. Vale lembrar que, ao rememorar, a pessoa ressignifica aquilo que viveu, considerando a relação entre passado e presente. Neste sentido, ao recorrer a suas memórias, Aline colocou em ação experiências individuais e coletivas, pois mesmo que a memória seja sua e tenha como referência as suas experiências e vivências, essa memória está marcada pelo grupo social onde conviveu e socializou-se. Afinal, o seu convívio social mostra-se como um elemento essencial na construção de sua identidade, da percepção que tem de si mesma e dos outros. Ao analisar o caráter social da memória, Rousso afirma:

Se o caráter coletivo de toda a memória individual nos parece evidente, o mesmo não se pode dizer da idéia de que existe uma “memória coletiva”, isto é, uma presença e portanto uma representação do passado que sejam compartilhadas nos mesmos termos por toda uma coletividade (1996, p. 95).

Assim como a entrevista está intimamente relacionada à memória, o seu processamento articula, simultaneamente, pesquisa e documentação visto que possibilita, também, a produção de um documento histórico. (Thompson, 1992, p. 136).

Para Wittizorecki et.al (2006), as pesquisas que utilizam narrativas na Educação Física no Brasil ainda são pouco exploradas. Esse também é um

dos motivos pelos quais me dediquei a investir no entrelaçamento entre a História Oral e a História de Vida, além de entender que, como formas de captação de informações, elas poderiam fornecer elementos adequados para responder a questão que orienta esta investigação. Partilho, portanto, da visão de Meihy (2011) quando aponta que

A história oral de vida é sempre um “retrato oficial”, uma versão “fabricada”, “intencional”. Nessa direção, a “verdade” reside na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar, ocultar, negar, esquecer ou deformar casos, situações. (,p.84)

Ao operar com as entrevistas de Aline, busquei entender aspectos mais gerais do futebol no Brasil, trazidos à tona através de suas memórias. Para tanto, apropriei-me de aspectos metodológicos adequados a esse fim, com o intuito de aproveitar as potencialidades trazidas pela História Oral, como caminho investigativo para o campo da educação física e esportes (Melo et. al 2013).

Considerando os aspectos anteriormente abordados, quero ressaltar que a narrativa construída nesta dissertação não representa a “verdade” sobre a carreira de Aline Pellegrino. Mostra-se, antes, como uma versão tendo como eixo aquilo que a mais longeva capitã da seleção brasileira de futebol experienciou, sentiu, viveu e memorou. Trata-se, portanto, de uma possibilidade para a qual busquei outras referências, para dar-lhe maior verossimilhança. Como aponta Pesavento:

tudo o que foi um dia poderá vir a ser contado de outra forma, cabendo ao historiador elaborar uma versão plausível, verossímil de como foi. Mesmo admitindo uma certa invariabilidade no ter sido, as formas de narrar o como foi são múltiplas e isso implica colocar em xeque a veracidade dos fatos” (2003, p. 51).

Ao buscar a verossimilhança, tentei colocar em diálogo a narrativa de Aline com outras entrevistas e outras fontes de caráter documental e iconográfico, entendendo que, no entrelaçamento de diversos registros, poderiam aflorar aspectos que visibilizariam a carreira da atleta, quiçá, dando-lhe outro tratamento que não a sub-valorização. O fazer da pesquisa é o que passo a descrever no próximo item.

3. DEFININDO AS REGRAS DO JOGO

Identificar uma trajetória tão rica como a de Aline Pellegrino constituiu-se um grande desafio para a construção desta pesquisa, pois demandou a tomada de algumas decisões, como, por exemplo, o que conferir maior ou menor destaque dentro de sua trajetória esportiva. Neste sentido, destaco que a constante colaboração de Aline foi fundamental para que eu pudesse levantar os dados a serem analisados, assim como encontrar outras fontes, além das entrevistas com as quais dialoguei constantemente.

Para tanto, foi necessário investir na produção de material empírico, além das entrevistas com a jogadora e da consulta ao seu acervo pessoal. Essa produção de fontes advém das lentes teóricas que iluminam esta pesquisa e que buscam cotejar fontes de diferente natureza: entrevistas, fotografias, reportagens, objetos, literatura esportiva, etc. Investir na produção das fontes demandou estratégias para sistematizar registros, sobretudo os originários do acervo pessoal da atleta.

Para além do acervo pessoal, para a produção de outras fontes que me ajudassem a apreender informações sobre Aline, recorri a algumas estratégias além de busca em arquivos, tais como o uso das redes sociais, do aplicativo whatsapp, de e-mails e telefonemas, contabilizando, assim, diversas horas de pesquisa e de elaboração de estratégias para a organização dessas diferentes fontes e de sua análise. Em função dessa diversidade, descrevo como deu-se o processo.

3.1 A PRODUÇÃO DAS FONTES

Para realizar esta pesquisa, alguns caminhos foram tomados na busca de informações e fontes que pudessem dar subsídio ao registro sobre a trajetória e o envolvimento de Aline Pellegrino com o futebol. Para tanto, realizei um levantamento inicial sobre as produções no Brasil a respeito da história de vida de atletas e, mais especificamente, sobre o futebol praticado pelas mulheres. Fiz um mapeamento inicial nas plataformas Capes, Scielo e na Revista de História Oral, abrangendo o período de 2000 a 2015, utilizando os

seguintes metadados: história de vida e atletas; história de vida e futebol, história de vida e mulheres. Foram encontradas oito publicações referentes à temática, que podem ser conferidas no quadro a seguir.

Quadro 4 – Artigos publicados sobre história de vida

AUTORIA	TÍTULO	VEÍCULO	FORMATO	ANO
Marcel Diego Tonini	Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)	Biblioteca Digital USP	Tese	2010
Jorge DorfmanKnijinik	From the Cradle to Athens: The Silver-Coated Story of a Warrior in Brazilian Soccer	Sport Traditions	Revista	2011
Claudia Maria de Farias	Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras	Estudos Feministas	Revista	2011
Enny Vieira de Moraes	As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970 – 1990)	PUC/SP	Tese	2012
Mayara de Almeida Barbosa e Eliane Freire de Oliveira	Fabiola Molina: Um mergulho na vida	Intercom	Livro/reportagem	2012
Fernando Antonio De La Espriella	Historia de vida de Lely Luz Flórez Meza: boxeadora colombiana ex-campeona mundial de la categoría wélter junior del Consejo Mundial de Boxeo (CMB)	Educación física y deporte	Revista	2013
Gabriela C. de Souza	Narrativas do judô feminino brasileiro: Construção da historiografia de 1979 a 1992	Anpuh	Anais	2013
Guilherme Augusto Talamoni, Flávio Ismael da Silva Oliveira, Dagmar Hunger	As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador	Movimento	Revista	2013

Fonte: Autora

Essas publicações foram observadas considerando possibilidades de diálogo com minha investigação, sobretudo, no uso da História de Vida na análise de trajetórias esportivas. Do mesmo modo, recorri aos textos anteriormente mencionados sobre futebol e mulheres, os quais contribuíram para entender o cenário dessa modalidade esportiva no Brasil.

Considerando que este trabalho está fundamentado na História Oral e na História de Vida, destaco como fundamentais as entrevistas realizadas com a Aline Pellegrino, as quais, de certa forma, conduziram a estrutura da dissertação. Foram realizadas três entrevistas com a atleta: a primeira teve como foco os seus primeiros passos no esporte e no futebol; a segunda abordou aspectos relacionados à sua curta carreira como técnica de futebol, a sua formação e atuação no campo acadêmico-profissional da Educadora Física, além da sua aproximação com o coletivo Guerreiras Project. Na terceira entrevista, recorri novamente a alguns fragmentos de sua trajetória como atleta e de sua atuação como profissional de Educação Física, como também esclareci alguns aspectos que ficaram pendentes ou pouco esclarecidos nas entrevistas anteriores.

Para tanto, alguns procedimentos foram seguidos, tais como a elaboração do roteiro da entrevista e a sua subsequente realização com foco na história de vida da atleta. Para Alberti, esse tipo de entrevista

tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados (2005, p.37).

Além das entrevistas realizadas com Aline, recorri a outros depoimentos, em especial uma série de entrevistas realizadas pelo Guerreiras Project e pela equipe do Centro de Memória do Esporte (ESEF/UFRGS), as quais integram o Programa Futebol e Mulheres, que é desenvolvido pelo grupo de estudos do qual participo e que tem como objetivo desenvolver ações de visibilidade para as mulheres no futebol, considerado como um espaço de empoderamento.

O meu envolvimento com Aline extrapola o espaço de realização de entrevistas. Durante o período da elaboração da dissertação, convivi com ela em diferentes espaços e situações. O meu primeiro contato deu-se em Porto Alegre, durante a realização do Seminário Futebol e Empoderamento de Mulheres, organizado pelo CEME e pelo GUERREIRAS PROJECT com o apoio da Secretaria de Política para as Mulheres e da Secretaria do Esporte e

do Lazer do Rio Grande do Sul. O evento aconteceu nos dias 26 e 27 de novembro de 2013 e contou com a presença das jogadoras Aline Pellegrino e Caitlin Fisher. Como atuei na organização do evento, estive muito próxima das palestrantes e, de maneira informal, obtive muitas informações sobre o Guerreiras Project e também sobre a carreira de Aline, visto que jogou com Caitlin no Santos F.C. no ano de 2009, período no qual se conheceram, tornaram-se amigas e consolidaram o Guerreiras.

Considerando o meu interesse na temática do empoderamento de mulheres por meio do futebol e também a parceria entre o CEME e o Guerreiras Project, em julho de 2014, participei de um curso de capacitação promovido pelo Guerreiras na cidade de São Paulo, no qual fui formada como “Embaixadora do Guerreiras”. Ou seja, como uma pessoa envolvida com o futebol, formada para ministrar oficinas a partir da metodologia “Mudando cabeças, corpos e campos” com vistas a discutir equidade de gênero e empoderamento de mulheres por meio do futebol.

Aline Pellegrino foi uma das ministrantes do curso, o que possibilitou uma maior proximidade com a jogadora, assim como a visita à sua residência, juntamente com minha orientadora, Profa. Silvana Goellner, e outra colega de mestrado, Suellen Ramos, para conhecer o seu acervo pessoal. Na ocasião, Aline cedeu ao CEME vários materiais que estão catalogados e digitalizados, os quais serão disponibilizados na comunidade Centro de Memória do Esporte do Repositório Digital da UFRGS – LUME²³ O material de Aline estava espalhado em diversas caixas, sacolas e gavetas e a mínima organização, que tinha, foi feito pela sua mãe, Madalena Aparecida Pereira Pellegrino, que guardava os materiais da filha, assim como reportagens que versavam sobre a seleção brasileira de futebol no período em que Aline atuou na equipe. Esse material foi agrupado em duas sacolas e transportado por nós quando retornamos para Porto Alegre.

Tão logo o material chegou ao Centro de Memória do Esporte, iniciei a sua separação, identificação, catalogação e digitalização. Para tanto, criei pastas que foram separadas por ano, visando à maior facilidade de retornar ao acervo no momento da elaboração da dissertação.

²³ Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40501>



Figura 2: Organização do Acervo de Aline Pellegrino
Fonte: A autora



Figura 3: Organização do Acervo de Aline Pellegrino
Fonte: A autora

Uma vez catalogado, o acervo contempla os seguintes materiais:

Quadro 5 – Catalogação Acervo Aline Pellegrino

MATERIAL	QUANTIDADE
Recortes de Jornal	177
Fotos	334
Revistas	3
Diário de competições	2
Cartas	8

Bilhetes pessoais	12
Anotações sobre competições	18
Guia de competições	4
Contratos de trabalho	2
Certificados	15
Entrevistas	4
Crachás	14

Fonte: Autora

Ainda integram o acervo, o uniforme de pódio utilizado pela atleta na Cerimônia de Encerramento dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro (2007), a medalha de ouro que conquistou na Universíade de 2001 e a camiseta que utilizou na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2011. Cabe destacar que o material do acervo configurou-se como uma fonte privilegiada de pesquisa não só para a elaboração desta dissertação, mas sobre outros trabalhos que estão sendo realizados pelo grupo em relação ao futebol de mulheres no Brasil. Algumas de suas peças foram utilizadas ainda na exposição Futebol e Mulheres no País da Copa²⁴, realizada pelo Centro de Memória do Esporte em julho do ano de 2014 na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre e, em outubro do mesmo ano, durante a realização do XV Salão de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul²⁵.



Figura 4: Exposição Futebol e Mulheres no país da Copa 2014
Fonte: Repositório Digital da UFRGS

²⁴ Mais informações sobre a exposição estão disponíveis em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/97081>

²⁵ Mais informações sobre a exposição estão disponíveis em <http://hdl.handle.net/10183/104916>



Figura 5 : Camiseta Aline Pellegrino (Copa do Mundo, 2011)
 Fonte: Repositório Digital da UFRGS

Nos meses de setembro e outubro de 2014, participei de dois eventos sobre futebol, nos quais tive a oportunidade de encontrar novamente com Aline: o III Congresso Internacional de Futebol, realizado em Porto Alegre entre os dias três e cinco de setembro e o 4º Seminário Futebol e Desenvolvimento Social, um outro futebol é possível?, que aconteceu em São Leopoldo com promoção da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) nos dias 30 de setembro e primeiro de outubro.

Nos dois eventos, Aline foi palestrante e, nas suas apresentações, abordou aspectos da sua carreira, discutindo ainda sobre as temáticas das relações de gênero e das mulheres e futebol. As duas palestras foram gravadas e transcritas e também foram utilizadas como fonte.

No evento da UNISINOS, tive a oportunidade de ministrar uma oficina direcionada para adolescentes que frequentam projetos sociais juntamente com Aline Pellegrino e com Suellen dos Santos Ramos. Essa foi a minha primeira oficina como Embaixadora do Guerreiras Project, na qual foram problematizadas questões afeitas à presença das mulheres no futebol brasileiro, à inequidade de gênero e à necessidade de visibilizar-se a modalidade e atuar-se em prol do empoderamento das mulheres no esporte. Essa experiência foi muito importante, pois pude perceber que Aline, além de ter um profundo conhecimento sobre a modalidade, possui liderança para conduzir uma atividade prática, além de conquistar grande empatia do público. A oficina atendeu aproximadamente 35 participantes e teve uma parte teórica,

na qual se discutiu os conceitos e debateram-se situações nas quais existe inequidade de gênero no futebol.



Figura 6: Oficina Guerreiras Project na UNISINOS
Fonte: Repositório Digital da UFRGS

Além das entrevistas realizadas com Aline, recorri a outras entrevistas concedidas por jogadoras de futebol²⁶, que, em algum momento, atuaram com Aline Pellegrino na seleção brasileira, tais como Bia Vaz (Beatriz Vaz e Silva), Maravilha (Marlisa Wlabrink), Bagé (Daiane Menezes Rodrigues), Thais Picarte, Maicon (Andreia dos Santos), Formiga (Miraildes Maciel Mota) e Cristiane (Cristiane Rozeira de Souza Silva). Para entender melhor o contexto inicial da seleção brasileira, entrevistei a jogadora Michael Jackson (Mariléia dos Santos), que integrou a escalação da primeira seleção em 1988 e é atual coordenadora do Futebol Feminino no Ministério do Esporte.

Depois de reunidas as diferentes fontes de pesquisa, foram necessárias algumas técnicas para realizar os procedimentos analíticos. Considerando que, nesta dissertação, as entrevistas foram fontes privilegiadas, inclusive, pela escassez de outros registros, descrevo as etapas desenvolvidas para a sua realização e análise.

Ressalto, de início, que a metodologia que fundamenta o trabalho com a História Oral, nesta dissertação, está ancorada no projeto Garimpando Memórias, desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte desde 2002, o

²⁶ Estas entrevistas estão disponíveis para consulta no LUME – Repositório Digital da UFRGS e nas homepages do Centro de Memória do Esporte e do Grupo de Pesquisa sobre Esporte, Cultura e História.

qual já possui mais de 500 entrevistas realizadas e mais de 380 entrevistas disponibilizadas para consulta no LUME - Repositório Digital da UFRGS.

Em função da longevidade do projeto e do expressivo número de entrevistas já realizadas, a sua equipe desenvolveu, em 2012, o Manual Básico do Projeto Garimpendo Memórias, o qual contém informações que abrangem todas as etapas da realização das entrevistas. Para a coleta de depoimentos, os seguintes procedimentos são adotados:

1. A identificação das pessoas a serem contatadas para as entrevistas. No caso desta pesquisa, essa etapa foi realizada por meio de uma pesquisa inicial prévia acerca da trajetória de Aline Pellegrino e de pessoas que conviveram ou tiveram importância na sua trajetória;

2. Elaboração de roteiros para cada entrevista – esse procedimento foi realizado depois que reuni algumas informações sobre a entrevistado e a sua relação com o tema da entrevista. O roteiro das entrevistas com a atleta contemplou questões relacionadas principalmente à trajetória de Aline no futebol, o seu envolvimento com o Guerreiras Project e a sua atuação como profissional de Educação Física.

3. Realização da entrevista – As entrevistas foram realizadas nos dias 28 de novembro, três de setembro de 2014 e 23 de maio de 2015, sendo registradas em gravador digital.

4. Processamento da entrevista – refere-se ao processo envolvido na passagem do depoimento da forma oral para a escrita, incluindo as etapas de: a) transcrição, onde se transforma a linguagem oral em escrita. Nessa etapa, tive o auxílio de duas bolsista do Centro de Memória do Esporte, b) Copidesque, que tem como objetivo ajustar o documento para a melhor leitura, de modo a corrigir erros de português, pontuação, concordância e alguns vícios de linguagem, sem que seja alterado o sentido do que foi dito. Essa etapa foi realizada pela professora Silvana Goellner; c) Pesquisa – etapa na qual são complementadas informações às entrevistas de modo a qualificá-las. Esses acréscimos são feito em notas de rodapé e, geralmente, estão relacionadas a informações sobre pessoas, instituições e locais mencionados pela pessoa entrevistada; d) e a leitura e a revisão final da entrevista, realizada por mim e pela professora Silvana Goellner.

5. A devolução à entrevistada da entrevista na linguagem escrita para que faça alterações, caso julgar necessário. No caso de Aline, esse processo foi realizado através da troca de e-mails, que, em alguns casos, ocorreu mais de uma vez até a finalização das três entrevistas.

6. A assinatura da Carta de Cessão (ANEXO A) concedendo ao Centro de Memória do Esporte do Esporte da Escola de Educação Física a propriedade e os direitos de divulgação do depoimento de caráter histórico e documental. Essa etapa foi cumprida no momento em que realizei a primeira entrevista. Aline também cedeu os direitos de uso de imagens e de seu acervo pessoal.

7. Catalogação da entrevista conforme orientações específicas do Projeto Garimpando Memórias, visando à organização do seu acervo. As entrevistas de Aline Pellegrino estão registradas sob os números E372, E434 e E481.

8. Disponibilização da entrevista, de fotografias e de documentos para consulta através do Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte <http://www.repositorioceme.ufrgs.br/>. A primeira entrevista com Aline já está disponível no repositório, assim como alguns objetos, fotografias e documentos (certificados e crachás).

No que tange à análise das entrevistas, Pinsky (2011) indica que “é preciso saber “ouvir” o que a entrevista tem a dizer”. Ou seja, prestar atenção ao que a narrativa explicita, assim como aquilo que a pessoa entrevistada revela, considerando a sua visão dos acontecimentos e da sua própria história de vida. O que a autora aborda sobre “ouvir” o que a entrevista diz é entender os significados produzidos por essa narrativa, lendo com atenção os detalhes que ela proporciona. Em suas palavras, “as partes se relacionam com o todo e como essa relação vai constituindo significados sobre o passado e o presente e sobre a própria entrevista (PINSKY, 2011 p. 185).

Esse modo de analisar a entrevista deu-se de forma concomitante à leitura dos documentos de seu acervo, processos que permitiram analisar a sua trajetória considerando a assertiva de que nada está fora das representações e dos fatos que relembra. Segundo Portelli:

As representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envolvidos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral, que é contabilizada como história com fatos reconstruídos, mas também aprende, em sua prática de trabalho de campo dialógico e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações. (1996,pg 41)

A história do futebol praticado por mulheres, como visto anteriormente, conta com poucos registros oficiais de suas competições, títulos, jogadoras, clubes etc. Tratar esse tema utilizando o aporte teórico-metodológico da História Oral, proporcionou-me ferramentas para observar essa modalidade como uma representação daquilo que é ou foi vivido por Aline em determinado período, cujo rememorar (re) construindo-o o passado ao mesmo tempo que permitiu existir no presente.

Após realizadas e processadas as entrevistas de Aline e analisado o seu acervo pessoal, foi possível identificar os três eixos temáticos que estruturam esta pesquisa. Esses temas que emergiram da narrativa da atleta e de sua projeção no campo universo cultural do futebol praticado por mulheres no Brasil dividem-se em dois grandes temas, os quais foram agrupados considerando a sua presença dentro e fora dos gramados dos campos de futebol.

Para descrever a história de vida de Aline no futebol brasileiro, desenvolvi três capítulos analíticos. No primeiro deles, abordo a sua inserção no esporte, a trajetória como atleta e, por último, o encerramento de sua participação como jogadora. No segundo, descrevo como se deu a construção de sua curta trajetória como treinadora de futebol e o terceiro dedico à sua atuação como diretora do Guerreiras Project e à sua atuação como profissional de Educação Física.

4. A ATLETA: dos primeiros dribles à aposentadoria dos gramados

Aline Pellegrino, chamada no meio esportivo de “Pelle”, nasceu em sete de junho de 1982 em São Paulo (SP), sendo criada em um condomínio da zona norte no Bairro Tremembé. Filha de um vendedor e de uma professora, tem um irmão mais novo que é músico. Aline teve contato com o esporte aos seis anos de idade, por conta de uma doença respiratória que atingiu o seu irmão, cujo médico indicou a prática de atividade física como uma etapa importante para a sua recuperação. Em função disso, a sua família matriculou os irmãos em uma escolinha esportiva pertencente ao Clube Atlético Silvicultura, localizado no Horto Florestal, que era próximo à residência da família. Tão logo entrou na escola, Aline envolveu-se com a ginástica, o handebol, o atletismo e o voleibol. Em sua primeira entrevista, destaca que estudou em uma escola privada da 1ª a 6ª série do ensino fundamental e lá vivenciou aulas de Educação Física que lhe oportunizavam a prática de várias atividades esportivas.

Competia com as meninas, sobrava, tirava onda, ganhava tudo, minha mãe conta muito isso, que depois no colégio particular da primeira à sexta série, sempre tinha as olimpíadas e tinha premiação, aquela música... “E aí agora da primeira série C, Aline Pellegrino!” “Premiação do salto em distância da primeira série C: Aline Pellegrino!”, “Coletivo, primeira série C: Aline Pellegrino!”. Então, na premiação das olimpíadas do colégio, eu saía com o pescoço cheio, a minha mãe ficava com vergonha, “Aí Aline...” Olha que engraçado, então, a minha primeira olimpíada foi na primeira série e eu fazia tudo, fazia o salto em distância, fazia corrida de 50, eu tenho isso em casa ainda, eu tenho esses troféus, eu tenho algumas medalhas dessa época, fazia corrida de 50, então: Ouro no salto em distância, ganhava corrida de 50 metros, ganhava corrida de 100 metros, ganhava na minha sala porque eu era boa pra caramba, então, a gente ganhava no coletivo do handebol, ganhava o coletivo no basquete, ganhava o coletivo no futebol. Naquela época, como a gente era muito novinha, não tinha o vôlei, era o câmbio e ganhava no câmbio. Aline Pellegrino 4 Conclusão: no mínimo, eram umas seis medalhas e lá vai Aline Pellegrino... Foi assim na primeira, na segunda, na terceira, aí minha vó morava lá no interior disse: “Vai ter a maratona na cidade, vamos lá inscrever a Aline.” Peguei segundo lugar, não lembro quem foi que ganhou de mim: segundo lugar. Aí no dia na festa da cidade, chamava no palco: “Da cidade de São Paulo, Aline Pellegrino, segundo lugar!” Então, assim, sempre fui envolvida com o esporte e fazia tudo isso (PELLEGRINO, 2013 p 4.).

A partir desse envolvimento com os esportes, Aline desenvolveu o seu gosto pelo futebol e, por volta dos sete anos, começou a jogar na rua com os meninos da sua vizinhança. Conforme relata na sua primeira entrevista:

Era uma série de sobrados onde eu morava, e, aí, a rua, no final dela, era uma baita subidona, uma ladeira, era onde os meninos jogavam, na ladeira mesmo, e colocavam o chinelo, o tijolo, quem ganhou joga na descida, quem perdeu joga na subida, e eu ficava ali. Outra coisa também que eu tenho é não é porque eu cheguei aqui que eu não conheço ninguém, eu dou um jeito de fazer um oi, fazer alguma coisa, rapidamente eu já dava um jeito de participar, de interagir, desde a primeira vez que eu vi o futebol na rua, eu: “Dá pra jogar?” e eles: “Não, tá em número par!”. Eu dizia: “Eu vou para o gol, eu vou apitar!” Então, a primeira vez que eu tive contato com o futebol, com a bola de futebol, que eu vi ali o que os meninos estavam fazendo, correndo atrás da bola, não sei, parece que eu tinha um imã para o futebol, era uma coisa que me atraía muito (PELLEGRINO, 2013, p.2).

Em estudo realizado por Silveira (2008) sobre uma equipe de futsal na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a pesquisadora identificou que a inserção das futebolistas dessa equipe deu-se predominantemente por meio de jogos e brincadeiras realizados na rua, espaço que era apropriado pelas crianças e adolescentes como um local de lazer e de socialização. Essa mesma situação aparece nas entrevistas com jogadoras de futebol realizadas projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte. Das dezesseis entrevistadas, onze afirmam ter iniciado a sua participação no futebol jogando em seus bairros, sendo que, em sua maioria, foram conduzidas a esse esporte por pessoas da própria família como irmãos, primos, tios ou pais.

Aline parece ter se socializado no futebol junto ao espaço público, pois sempre que tinha oportunidade agrupava-se com os meninos da vizinhança e com eles brincava e jogava futebol. Essa presença causou certa reação por parte de seu pai, Francisco Antônio Pellegrino, que, segundo a atleta, inicialmente, era contrário à sua participação em brincadeiras relacionadas ao que ele considerava como mais adequadas aos meninos, tais como empinar pipa, rodar peão, produzir balões para as festas de São João e jogar futebol.

Aline, ciente do não contentamento do pai, desenvolveu estratégias para disfarçar a sua participação no futebol dos meninos (era a única menina que integrava os times da vizinhança) e, não raras vezes, combinava com os amigos para, quando vissem o seu Francisco aproximando-se, que a avisassem para tentar disfarçar o que, de certo modo, já era percebido pelo pai. Aline, então, afastava-se do grupo e posicionava-se em um lugar qualquer, de modo a parecer que não estava jogando futebol, mas envolvida em outra brincadeira qualquer.

Tal disfarce não enganava Francisco que percebeu o desejo da filha de inserir-se no futebol. Ao identificar as suas habilidades e convencido da paixão da filha pelo esporte, o pai fez uma pesquisa nos clubes existentes na cidade de São Paulo para saber em quais deles havia equipes de mulheres. Fez, então, contato com o São Paulo Futebol Clube e inscreveu a filha para participar de uma peneira²⁷. Aline foi aprovada na seleção e, desde então, seu pai tem sido um grande incentivador da sua carreira, tornando-se, digamos assim, uma espécie de conselheiro e, por vezes, treinador. Segundo Aline, em diversos momentos de sua carreira como atleta, além de ser cobrada em campo pelos seus treinadores, ao encontrar o pai, percebia que ele desempenhava a mesma função. Atento aos jogos que a filha disputava, Francisco não se furtava de tecer comentários, fazer recomendações, indicar jogadas, cobrar posicionamento diante das adversárias.

meu pai ficava o dia inteiro me pilhando dentro do carro: “você não podia ter errado aquele passe”; “você não podia ter perdido aquele gol” e eu brigava com o meu pai, não tinha maturidade nenhuma para entender aquilo de autocrítica, de tentar fazer uma relação se eu errei mesmo, então, era sempre culpa dos outros né, “não fui eu, foi a outra que errou!” (PELLEGRINO, 2013, p.8)

Aline guarda, em seu acervo, vários bilhetes escritos pelo pai, a partir dos quais é possível perceber como Francisco acompanhava a carreira da filha, registrando as suas observações sobre os jogos e sobre o seu desempenho.

²⁷ Peneira é um jogo/teste realizado pelos clubes de futebol, onde as jogadoras são observadas e avaliadas para integrarem as equipes.

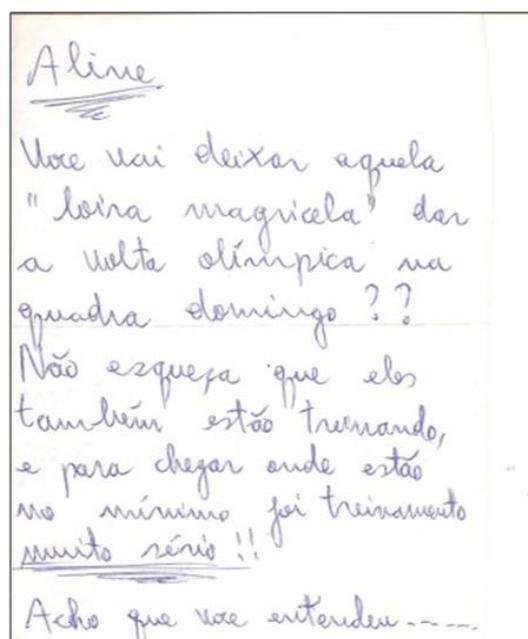
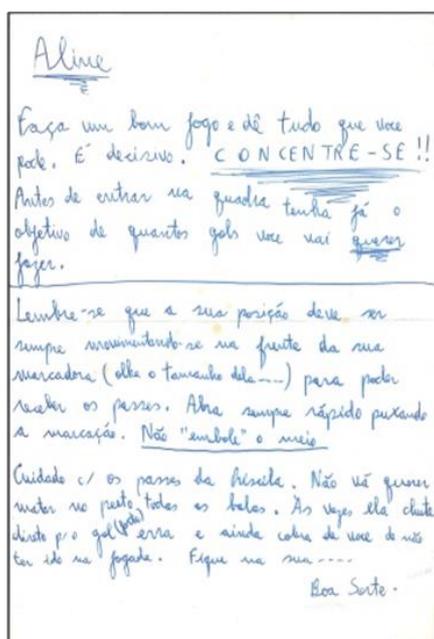
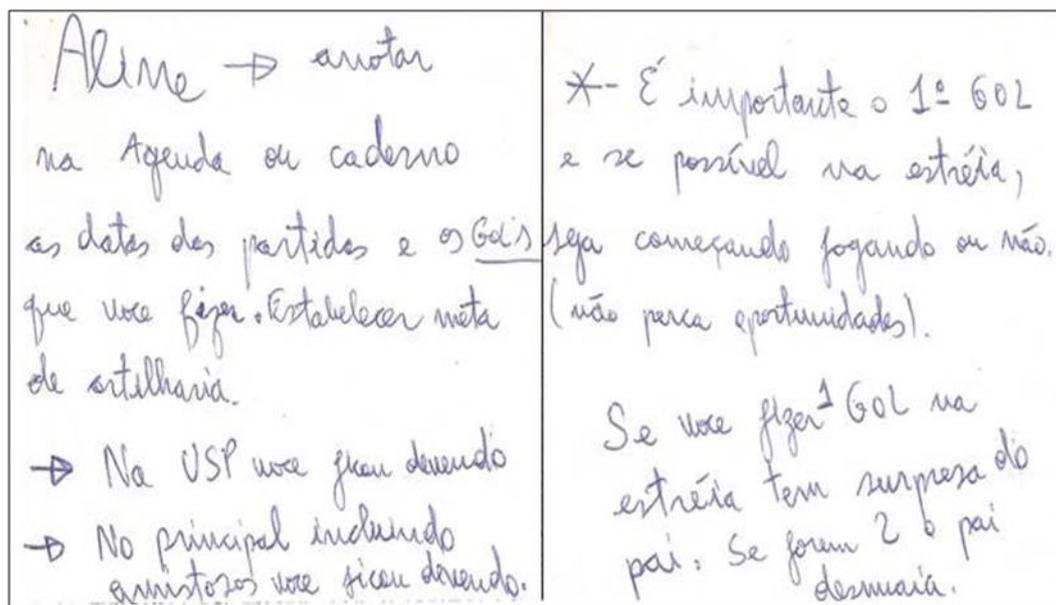


Figura 7: Bilhetes de Antonio Pellegrino para Aline
Fonte: Acervo pessoal Aline Pellegrino

A carreira clubística de Aline iniciou, portanto, junto ao São Paulo Futebol Clube. Em entrevista concedida para a jornalista Lu Castro, em 2015, e publicada no Blog Futebol para Meninas²⁸, a atleta registra:

²⁸ Disponível em <http://blogs.lancenet.com.br/futebolparameninas/2015/02/23/entrevista-exclusiva-com-aline-pellegrino/>

Tive a sorte de iniciar em um clube grande. A maior dificuldade não foi em relação a estrutura e sim a transição muito rápida do que era uma brincadeira para um sistema mega profissional. Mas assim que sai do São Paulo, comecei a viver uma outra realidade no que diz respeito a estrutura e isso só mudou com a minha ida para o Santos Futebol Clube em 2008, ou seja, praticamente 10 anos depois (PELLERINO, 2015, s.p.).

Aline ainda guarda, em seu acervo, a carteira de filiação na Federação Paulista de Futebol, cujo ingresso como atleta ocorreu aos quinze anos por meio do São Paulo Futebol Clube. A inserção das mulheres no meio futebolístico, nos anos 90, era tão recente que a própria Federação Paulista não tinha conhecimento sobre como tratar essas atletas. Em seu cartão de identificação, destaco, na parte superior, “atleta feminino” para identificar as mulheres que ingressavam no São Paulo Futebol Clube. A simples mudança na carteirinha, definindo o gênero da atleta marca como a chegada das mulheres no futebol desestabiliza o que é definido socialmente no meio esportivo, ou seja, adentrando em um espaço ainda muito delimitado para os homens. Pode-se afirmar que esse espaço ainda era relativamente novo para as mulheres.

FEMININO

x *Aline Pellegrino*
ASSINATURA DA ATLETA

Federação Paulista de Futebol
ENTIDADE DE DIREITO PRIVADO
PENALTY

CARTÃO DE IDENTIDADE DE ATLETA FEMININO Nº _____

Atleta ALINE PELLEGRINO

Nacionalidade BRASILEIRA Nasc. 06/07/82

Associação SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

Da cidade de SÃO PAULO

São Paulo, 07 de JULHO de 19 97

F.P.F. _____

Mod. 215 - 250 cartões - 03/97 - ADM. EDUARDO J. FARAH

Figura 8: Carteira de Atleta do São Paulo Futebol Clube
Fonte: Acervo pessoal Aline Pellegrino

Naquele período, a equipe do São Paulo Futebol Clube era um dos destaques no cenário nacional e contava com jogadoras experientes e já

consagradas no futebol brasileiro, tais como Katia Cilene²⁹, Sissi³⁰, Formiga³¹, Cidinha³², Maravilha³³ e Juliana Cabral³⁴, além do técnico José Duarte (Zé Duarte), reconhecido como um dos grandes incentivadores do futebol praticado por mulheres com passagem pelo comando da seleção brasileira nos anos de 1995 e 1996.



Figura 9: Equipe do São Paulo Futebol Clube (1997)
Fonte: Acervo do Museu do Futebol

Naquela época, no estado de São Paulo, havia outras equipes que disputavam algumas competições como o Sport Club Corinthians Paulista, a Sociedade Esportiva Palmeiras, o Santos Futebol Clube, o Clube Atlético Juventus, o Lusa/Sant'anna, a Universidade Presbiteriana Mackenzie e a Universidade de São Paulo, que disputaram o Torneio Início, uma competição

²⁹ Kátia Cilene Teixeira da Silva, ex-jogadora de futebol, atacante que atuou pela seleção brasileira em Jogos Olímpicos e Copas do Mundo.

³⁰ Sisleide do Amor Lima, ex-jogadora de futebol, ex-atacante de futebol foi artilheira da seleção brasileira, atualmente, é a técnica da equipe *Las Positas College Women's*, em [Livermore](#), na [Califórnia](#).

³¹ Miraildes Maciel Mota, atua como meia –atacante, em 2015, completou 20 anos servindo a seleção brasileira. É a única jogadora do mundo a ter participado de cinco edições de Jogos Olímpicos.

³² Maria Aparecida de Souza Edil, ex-jogadora de futebol, atuava como atacante e serviu a seleção brasileira de 1996 a 2000.

³³ Marlisa Wahlbrink, ex-jogadora de futebol, atuava como goleira, defendeu a seleção brasileira em Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, atualmente trabalha como preparadora de goleiros.

³⁴ Juliana Ribeiro Cabral, ex-jogadora de futebol, atuou como zagueira na seleção brasileira, vestindo a braçadeira de capitã durante os jogos olímpicos de Atenas em 2004. Atualmente, é comentarista de futebol da Rádio Globo.

realizada em 1997, que marcou o começo das atividades do Campeonato Paulista daquele ano.

Assim que passou a integrar a equipe, Aline, ainda muito jovem, sentiu muitas dificuldades durante os treinamentos, em especial pela falta de preparo físico. Jogar na rua, em caráter informal, era muito diferente de atuar em uma equipe, sobretudo a do São Paulo, cujo grupo era composto por mulheres com mais idade e experiência.

Sobre essa diferença de gerações em uma mesma equipe, é interessante registrar que, no futebol praticado por mulheres no Brasil, não é um fenômeno raro encontrar as jogadoras das categorias de base treinando em conjunto com as atletas das equipes principais. Aline destaca como reagiu a esse processo, o qual se mostrou como um desafio e também como uma dificuldade. Nas suas palavras:

Você treinava dois períodos, treinamento físico, eu lembro como se fosse hoje, um dos primeiros treinos físicos que eu fiz mesmo, o preparador físico virou pra mim e perguntou se eu fumava [RISOS]. “Quinze anos, você fuma?”. E eu: “Não, eu tô morrendo mesmo!” Então, foi assim, um baque muito grande. Por exemplo, tinha a turma mais nova, claro, eu logo já fechei com as meninas mais novas, com a turminha mais ali, e a gente treinava de manhã, tomava um banho e ia para o treino da tarde, e as meninas mais velhas aceleravam a gente no banho, e nós lá tomando banho, fazendo uma bagunça e elas aceleravam a gente no banho, porque elas queriam dormir, descansar para o treino da tarde. Eu tinha uma adrenalina, uma energia que era incrível, eu não dormia por nada nesse mundo e ia para o treino da tarde e jogava sinuca, a gente jogava baralho, fazia mil coisas. (PELLEGRINO, 2014, p. 6)

Em que pesem as diferenças entre as expectativas das atletas, as suas experiências em campo e as suas perspectivas na profissão, Aline integrou a equipe principal e, já em 1997, vivenciou a sua primeira competição oficial: o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, tendo como time vencedor o São Paulo Futebol Clube. Ou seja, em sua estreia nos gramados, conquistou o primeiro de muitos títulos da carreira.

Ao pesquisar o seu acervo, identifiquei uma fotografia que registra a chegada da delegação do São Paulo no estádio do Esporte Clube de Taubaté, onde foi disputada uma das partidas daquele campeonato.



Figura 10: Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino 1997 (S.P.F.C.)
Fonte: Acervo pessoal Aline Pellegrino

O Campeonato Paulista 1997 teve certa visibilidade midiática, sendo registrado por alguns jornais, sobretudo esportivos. Ao buscar referências sobre a competição, deparei-me com duas reportagens publicadas na Gazeta Esportiva que noticiam a participação do São Paulo. Na primeira delas, publicada no dia 16 de novembro de 1997, está registrada a vitória da equipe de Aline: “São Paulo atropela a Lusa” por 1 x 0 com gol de Kátia Cilene. A mesma atleta é referenciada na reportagem do dia 19 de novembro, quando marcou cinco gols contra a equipe do Raio da Gávea, jogo que o São Paulo venceu por 8 x 0.

A experiência vivida por Aline, ao iniciar a sua carreira como atleta já participando de uma equipe que continha atletas com grande experiência, parece fazer parte da história do futebol praticado pelas mulheres no país. Se observar-se o cenário atual, quase vinte anos depois de a atleta revelar essa defasagem nas categorias de base, verifica-se que a situação é muito semelhante a da década de 1990, visto que ainda existem equipes com jogadoras com idades bastante diferenciadas.

Um exemplo dessa constatação pode ser observado na própria Seleção Permanente³⁵ criada em 2014 pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), com vistas aos Jogos Olímpicos de 2016. Com caráter de atuação exclusiva³⁶, a equipe agrega uma atleta muito experiente, como Formiga, de 37 anos, a única jogadora do mundo a participar de cinco edições de Jogos Olímpicos e de seis de Copa do Mundo com vinte anos de atuação pela seleção, e uma recente promessa, Andressinha, jogadora que tem 20 anos, com atuação pela seleções sub-17 e sub-20, da qual foi capitã no Campeonato Mundial realizado no Canadá em 2014.

A falta de uma maior estruturação do futebol brasileiro com vistas à formação de jogadoras pode ser identificada no descaso com a existência de categoria de bases em clubes e agremiações. Osmar Moreira de Souza Junior, em seu estudo com três equipes que disputaram o Campeonato Paulista de Futebol Feminino de 2011, chama a atenção para essa situação, quando aponta que o Manual de Licenciamento dos Clubes, lançado, em 2012, pela Federação Paulista de Futebol, apresenta certo menosprezo ao futebol feminino, pois estabelece “as diretrizes que sinalizam para a exigência de que todos os seus clubes afiliados estruturem suas categorias de base, desde a sub-11, sem qualquer tipo de menção quanto ao gênero, mas dando claros indícios de que se restringe ao futebol masculino” (SOUZA, 2013, p, 291).

A pesquisa realizada por Rosa, Costa e Navarro (2009) sobre a formação de jogadoras de futebol indica que, em 2008, no Brasil, não havia categorias de base no futebol de mulheres. Das dezesseis equipes abordadas no estudo, nenhuma contava com essas categorias e nem havia preocupação com a formação de novos quadros para a equipe.

Na terceira entrevista concedida por Aline para o projeto Garimpendo memórias, a atleta reforça essa ausência ao expressar: “por falta de estrutura

³⁵ No ano de 2015, a seleção permanente participou dos seguintes torneios: a Algarve Cup, disputada em Portugal em março, eliminada ainda na fase de grupos pela seleção da Alemanha; a Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA, que aconteceu no Canadá em junho e julho, eliminada pela seleção da Austrália nas oitavas de final; e os Jogos Pan-Americanos de Toronto em junho, conquistando a medalha de ouro, depois de vencer a seleção colombiana.

³⁶ Esse caráter deixou de existir, fundamentalmente, após a conquista da medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos do Canadá, pois várias jogadoras foram transferidas para os clubes do exterior, tais como Tamires (Dinamarca), Rosana e Debinha (Noruega) Andressa Alves, Christiane e Erika (França), Rafaela Travalão (Alemanha), Andressinha e Thaisa Moreno (EUA), Poliana e Francielle (Islândia).

na modalidade, falta de categoria de base consistente, você acaba colocando todo mundo no mesmo bolo, infelizmente isso retrata a realidade do futebol feminino.” (PELLEGRINO,2015 p.9). Essa realidade, para muitas pessoas envolvidas com o futebol, tem sido um dos impeditivos para que o futebol de mulheres no Brasil apresente melhores resultados. O ex-jogador de futebol e atual senador Romário, em pronunciamento na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal, em 27 de maio de 2015, teceu a seguinte afirmação:

As mulheres são livres para jogar, mas a falta de acesso a instrumentos de organização, divulgação e financiamento ameaça seriamente o futuro do esporte. Vários países estão nos ultrapassando, especialmente no que diz respeito ao financiamento das categorias de base³⁷

Aline, a partir de sua experiência no início da carreira, acredita que esse quadro seria alterado caso houve campeonatos estaduais estruturados e categorias de base que dessem subsídios para que as atletas não pulassem etapas em seu desenvolvimento profissional. Segundo Souza Junior, “faz todo sentido relacionar essa suposta defasagem em termos técnico-táticos do futebol feminino tomando-se por base a ausência de um melhor planejamento do processo de aprendizagem e formação ligado às chamadas categorias de base” (2013, p. 84).

Cabe ressaltar que, apesar das dificuldades apontadas em estudos como o de Souza Junior, (2013), Almeida (2015) e Silva (2015), há algumas iniciativas direcionadas para a estruturação do futebol a partir das categorias de base. Menciono apenas uma delas porque tive a chance de visitar, inclusive, em companhia da Aline Pellegrino. Trata-se da Associação Desportiva Centro Olímpico na cidade de São Paulo, mantida por meio de uma parceria entre a Prefeitura de São Paulo e as empresas Marabraz³⁸ e Liderrol³⁹. No início de 2015, além da equipe principal, o Centro Olímpico agrupava cerca de 120 meninas que treinavam nas categorias de sub-13 à adulta. Ainda sobre as

³⁷ Disponível em <http://www.romario.org/news/all/quantas-martas-estamos-perdendo-cada-ano-questiona-romario-em-debate-sobre-futebol-feminino/>

³⁸ Lojas Marabraz é uma empresa que tem sua sede localizada em São Paulo, tornando-se uma das maiores redes varejista de móveis do país.

³⁹ Liderrol Indústria e Comércio de Suportes Especiais é uma empresa de engenharia e construção, principalmente no setor de óleo e gás.

categorias de base, outro aspecto que tem merecido críticas por parte de pessoas envolvidas com o futebol é a ausência de campeonatos que possibilitem a aquisição de experiência por parte das jovens atletas. Em entrevista concedida para o jornalista Guilherme Costa da UOL Esportes, no dia nove de agosto de 2014, Oswaldo Fumeiro Alvarez (Vadão), treinador da seleção permanente, teceu o seguinte comentário: “Também precisamos fazer um trabalho árduo para criar competições na base. Precisamos incentivar prefeituras para que deem apoio” (COSTA, 2014, s.p.)⁴⁰.

No ano de 1997, quando Aline entrou para a equipe do São Paulo Futebol Clube, o futebol de mulheres passava por uma mudança significativa. Além de já ter assumido a gestão da seleção brasileira, a Sport Promotion⁴¹ tomou para si o compromisso de realizar algumas competições de futebol de mulheres no Brasil e, em parceria com a Federação Paulista de Futebol (FPF), promoveu o que teria sido o Campeonato Paulista de Futebol Feminino de 1997 ou como era denominado, a Paulistana-97. (PINHEIRO, 1997; SERRA, 2008, MARTINEZ, 2012, SOUZA JÚNIOR, 2013). Esse torneio ganhou uma visibilidade até então pouco conferida às mulheres no futebol, pois os jogos passaram a ser televisionados pela Rede Bandeirantes de Televisão e pelo canal fechado *SporTV*, além da cobertura de jornais como *A Gazeta* e a *Folha Esportiva*. Tal visibilidade foi importante para a equipe do São Paulo que, naquele ano, conquistou não apenas o Campeonato Paulista, mas também o Torneio Início, o Torneio da Primavera disputado entre equipes dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e o Campeonato Brasileiro.

⁴⁰ Disponível em <<<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/09/08/futebol-feminino-tera-r-10-mi-e-15-de-legado-da-copa-so-falta-calendario.htm>>>

⁴¹ Criada em 1991, é uma empresa particular que gerencia, desde 1994, as competições de futebol disputadas pelas mulheres, assim como a série C do Campeonato Brasileiro Masculino.

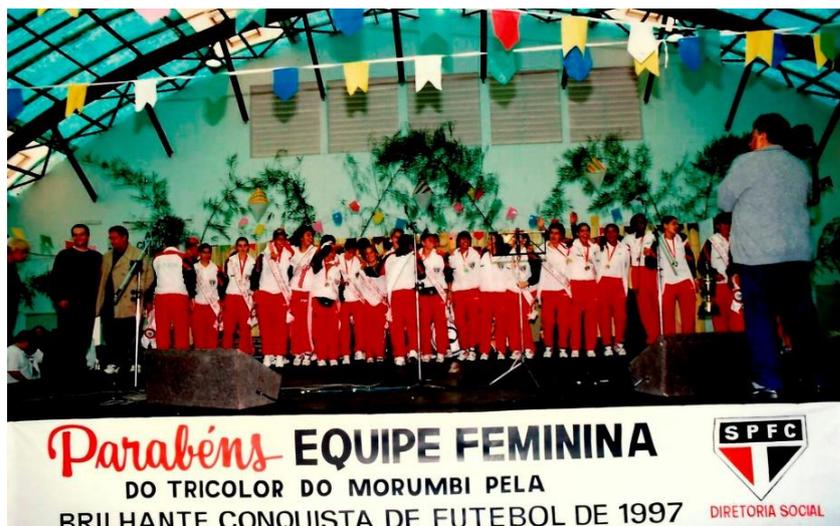


Figura 11: Equipe do São Paulo Futebol Clube (1997)
 Fonte: Acervo do Museu do Futebol

Aline sentiu a pressão de participar de uma equipe de grande porte e partilhar o cotidiano com jogadoras experientes. Depois de atuar por dois anos no São Paulo Futebol Clube, Aline optou pela saída do clube em 1999, inclusive porque não estava conciliando a rotina de atleta com os seus estudos na escola cujo rendimento estava caindo. Na sua primeira entrevista, relewa:

... eu já comecei: “Pai, eu não quero mais, não quero mais!” Eu ligava chorando: “Não, não quero mais saber disso aqui” porque não estava me adaptando. E, aí, ele começou a me colocar na zaga, e aí pior ainda, se, no ataque, que eu era boa para caramba, não tava conseguindo ir bem, já pensou na zaga? Para cabecear a bola que tava vindo lá da lua, aí que eu ia parecer a maior das pernas de pau mesmo. E, aí, eu chorava e meu pai falou: “Tá bom.”[...] essa época do São Paulo lá em Indaiatuba, eu ainda estudava direitinho. Quando virou o ano e a gente foi para Arujá, tinha o shopping lá de Mogi Mirim, e eu comecei a entrar no oba-oba das meninas, cabulava muita aula e o primeiro bimestre eu fiquei lá em Arujá, as minhas notas estavam horrorosas, então, eu estava começando... Beber, fumar, eu nunca gostei porque não tinha jeito. As meninas saiam para aprontar, para dançar, para cabular aula e eu ia junto; não bebia, não fumava, nada, mas assim, também, não estava na escola que eu tinha que estar (PELLEGRINO, 2013, p.11).

Após deixar o São Paulo, Francisco fez contato com a treinadora da equipe do Clube Atlético Juventus, Magali Aparecida Fernandes, e conseguiu que a sua filha participasse de uma nova peneira. Novamente, aprovada, Aline atuou no Juventus por apenas nove meses, entre os anos de 1999 a 2000. Ela

justifica a sua saída porque percebia que a equipe não lhe garantia o volume de treinamento que acreditava ser necessário para manter-se no esporte de alto rendimento. Se o São Paulo foi demasiado, o Juventus ficava aquém do que necessitava. Nas suas palavras:

Eu estava muito feliz, mas não estava feliz, porque eu estava ali para jogar, não para fazer amigos. Bacana, eu ter essa consciência de repente naquele momento, sabe, se a gente é amigo, a gente vai ser amigo, mas eu não estou jogando na posição que eu quero, não estou feliz, não está legal, o que era para estar legal não está legal, então, não estava legal enquanto estava lá, não adiantou nada. E, aí, eu meio que fui fazer um teste na Portuguesa, tentando também no ataque, fiquei mais três meses e fui a primeira vez que eu falei que ia parar de jogar campo, parar de jogar campo, tudo, e isso, aí, eu já tava com dezesseis para dezessete anos, e saí lá da Portuguesa; fiz um teste de dois, três meses, não passei, a outra turma voltou e eles não ficaram com as meninas que estavam naquele período (PELLEGRINO, 2013, p.14).

Depois de não ter sido aprovada nas peneiras da Associação Desportiva Portuguesa, no ano de 2000, Aline retomou o contato com uma ex-colega de equipe, quando jogou no Juventus, e explicitou o seu desejo de jogar futebol e simultaneamente estudar Educação Física, visto que estava cursando o terceiro ano do ensino médio. Dessa conversa, surgiu a oportunidade de compor a equipe de futsal do Centro Universitário Sant'Anna (UniSant'Anna), uma instituição privada de ensino superior localizada na cidade de São Paulo.

Isso foi uma coisa que eu sempre tive muito clara, desde ali: "Eu quero ser professora de Educação Física, não sei se eu vou fazer outra faculdade, mas a primeira vai ser de Educação Física." E aí estava chegando nesse momento perto disto e já apareceu essa oportunidade da bolsa de estudos e eu comecei a jogar um pouquinho de salão, virou o ano, e eu fiz o vestibular, passei, teve a bolsa mesmo, e, aí, nessa época, eu fiquei só jogando salão, futsal universitário, jogava... (PELLEGRINO, 2013 p.14).

A associação entre esporte e universidade integra o cotidiano de várias jogadoras brasileiras que abandonam os seus clubes para disputarem campeonatos universitários em outros países, onde existe mais estrutura e investimento para o futebol ou o futsal praticado por mulheres. Movidas pela possibilidade de receberem bolsas acadêmicas e, assim, conciliarem os seus

estudos e o esporte competitivo, algumas atletas, assim como Aline, representam Instituições de Ensino Superior na busca por maiores oportunidades na carreira, visibilidade e mesmo condições de existência. Carol Baiana, atleta que atuava na equipe no Vitória de Santo Antão e que disputou a Copa do Mundo de Futebol Feminino Sub-20, realizada no Canadá em agosto de 2014, transferiu-se para os EUA, sendo, inclusive, eleita a melhor jogadora do futebol universitário americano daquele ano. (STAFFORD, 2014).

A atuação de Aline no esporte universitário deu-se também no futebol de campo, pois o treinador da equipe da UniSant'Anna havia montado duas equipes para disputar o Campeonato Paulista de Futebol de campo, além do futebol de salão. A primeira representava a Sociedade Esportiva Palmeiras, que reunia, conforme Aline, as jogadoras mais qualificadas, escolhidas pelo treinador. A segunda equipe era a São Bento de Sorocaba, para qual Aline foi selecionada, ocupando a posição de zagueira, quando, pela primeira vez, atuou como capitã de uma equipe.

Aline permaneceu oito anos na equipe UniSant'Anna e disputou diversos campeonatos universitários como o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino Universitário, os Jogos Regionais de São Paulo, a Taça Brasil de Clubes, os Jogos Abertos do Interior de São Paulo e os Jogos Brasileiros Universitários (JUB's).



Figura 12: Crachás de Aline em competições pela Uni Sant'Anna
Fonte: Acervo pessoal Aline Pellegrino

Em que pese a importância desses campeonatos em nível regional e nacional, a sua carreira no esporte universitário foi coroada com a conquista da medalha de ouro nos Jogos Mundiais Universitários (Universiade) realizados em Pequim, ano de 2001. A seleção brasileira era formada basicamente pela equipe da UniSant'Anna, somando 12 das 18 jogadoras convocadas.



Figura 13: Jornal Seminário da Zona Norte 2001
 Fonte: Acervo pessoal Aline Pellegrino

Como a equipe de Aline havia conquistado o título de campeã brasileira nos Jogos Universitários Brasileiros de 2000, ela foi escolhida para representar o Brasil nos Jogos Mundiais Universitários. Essa competição foi um marco no esporte universitário nacional e, sobretudo, no futebol praticado por mulheres,

pois a seleção brasileira conquistou a sua primeira medalha de ouro. Foi, também, a primeira conquista internacional de Aline.

foi ai que eu participei da Universíade, em 2001, pela Uni Sant'Anna e fomos campeãs. Aí, me formei, comecei a fazer a faculdade de Fisioterapia, cheguei a cursar seis meses de Fisioterapia, então, fiquei oito anos direto e, aí, nessa da Uni Sant'Anna para jogar o futsal federado e o futsal universitário naquele ano específico de 2001, por conta da Universíade que tem a modalidade e, aí, eles montaram um Campeonato Brasileiro Universitário em Brasília e que foi de campo. Nossa equipe era a melhor, a outra equipe era boa, era a UNB⁴², que também era uma equipe boa, que a gente, ali, disputou a final, e, aí, a base da seleção foi a Uni Sant'Anna e a UNB. Foram doze jogadoras mais a comissão da Uni Sant'Anna e seis jogadoras da UNB que eram de Brasília, que foi o time de dezoito jogadoras que a gente foi para Pequim e conseguiu, não sei como, ganhar a medalha de ouro. (PELLEGRINO, 2013, p. 16)

A medalha teve grande representatividade para Aline, um registro de memória que guarda com apreço e que, ainda hoje, passados quase quinze anos da sua conquista, exhibe-a em atividades diversas, como, por exemplo, em palestras nas quais é convidada para narrar a sua trajetória esportiva. Em entrevista, declarou: “é a medalha mais bonita que eu tenho, é a da Universíade. Ela vem em uma caixinha, ela rosqueia”. (PELLEGRINO, 2013, p. 18)



Figura 14: Medalha Universíade 2001
Fonte: Acervo Aline Pellegrino

⁴² Universidade de Brasília

Além da medalha, Aline guarda na memória detalhes pitorescos daquela competição. Os jogos, o placar, a conquista inédita. Sem recorrer a nenhum documento, quando perguntada sobre a sua participação na Universíade, em entrevista realizada junto com a professora Silvana Goellner, no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, Aline, entre sorrisos e emoção, descreve:

E, ai, o primeiro jogo foi a Finlândia e eu ali, acabei ficando de titular e ganhei a vaga de titular lá em Brasília por uma série de coisas na zaga, já jogando bem, gostando. E aí Finlândia, a atacante lá, *branca, cabelo branco* de tão loira, falei, com um calor: “Pai amado do céu!”, um calor, cinco minutos, a loirinha estava vermelha, bufando, eu falei: “Afe, já era filhinha, está morrendo, eu vou sobrar” Ela correu o jogo inteiro daquele jeito e eu já não tava mais aguentando, ganhamos de 1x0 e, ai, tava na cara que nós íamos perder para a China, mas como a gente ganhou delas e elas também perderam para a China, a gente classificou porque somamos três pontos contra elas. Tomamos um pau para China, 3x0. A gente olhava lá no computador das equipes, quando a gente olhava, a equipe da China, as dezoito jogadoras da China, Olimpíada, Copa do Mundo, o currículo delas, um monte de coisa, então, era praticamente a base da seleção principal, aí olhava a nossa, só tinha a Rosana Augusto e a Juliana Sala, que era a goleira, que eram da Seleção Brasileira mesmo, que já tinham tido... A Rosana já tinha jogado a Olimpíada de Sidney. Aí, perdemos da China, tomamos um pau, 3x0 da China. As quartas de final era contra a Coréia do Norte, que um dos nossos diretores assistiu ao jogo e falou que elas eram vinte vezes melhores que a China, eu falei: “Oi? E agora? Como que nós vamos ganhar dessas mulheres?”. O jogo foi 3x1, a gente fez esses 3 gols em 3 contra-ataques. Começou 1x0 para a gente, em um golaço da Zanga. Em um contra-ataque, elas empataram. A gente voltou para o segundo tempo, elas massacraram a gente, era bola na trave, um sufoco, dois contra-ataques, 3x1, ganhamos da Coréia. As coreanas, na hora que acabou o jogo, sem entender nada, os treinadores, a cultura coreana, perdeu pra quem, como assim? Ganhamos da Coréia que era até então era impossível. A semifinal era contra a França, que já era uma equipe mais fraca, que a gente sabia que dava para ganhar, jogamos mal pra caramba, mas ganhamos de 2x0, e fomos fazer a final contra a Holanda, que também surpreendeu nas quartas de final e acabou tirando a China nos pênaltis. Se a equipe da final ganhou da China, e nós tomamos um pau da China... E aí fizemos uma baita final contra a Holanda, a mulherada desse tamanho, a centroavante, que eu marcava, eu chamava de “Xuxa”; era a cara da Xuxa, alta pra caramba, baita time, time bom, mas a gente tava inspirada, empatamos no tempo normal: 1x1. Fomos para a prorrogação e ganhamos com onze, doze minutos da prorrogação o *golden gol*. Naquela época, ainda tinha o *golden gol*, e, aí, a Cintia fez o gol e ganhamos a Universíade (PELLEGRINO, 2013, p. 18).

A narrativa detalhada, recuperada de uma memória distante, indica o quanto esse acontecimento repercutiu na identidade da atleta, cuja carreira é redimensionada depois dessa vitória. Cumpre-se, aqui, uma das funções da memória, pois

No ato de narrar a trajetória, contamos a nossa história de acordo com o que nós lembramos no momento que lembramos e contamos. As estruturas desse relato estão estabelecidas em momentos para que o indivíduo, em sua trajetória, permanecem dominantes para sua identidade, a percepção de sua autobiografia. E os sentimentos e as emoções perpassam essa leitura da memória (VIEIRA, 2011, p. 39).

Aline permaneceu na UniSant'Anna até o ano de 2008 e, em meio a sua presença no esporte universitário, aconteceram algumas convocações para atuar na seleção brasileira. Em 2004, aos 22 anos, Aline foi convocada pela Confederação Brasileira de Futebol para integrar o grupo de 25 atletas que já estava concentrado na Granja Comary, em Teresópolis, na fase preparatória para os Jogos Olímpicos de Atenas, que aconteceram no mesmo ano.

René Simões, o então técnico da seleção brasileira, recebeu a indicação de Aline por meio de Mauricio Santos, seu auxiliar técnico que havia observado o seu desempenho como zagueira, quando atuava em um torneio pela UniSant'Anna.

A seleção brasileira de 2004, sob o comando de René Simões, tinha um grande desafio que era conquistar uma medalha inédita para o futebol de mulheres nos Jogos Olímpicos de Atenas. O desafio dava-se porque não havia um trabalho bem estruturado no país e o futebol de mulheres existia de forma bastante amadora. A seleção, portanto, traduzia-se em “Um time integrado por jogadoras que, em sua maioria, jogavam futebol de salão para sobreviver. [...]. Elas não tinham noções básicas de espaço dentro do campo. Era de arrear” (SIMÕES, 2007, p.9).

O período de preparação para os Jogos Olímpicos foi intenso e apresentava um tratamento diferenciado até então concedido à seleção de mulheres, com a presença de uma comissão técnica composta por médicos, dentistas, fisioterapeutas, nutricionistas, entre outros profissionais. René Simões

esboçava muitas preocupações com relação à expectativa que existia em torno da participação nos Jogos e, dentro de seu projeto, buscou estratégias para melhor conhecer e aproximar-se das jogadoras. Uma delas foi a oferta a cada atleta de um caderno no qual deveriam descrever o seu dia-a-dia, a rotina dos treinamentos, os jogos, registrar os pontos fortes e os que precisavam melhorar, enfim, um espécie de diário que abrangia desde a preparação até o final da competição. Aline iniciou o preenchimento do caderno do dia 13 de maio de 2004 e, na contracapa, escreveu: “Nós ganharemos a medalha de ouro caso não haja Vaidade Inveja Egoísmo Fofoca Estrelismo Desagregadora Desonestidade”.

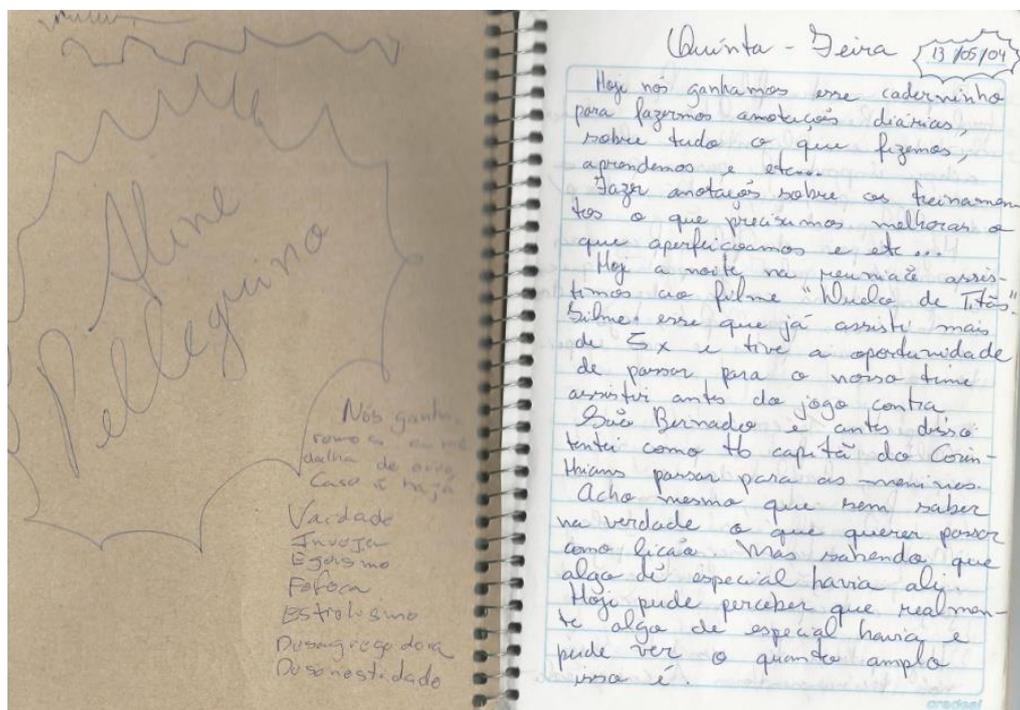


Figura 15: Caderno Aline Pellegrino
Fonte: Acervo pessoal Aline Pellegrino

Sobre esse caderno, Juliana Cabral, capitã da seleção que disputou os Jogos Olímpicos de Atenas, explicita:

Foi muito importante porque, nele, fazia anotações dos jogos, minhas qualidades, os defeitos, as atenções que teríamos que ter...Foi um grande amigo, ajudou-me bastante, pois nele não havia mentiras. Os erros eram ali colocados e procurei trabalhar em cima disso para poder alcançar quase a perfeição (CABRAL apud SIMÕES, 2007 , p. 70)

O projeto de preparação para os Jogos Olímpicos também envolveu um tour pelos Estados Unidos onde a seleção enfrentou três equipes universitárias: A&M Texas Houston, Oklahoma University e Methodist University Dallas, assim como um jogo amistoso contra a seleção dos EUA. Pela falta de patrocinadores na seleção brasileira, René Simões entrou em contato com a treinadora da Sam Houston State University, Márcia de Oliveira, que contribuiu para a presença da seleção naquele país, com o auxílio nas despesas de alimentação, hospedagem e transporte. Como contrapartida, as jogadoras brasileiras realizaram clínicas de futebol para crianças e René Simões ministrou cursos para treinadores.

Nessa viagem, Aline teve a oportunidade de atuar como titular, visto que a também zagueira Juliana Cabral não havia sido liberada pelo seu clube Kopaberg Goutemburg, da Suécia, para participar dos amistosos. O seu bom desempenho na competição foi determinante para que ganhasse espaço na seleção brasileira, garantindo a sua vaga entre as 18 jogadoras convocadas para os Jogos Olímpicos de Atenas. No seu caderno, há uma série de anotações nas quais avalia o seu desempenho, descreve os aspectos que precisava melhorar tanto físicos quanto táticos, tece comparações com outras jogadoras, aponta as indicações do treinador, escreve palavras de incentivo, enfim registra os passos que estava trilhando em relação ao que seria a conquista da sua primeira medalha olímpica. Em uma das páginas, escreveu:

Pense: o minuto que você está vivendo agora é o minuto mais importante da sua vida.

Onde quer que você esteja preste atenção ao que está fazendo.

O ontem já lhe fugiu das mãos.

O amanhã ainda não chegou.

Viva o momento presente porque dele depende todo o seu futuro.

Procure aproveitar ao máximo o momento que está vivendo tirando todas as vantagens que puder para o seu aperfeiçoamento.

23:50 minha mãe acabou de ditar isso para mim. Legal, né?
(PELLEGRINO, 18/05/2004, s.p.)

O anúncio da listagem das atletas certamente preocupava Aline, conforme se visualiza na imagem.



Figura 16: Caderno Aline Pellegrino
Fonte: Acervo pessoal Aline Pellegrino

O ano de 2004 foi histórico para o futebol de mulheres no Brasil em função da conquista de sua primeira medalha olímpica na modalidade. Diferentes artefatos midiáticos visibilizaram essa conquista, exibindo reportagens com centralidade que colocavam em destaque tanto René Simões, quanto a equipe e algumas de suas jogadoras.

período de 11 de agosto a 13 de setembro de 2004, totalizando 79 reportagens que abordam a seleção olímpica de Atenas. Entretanto, algumas considerações devem ser feitas em relação ao tratamento conferido pela mídia à seleção brasileira das mulheres, corroborando com o estudo de Moura (2003), que aponta quatro maneiras distintas: a primeira busca chamar a atenção para algo considerado diferente, algo inusitado ou fora do comum, semelhante ao descrito por Mourao e Morel (2005) sobre os discursos da mídia impressa a respeito do futebol de mulheres. Essa abordagem pode ser observada na reportagem abaixo que anuncia o futebol das mulheres como algo incomum, o “*futebol de saias*”



Figura 19: Jornal A Tarde – SP – 21 de agosto de 2004
Fonte: Acervo Aline Pellegrino

A segunda maneira relaciona-se à comparação entre o estilo de jogar dos homens e o das mulheres e que, em sua maioria, aponta para uma conclusão já estabelecida à priori de que as jogadoras dificilmente chegarão ao nível dos homens na modalidade. Ainda que esse não seja o tom da reportagem a seguir, a atribuição da atleta como “o cara” remete à inconfundível comparação com o futebol dos homens.



Figura 20: Jornal da Tarde, Ela é o Cara
Fonte: Acervo Aline Pellegrino

Representar as mulheres na mídia em comparação aos homens está também relacionada com a terceira maneira apontada pelo autor e que visibiliza a presença das mulheres no futebol, vincula-se à necessidade de conservar uma imagem das atletas que preserve a sua feminilidade. O discurso, de certo modo, reedita as justificativas pelas quais se instaurou a proibição do futebol para mulheres em 1941 e que está ancorada na representação das mulheres esportistas como frágeis, dóceis e dotadas de uma feminilidade que não condiz com as mulheres futebolistas. Segundo Mourão e Mourel (2005, p, 74), “as transformações discursivas associadas ao esporte feminino na sociedade brasileira são lentas, e em relação ao futebol feminino verifica-se que as mudanças, mesmo quando protagonizadas pela mídia, não deslancham”.

Na reportagem divulgada pelo Jornal Agora, a manchete anuncia que as mulheres aprendem a “*não ser mimadas*”, além de adjetivar as jogadoras brasileiras como “*Meninas do Brasil*” no sentido de reforçar uma suposta fragilidade das atletas que necessitariam de proteção e cuidados. Kessler (2012) e Souza Júnior (2013) lembram que a expressão meninas/garotas remete à jovialidade das atletas e a um ideal de beleza que afasta as jogadoras de representações de experiência/velhice.



Figura 21: Jornal Agora – SP – 21 de agosto de 2004

Fonte: Acervo Aline Pellegrino

Segundo Catherine Louveau, “do desportista em ação, é descrito o que faz. O mesmo não acontece com as desportistas, de quem os comentadores não sabem dizer o que elas fazem sem passarem pelo que elas parecem. É essa uma das especificidades do desporto no feminino: não pode ser comentado sem que seja apreciada a estética daquela que o pratica” (2001, p. 42).

Para exemplificar essa representação, relembro a transmissão pela TV Brasil da partida final do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino em 2014, disputada pelas equipes da Sociedade Esportiva Kindermann (Caçador, SC) e da Associação Ferroviária de Esportes (Araraquara, SP), em que a emissora abriu uma votação aos internautas para a escolha das 11 jogadoras mais belas no campeonato. Essa mesma dimensão foi trazida no jornal publicado na cidade de Araraquara.



Figura 22: Um Belo Brasileirão
Fonte: Site Globo Esporte

A quarta maneira apontada por Moura (2003) sobre a representação das mulheres futebolistas na mídia tem relação com a profissionalização ou a ausência dessa. Nas reportagens pesquisadas sobre a inédita conquista da medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas, encontrei algumas matérias focadas nessa direção. No dia três de setembro, o jornal Estado de São Paulo publicou uma matéria na qual aponta alguns aspectos referentes à situação das medalhistas olímpicas. Veja-se:



Figura 23: Jornal Estado de SP – SP – 3 de setembro de 2004

Fonte: Acervo Pessoal Aline Pellegrino

A chamada da matéria “Nobre Prata” publicada no Jornal da Tarde do dia 27 de agosto também é representativa dessa situação. Apesar de figurar na mídia com certa visibilidade em função da conquista da medalha de prata, a situação do futebol de mulheres no Brasil não sofreu grandes alterações em decorrência desse feito inédito para o esporte nacional. Para a competição, as atletas receberam salários, tiveram suporte para o treinamento, como estrutura médica, calendário de amistosos, infraestrutura e material, no entanto, fora da seleção, grande parte das atletas não tinha clubes para defender nesse período, visto que não havia campeonatos nacionais que mantivessem o futebol praticado por mulheres em atividade. (SANTOS, 2011).

Relacionando a trajetória de Aline, integrante da equipe medalhista, com a pesquisa realizada por Souza Junior (2013, p. 85), quando aborda a falta de estruturação no futebol, chamo a atenção para a questão da atratividade e da exclusividade das atletas para os treinamentos. Segundo o autor, existe um

ciclo vicioso no qual o futebol feminino apresentaria uma estética que não atrai o público que aprecia o futebol, e sem esse interesse os clubes não têm condições de captar recursos suficientes para manter uma organização profissional, e sem uma organização profissional as atletas não têm possibilidade de dedicação exclusiva ao futebol, e sem a dedicação exclusiva ao futebol a qualidade técnica da modalidade permanece em constante suspeição e assim sucessivamente, sem que se possa estabelecer onde estão as causas e as consequências desse panorama.

Para ilustrar essa afirmação, rememoro dois fatos que se relacionam com a falta de profissionalização do futebol praticado por mulheres no Brasil. Em 2013, ao navegar por alguns “sites” de cunho esportivo⁴³, deparei-me com algumas situações vividas por atletas de alto rendimento do futebol nacional. Um deles relaciona-se com as atletas Daiane Menezes Rodrigues, (Bagé) e Priscila Gonçalves Rosseti (Prisicilinha), ambas titulares do São José Esporte Clube da cidade de São José dos Campos (São Paulo), que, para completarem a sua renda, investiram em negócios para além do futebol. Primeiro, organizaram um serviço de lavagem de carros, depois de venda de sorvete e,

⁴³ Lancenet, Uol esportes, Globo Esporte, SporTV.

atualmente, são proprietárias do “Pastelzinho Meninas da Águia”⁴⁴, cujo nome remete à forma como são identificadas as atletas do clube. Em matéria publicada no “site” Terra, em 23 de abril de 2013, Helder Júnior⁴⁵ escreveu:

As jogadoras Bagé e Priscilinha estão acostumadas a frequentar o Estádio Martins Pereira para trabalhar. Nem sempre dentro de campo. Em dias de jogos do time de futebol masculino do São José, duas destaques da equipe feminina sobem as arquibancadas para vender milk-shakes e sorvetes (o preferido do público é o misto de creme com chocolate). A iniciativa, que serve como complemento de renda para as atletas, inspirou ainda a aquisição de um lava-rápido no município do interior paulista.

A participação de Aline nos Jogos Olímpico de Atenas foi reconhecida pelos seus pares. A atleta recebeu várias homenagens como da instituição universitária a qual ainda estava vinculada, a Uni Sant’Anna, do bairro onde residia e de alguns políticos e autoridades locais.



Figura 24: Aline homenageada pela Uni’ Sant’anna
Fonte: Acervo Aline Pellegrino

Ainda defendendo a equipe da Uni Sant’Anna, no ano de 2005, Aline recebeu um convite para integrar a equipe do O-hara Nagano, situado na cidade de Ueda, no Japão, onde atuou por um breve período de seis meses.

⁴⁴ <https://www.facebook.com/pages/Pastelzinho-Meninas-da-%C3%81guia/285419008330615>

⁴⁵ Disponível em <http://esportes.terra.com.br/futebol/jogadoras-complementam-renda-com-lava-rapido-e-maquina-de-sorvete,f8dcedc09424e310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>



L・リーグ；大原学園 J a S R A 女子サッカークラブ V S ルネサンス熊本 F C
(2005. 11. 3 / 南長野運動公園)

Figura 25: Aline no O-hara Nagano
Fonte: Acervo Aline Pellegrino

A atleta relata que foi um período com muitas dificuldades em função da língua, da alimentação muito diferente e da distância de seus familiares, fatores que a fizeram pensar em abandonar os gramados e dedicar-se aos estudos. Além disso, percebia que enquanto se dedicava ao futebol, via os seus colegas de faculdade investindo na profissão de professor de Educação Física e recebendo, em várias situações, o retorno financeiro que o futebol não lhe dava.

No entanto, permaneceu no futebol. No final de 2005, Aline recebeu a braçadeira de capitã da seleção brasileira e, em 2006, participou de sua primeira competição à frente da equipe, a Copa Sul-Americana, realizada na cidade de Mar del Plata (Argentina), sob o comando técnico de Jorge Barcellos. Aline ocupou essa função na seleção brasileira até a sua retirada dos gramados, tornando-se a capitã mais longeva da seleção, inclusive dos homens. Em sua entrevista, relembra a responsabilidade de ser capitã e o esforço que fazia para manter a posição

você ser capitã, a hora que os caras te botam uma braçadeira de capitã, os caras estão te dando uma braçadeira e estão falando que você é titular, isso é complicado, pra mim, sempre foi [...] em 2006, comecei ali bonitinha com a braçadeira e, em seguida, o Jorge me sacou, então, é complicado tem um discurso que você tem que manter perante as atletas, mas acho que foram situações que me engradeceram muito como jogadora e tanto que, 2007, eu fui uma outra Aline, uma outra situação com relação a isso, titular absoluta, dona da faixa, a

posição é minha e vamos lá fazer o que tiver que fazer. Acho que, pra minha vida, assim, particularmente, ter passado por todo esse processo me engrandeceu muito. (PELLEGRINO, 2014, p.5).

Como capitã da seleção, Aline teve muitas conquistas, foi campeã Sul-Americana em novembro de 2010 na Argentina; foi campeã dos Jogos Pan-americanos em julho de 2007 no Rio de Janeiro; e Vice Campeã da Copa do Mundo em setembro de 2007, realizada na China.



Figura 25: Aline recebe o troféu de Campeã Sul-Americana em 2010
Fonte: Acervo pessoal Aline Pellegrino

Convocada para os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, Aline viveu uma frustração em sua carreira. Em uma partida pela Copa da Paz, na Coreia do Sul, a seleção brasileira enfrentava a seleção americana em fase de preparação para os Jogos Olímpicos de Pequim. No dia 23 de junho, aos 50 segundos de jogo, após pisar em um buraco no gramado, Aline caiu e rompeu o ligamento cruzado anterior do joelho direito, lesão que a deixou fora dos Jogos. Em entrevista ao Uol esportes, em 2012, ela relatou esse momento: “Eu já tinha visto muita coisa acontecer no futebol e, pela cara do médico, sabia que meu caso era grave. Foi aí que virei para ele e falei: ‘Doutor, eu não sou mais criança, pode falar a verdade’”.

De fato, a gravidade da lesão previa a sua retirada de campo por um período de seis a oito meses. Determinada e disposta a voltar aos gramados, Aline cumpriu todas as exigências médicas e o seu tratamento reduziu-se a quatro meses e dez dias. Em função de sua representatividade no cenário nacional e também por ter se lesionado em partida na qual representava a seleção brasileira, Aline recebeu apoio da CBF no que respeita à cirurgia que precisou fazer, assim como ao subsequente tratamento médico e fisioterápico, visando à sua plena recuperação.

Em sua entrevista, Aline relatou que essa foi uma fase bastante difícil na sua carreira esportiva, porque estava em ótimas condições físicas e técnicas. No ano anterior, em 2007, havia participado da Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA, disputada na China, na qual o Brasil obteve o vice-campeonato, perdendo o título para a seleção da Alemanha. Aline foi uma das atletas eleitas pela FIFA durante a competição para compor a “melhor seleção do mundo”. A lesão, de certo modo, interrompeu esse processo e a atleta ficou bastante receosa quanto à sua recuperação e à consequente volta aos gramados. “Pensei em largar tudo e seguir a carreira de professora. Até fiz plano de casar e ter filhos” (PELLEGRINO, 2014 p. 10). Esse sentimento durou apenas o segundo tempo da partida na qual se lesionou. Ao final do jogo, conversou com as colegas da seleção e, de pronto, mudou de ideia. Afinal, a sua vida era os gramados.

No ano de 2009, depois de recuperada da lesão, Aline ingressou no Santos Futebol Clube em um projeto que buscava reunir as grandes atletas do país, dentre elas, Marta⁴⁶, Cristiane⁴⁷, Erika⁴⁸, Andreia⁴⁹ e Ester⁵⁰. Cabe destacar que, nesse período, a participação de um clube tradicional como o Santos possibilitou uma maior circulação de reportagens na mídia. Houve a transmissão de jogos na TV e no rádio, as atletas concediam entrevistas em vários programas de televisão das emissoras brasileiras como SBT, Rede Globo, TV Bandeirantes e Rede Record, e protagonizaram campanhas

⁴⁶ Marta Vieira da Silva, eleita 5 vezes a melhor jogadora do mundo.

⁴⁷ Cristiane Rozeira da Silva, maior artilheira da história em Jogos Olímpicos.

⁴⁸ Erika Cristiano do Santos, destaque nos Jogos Sul-americanos sub-20 de 2008 no Chile.

⁴⁹ Andreia Suntaque, goleira, ao lado de Formiga, uma das jogadoras que atuaram mais tempo pela seleção.

⁵⁰ Ester Aparecida dos Santos, meia atacante, um dos destaques da seleção.

publicitárias divulgando, por exemplo, os uniformes e as coleções esportivas do clube.

Durante a sua participação na equipe dos Santos, até a extinção do departamento feminino do clube e, por consequência, da equipe, Aline vestiu a braçadeira de capitã, conquistando, em 2008 e em 2009, a Copa do Brasil, em 2009 e em 2010, a Copa Libertadores da América de Futebol Feminino e o Campeonato Paulista em 2010.



Figura 27: Diário de São Paulo, 2 de dezembro de 2009
Fonte: Acervo Pessoal Aline Pellegrino



Figura 28: Santos bi - campeão da Libertadores (Jornal Lance)
Fonte: Acervo Pessoal Aline Pellegrino

Todavia, a lucratividade da equipe não era considerada rentável para o clube que lançou mão de uma estratégia de marketing para angariar fundos para manter o seu departamento feminino e divulgar a equipes das mulheres. Trata-se de um episódio inusitado no futebol brasileiro que foi a confecção de um calendário contendo fotografias sensuais das Sereias da Vila, nomenclatura atribuída às jogadoras da equipe. O Calendário Centenário Sereias da Vila, correspondente ao ano de 2011, foi proposto com o intuito de comemorar o centenário do clube, assim como lançar uma coleção de roupas de praia. A ideia foi também conferir maior visibilidade para o futebol de mulheres, o que, de certo modo, aconteceu, pois o lançamento do Calendário gerou várias matérias nos jornais, na rádio e na televisão. Na percepção de Aline,

havia um departamento de marketing na época que estava sempre preocupado em buscar um patrocínio para a gente [...] aí, falaram, vamos unir o útil ao agradável. Vamos colocar as meninas, que já lançamos a moda praia e já divulgamos as meninas, que talvez seja uma forma de agregar algum patrocínio, alguma coisa e acho que foi bacana também porque nós todas recebemos de uma forma legal (PELLEGRINO, 2015, p. 7)

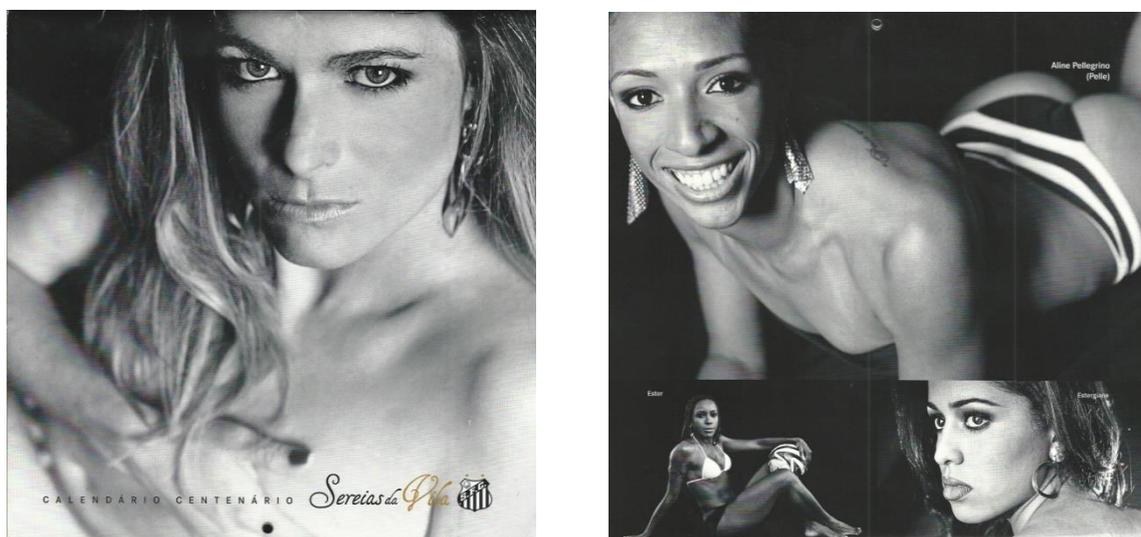


Figura 29: Calendário Sereias da Vila 2011
Fonte: Acervo Aline Pellegrino

Aline comenta que a maioria das jogadoras concordou com a campanha, pois entendia que era um modo de angariar fundos para o departamento feminino. Ela aponta que a realização do ensaio fotográfico e do desfile que

integrou a cerimônia de lançamento do Calendário, apesar do nervosismo, foi um momento no qual houve uma boa integração entre as jogadoras.



Figura 30: Lançamento do calendário
Fonte: Site oficial Santos Futebol Clube

No entanto, os meses que decorreram o calendário apontariam para outro caminho. Oito meses depois do lançamento, mais precisamente no dia três de janeiro de 2012, em entrevista coletiva, o presidente do Santos Futebol Clube, Luiz Álvaro Oliveira Ribeiro, anunciou o fechamento das equipes de futebol feminino e de futsal, visto que o clube tinha despesas com as quais não podia mais arcar. “Manter o Neymar foi um gesto de enorme ousadia, mas tem um custo”. Ganhar títulos encareceu os salários e é insuportável não reduzir os custos⁵¹,

Aline já havia deixado a equipe do Santos, quatro meses antes do encerramento das atividades do departamento feminino, em função de uma proposta que recebeu do Rossiyanka, um clube da Rússia, para atuar na UEFA Womens Champions League. Lá, permaneceu entre 2011 e 2013 e o seu retorno ao Brasil deu-se em função das dificuldades que encontrou com relação à língua e ao clima local que, por ser extremamente frio, fazia com que, na maior parte do tempo, treinassem e jogassem em locais fechados, o que não lhe possibilitava um bom desempenho.

⁵¹ <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/santos-fecha-equipe-de-futebol-feminina-e-de-futsal-para-pagar-neymar/>

O deslocamento da Aline para o exterior reflete um processo que integra o futebol de mulheres no Brasil. Em função da ausência de calendário sistemático, do surgimento e da extinção de clubes e da grande rotatividade de atletas dentro de clubes do próprio país, jogar no exterior passa a ser uma possibilidade de ganhar algum dinheiro com o futebol., pelo menos, por algum período de tempo. Mariani Pisani (2012) aponta que os processos migratórios de jogadoras brasileiras para o exterior expressam a falta de estrutura que a modalidade tem no país e possuem especificidades quando comparadas às migrações dos jogadores.

Diferente deles, as mulheres não movimentam dinheiro quando se deslocam, quer em território nacional quer em internacional, e por não movimentar dinheiro elas também não possuem empresários que possam garimpar melhores clubes para suas atuações esportivas [...] Os limites dessas migrações encontram-se, portanto, nessa ausência de mercado no sistema futebolístico de mulheres. Quando saem do Brasil para jogar é por convite – geralmente inesperado, de alguma amiga; ou para estudar e até por acaso (p. 135)

Além de Aline, outras três atletas do Santos Futebol Clube migraram para a Rússia e integraram a equipe do Rossiyanka: Fabiana Simões, Cristiane Rozeira e Ester Aparecida dos Santos



Figura 31: Brasileiras no Rossiyanka da Rússia
Fonte: Site Globo Esporte

Ao retornar ao Brasil, depois de quase dois anos no exterior, Aline jogou na equipe do Juventus/São Caetano. Tal escolha deu-se em função da possibilidade de ter um vínculo clubístico pelo qual pudesse receber o auxílio Bolsa Atleta, fomentado pelo Governo Federal. A sua atuação no Juventus foi curta e, no início de 2013, Aline encerrou a sua trajetória como jogadora de futebol.

“Desde quando eu comecei, eu queria parar” (PELEGRINO, 2014, p.18) foi a resposta de Aline quando questionada sobre a decisão pela aposentadoria. Diante de minha surpresa com tal afirmação, ela explicou:

Eu acho que eu tive prazo de validade, bem prazo de validade mesmo, de repente tudo aquilo, eu falei “meu, não dá mais”, e não adianta eu forçar uma barra, as coisas começaram a me incomodar demais e, aí, a Aline capitã, mediadora que sempre foi, de repente, perder essa característica, se está todo mundo em uma outra *vibe* e só eu que estou me incomodando tanto com essa situação, sou eu que tenho que ficar na minha e resolvi parar (PELEGRINO, 2014, p.19)

Aline afirmou que a sua decisão foi motivada pela situação que o futebol de mulheres no Brasil vivenciava naquele momento. Ou seja, mesmo com todas as conquistas da seleção e de clubes nacionais, ela não conseguia identificar mudanças que assinalassem um cenário mais promissor do futebol nacional. A sua percepção era de que, ao invés de as coisas evoluírem, elas regrediam, pois, por mais que avançasse em sua carreira como atleta, tanto no cenário nacional e internacional, as dificuldades persistiam. Quase não havia patrocínios, as estruturas para treinamentos estavam cada vez menos presentes nos clubes brasileiros, que acabavam por encerrar as suas atividades, e as competições (quando existentes) tinham um curto período de atuação. Ou seja, a atleta não conseguia vislumbrar outro horizonte que não o da dedicação com pouca possibilidade de profissionalização ou de garantias para permanecer jogando e, com essa atuação, manter-se financeiramente.

A diferença de idade, a falta de estrutura na modalidade e o incômodo com algumas situações, a diferença de opiniões sobre treinamento ao retornar ao Brasil fizeram com que Aline optasse pela aposentadoria, o desconforto com a situação vivida é relatado por ela,

eu comecei a ficar cansada, sabe? Você começa a ver as coisas não mudarem muito, ao invés de tá melhorando, tá regredindo, foi um momento que eu fiquei fora, fui viver uma situação diferente [...] e eu comecei a não ter mais muita paciência para o mesmo discurso, para as mesmas coisas e vi que era a hora de parar (PELLEGRINO,2015,p.9)

Em janeiro de 2013, Aline ainda jogou duas partidas com o Novo Mundo, equipe do Paraná, pela Copa do Brasil, mas revela que já não havia treinamentos em horários regulares, Pelle relatou que já havia decidido, ao retornar ao Brasil, que seria o último campeonato que disputaria, não houve cobertura da imprensa no momento e ela ainda observou que não hesitou em encerrar a sua carreira, pois sentiu que já era o momento de deixar os gramados.

5. A BEIRA DO CAMPO MAIS UMA VEZ: A experiência como treinadora

A vontade de Aline atuar como treinadora permeia o seu desejo de ser professora de Educação Física. Como apresentei anteriormente, desde o período no qual frequentava a escola, ela teve grande envolvimento com o esporte, inclusive nas aulas de Educação Física. Em uma das suas entrevistas, lembrou os treinamentos táticos e técnicos que teve naquele espaço, o que a fez sentir-se, desde cedo, muito atraída pela profissão. Enquanto atuou como atleta, gostava de prestar a atenção no modo como seus treinadores atuavam “então, ao longo dos anos, quanto mais experiência da parte prática eu tinha, junto com a formação acadêmica, eu já, na minha cabeça, bolava, já meio que *“ah! se sou eu no comando ali, eu faria dessa forma, eu faria daquela forma”*”(PELLEGRINO, 2014, p.1)

Esse desejo foi um dos motivadores para cursar Educação Física, o que fez durante os anos de 2000 a 2004 na Uni Sant’Anna. Nas suas palavras: “o grande sonho que eu tive, que eu coloquei para mim, eu falei: *“puts, isso eu quero fazer e sonhei realmente com isso”*, foi a questão da Educação Física, de ser professora de Educação Física. (PELLEGRINO, 2014, p.1)

Aline relatou que, ao vivenciar os treinamentos prescritos para a equipe de futsal da UniSant’Anna, frequentemente imaginava outras técnicas e dinâmicas, pois a sua recente formação fornecia-lhe conhecimentos para questionar alguns posicionamentos de seus treinadores. Assim, era atenta a todas as indicações e observava com detalhes os processos de treinamento que integravam o seu próprio dia a dia. No que respeita aos treinadores que conduziram as equipes nas quais atuou, mencionou a convivência com o que considera serem bons profissionais, com destaque para René Simões, que esteve no comando da seleção feminina dos Jogos Olímpicos de 2004, quando conquistou a medalha de prata. Como já foi dito anteriormente, durante a fase preparatória da competição, René Simões forneceu a cada jogadora um caderno, no qual deveriam “fazer anotações diárias, sobre tudo o que fizemos, aprendemos e etc... Fazer anotações sobre os treinamentos, o que precisamos melhorar o que aperfeiçoamos, etc.” (CADERNO DE ANOTAÇÕES,

13/05/2004, p. 1). Esse registro, de certa forma, constituiu-se como um aprendizado sobre conhecimentos relacionados ao treinamento, visto que registra com detalhes como aconteceu cada dia de treinamento, assim como as suas impressões sobre o que foi desenvolvido, os seus limites, o que precisaria avançar, conforme se pode observar na imagem a seguir.

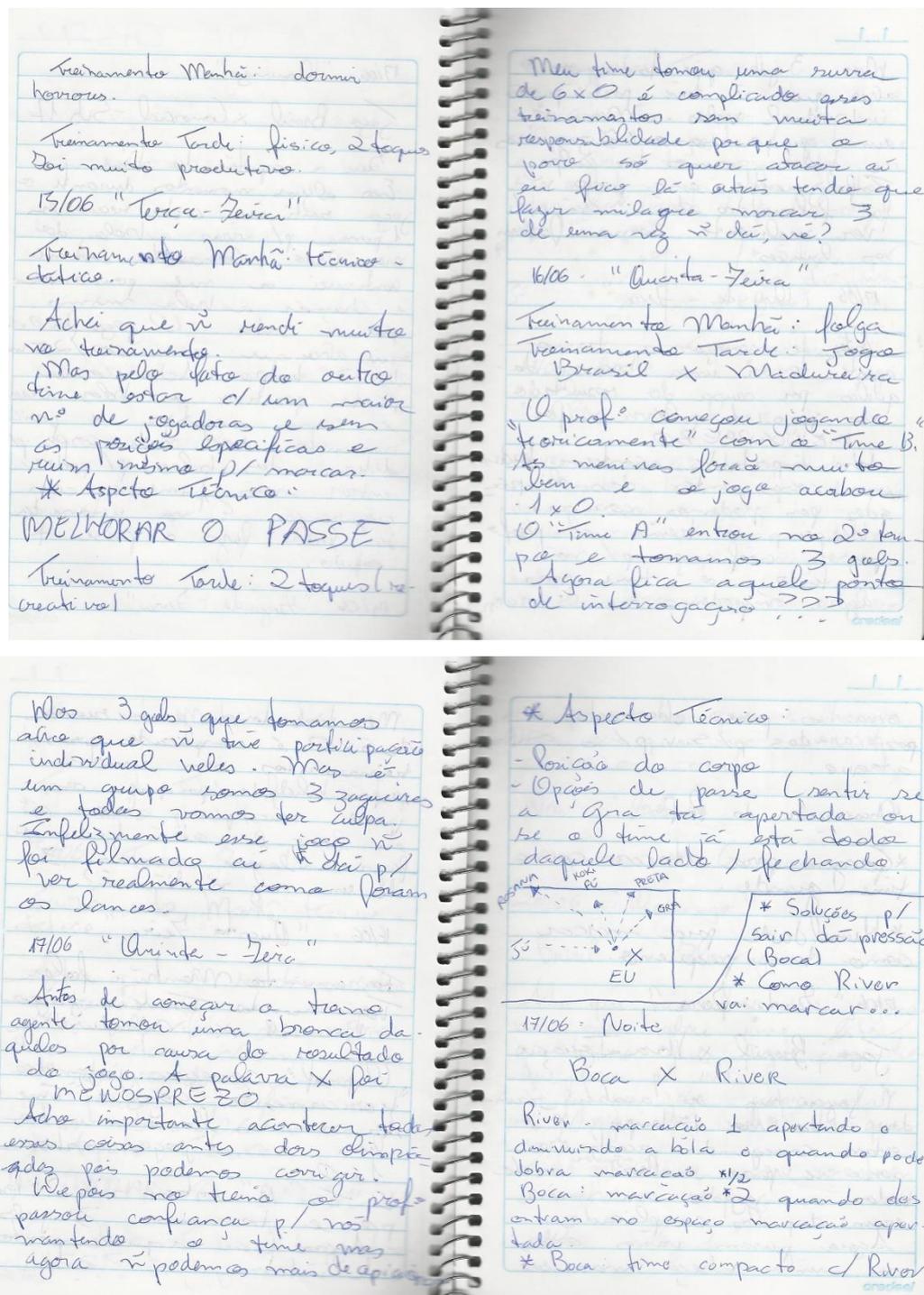


Figura 32: Caderno Aline Pellegrino
Fonte: Acervo Pessoal Aline Pellegrino

Esse modo de sistematizar as informações, descrevendo e analisando o cotidiano dos treinos, colaborou para a sua experiência à frente de uma equipe de futebol de mulheres, visto que, desde que iniciou a jogar, Aline tinha em mente que, como professora de Educação Física, um dia, poderia atuar como treinadora, o que representava também a possibilidade de continuar no futebol. Ainda enquanto jogava, Aline já esboçava opiniões sobre treinamentos, o que era reconhecido pelos pares, em especial, colegas de equipe nas quais jogava. Mas, “ainda era atleta, então não tinha o que fazer, mas muitas pessoas ao longo da carreira me falavam *“Pô Pelle! A hora que você parar de jogar você daria uma baita treinadora”*, e eu, ali, né, quietinha, mas me animando para fazer treinamentos” (PELLEGRINO, 2014, p.1).

Essa perspectiva tornou-se real ainda quando estava atuando na Rússia, em julho 2012, quando recebeu uma proposta para treinar uma equipe depois da participação dos Jogos Olímpicos de Londres. Aline relatou: “eu tinha recebido um convite e, aí, pensei: *“bacana, isso vai virar, eu joga as olimpíadas, já paro de jogar e vou pra ser treinadora”* (PELLEGRINO, 2014, p.1).

Efetivamente esse desejo não se realizou e Aline tornou-se treinadora apenas depois de sua aposentadoria dos gramados, anunciada em janeiro de 2013. Segundo a atleta, três ou quatro meses depois de parar de jogar, ela recebeu um convite oficial do Vitória de Santo Antão para conduzir a equipe como durante o Campeonato Estadual Pernambucano do ano de 2013.

Aline Pellegrino assume o comando técnico do Vitória

6 de maio de 2013 [Destaque: Futebol Feminino](#) [3 Comentários](#)



Por Luciano Abreu

Figura 33: Aline contratada pelo Vitória de Santo Antão (PE)

Fonte: Site Oficial Vitória das Tabocas

Aline destacou que essa tarefa deu-lhe muito prazer, apesar do desgaste que a função impõe.

eu envelheci porque eu tive todo o desgaste talvez que eu teria como atleta, até porque você fica ali também, bate uma bola ou outra e corre e mostra tudo e tem que estar falando e corrige e grita, percebi que eu não tenho voz para isso, se eu tomasse qualquer negócio gelado, no outro dia, eu já estava sem voz, então, às vezes, eu dava treino sem voz (PELLEGRINO, 2014, p.2)

No entanto, apesar do desgaste, reconhece que fez um bom trabalho junto à equipe que se sagrou tetracampeã pernambucana sob o seu comando. “A equipe que eu peguei, tecnicamente, ela era mais limitada, então, me deu um prazer muito grande depois que você chega num resultado final, que você vê que as meninas evoluíram para caramba” (PELLEGRINO, 2014, p. 2).

Contudo, essa vitória não garantiu a sua permanência na equipe. Várias foram as dificuldades enfrentadas no clube que, em agosto de 2013, anunciou o seu desligamento, conforme registrou o blog A Voz da Vitória: portal de notícias da Zona da Mata em um “post” intitulado “Bruno Angeiras assume o futebol feminino do Vitória”.

A diretoria do Vitória das Tabocas confirmou a saída da treinadora Aline Pelegrino e no lugar dela anunciou a chegada de Bruno Angeiras, de 54 anos, com passagens anteriores pelo Clube. No comando do Vitória, Angeiras foi campeão pernambucano em 2011 e vice-campeão da Copa do Brasil no mesmo ano. Angeiras comandou o Sport Recife no Estadual deste ano. Aline Pellegrino em sua passagem pelo Tricolor das Tabocas conseguiu o título estadual deste ano, somando a quarta taça na categoria, justamente contra o Sport. O time agora se prepara para a disputa do Campeonato Brasileiro Feminino, sem data prevista de início (SOUZA, 2013).⁵²

As dificuldades encontradas por Aline referem-se ao não entendimento com a comissão técnica, “os bastidores, aí você vê coisas que você fala: caramba não tem jeito mesmo, a coisa não vai pra frente” (PELLEGRINO, 2014, p. 2). Diante desses desacertos, decidiu pedir demissão do clube, inclusive, porque não teve a oportunidade de montar a sua comissão técnica. Ou seja, era apenas a sua opinião e a metodologia diante dos membros que compunham essa comissão.

⁵² <http://www.avozdavitoria.com/cidade/vitoria-de-santo-antao/page/203/>

a grande dificuldade é isso, você acreditar numa metodologia, tentar colocar isso em prática de alguma forma ou de outra, da minha parte, eu colocava isso em prática, mas você ter a outra turma, o preparador físico, o preparador de goleiro, o diretor, o presidente, que pensam de uma forma diferente por N motivos. PELLEGRINO, 2014, p.3)



Figura 34: Equipe Vitória de Santo Antão – 2013
Fonte: Site Oficial Vitória das Tabocas

Emily Lima, primeira mulher a assumir o comando de uma categoria da seleção brasileira, no período de 2013, em depoimento ao Museu do Futebol, narrou algumas das dificuldades que enfrentou tão logo a CBF anunciou a sua convocação:

Eu já passei por várias dificuldades no começo, então, mandaram uma carta e falaram muita coisa de mim, pessoas que às vezes querem estar no meu lugar e não conseguiram chegar ou ter que chegar dessa maneira, não sei. Mas eu torço para esta pessoa ter sucesso independente de qualquer coisa. Ela não queria, não queria, não queria e o coordenador disse: “Emily, não vai dar certo”. Eu não falei nada, eu falei: “Está na mão de vocês, a decisão é de vocês tanto para eu vir quanto para eu sair” (2015, p. 12)

Na percepção da treinadora, a comissão técnica é fundamental para o bom desempenho de quem comanda a equipe. “A comissão técnica é uma coisa importantíssima, para mim é 50% da equipe e os outros 50% é a comissão ter que lidar com as atletas” (Ibid, p. 13). Diferente de Aline, Emily teve chance de compor a sua comissão e considerava-a como parceiros de

trabalho, o que “é muito difícil de ter em uma comissão técnica porque o preparador físico quer ser o treinador. Um quer tomar o lugar do outro, isto acontece muito no masculino, também acontece no feminino” (Idid, p. 14).

Conforme Kanter (1993), quando um grupo é sub-representado numa ocupação com menos de 15% do efetivo, ele é encarado como mero símbolo. A autora descreve que esses grupos simbólicos vivenciam um isolamento das redes de contatos e em relação ao grupo dominante. Profissionais que pertencem a uma minoria tendem a sentir-se mais pressionados para adequarem-se ao sistema, a encontrar mais dificuldades para obter credibilidade, a encontrar menos suporte de outras pessoas, a serem rotulados com estereótipos e experimentarem mais estresse.

Em sua pesquisa sobre profissionalização no futebol praticado por mulheres no Brasil, Souza Junior (2013) aponta que poucas são as mulheres que ocupam cargos de comando dentro de instituições ligadas ao futebol, como FIFA, CONMEBOL e CBF, o que também pode ser evidenciado na função de técnicas de futebol.

Dado que a sub-representação das mulheres no esporte também ocorre na figura entre as técnicas esportivas, Kanter (1993) assinala que as mulheres tendem a vivenciar uma maior dificuldade nas redes de contato com as cadeias de comando e que, em sua maioria, sentem-se pressionadas para adequarem-se ao sistema, encontrando maior dificuldade para obter credibilidade e menos suporte para desenvolver o seu trabalho nos clubes esportivos.

A pesquisa realizada por Souza de Oliveira (2002), com foco em mulheres que atuavam como técnicas esportivas, apontou que, no Brasil, naquele período, nove grandes clubes cariocas eram responsáveis por empregar centenas de técnicos, sendo que apenas 34 eram mulheres e, destas, 22 atuavam nas categorias de base.

Esse cenário corrobora as análises desenvolvidas por Shaw (2007), quando afirma que, em grande medida, quando o treinamento é direcionado para a competição, os homens ocupam o cargo, enquanto o ensino de habilidades esportivas voltadas para um caráter mais pedagógico vincula-se às mulheres.

Ao ser questionada sobre a maior dificuldade encontrada no comando técnico do Vitória de Santo Antão, Aline apontou:

nem todo mundo tem que concordar com tudo e, para o futebol feminino, você não consegue sentar com essas pessoas e dar a importância que eu dava, talvez eu dê uma importância muito grande para tudo aquilo que eu estava vendo, porque, de fato, era e com relação a respeito, com relação ao profissionalismo delas; cheguei cobrando muito isso da parte delas, então, da minha, não podia faltar, da minha e da nossa, como comissão técnica não podia faltar e, às vezes, falta. Eu acho que a grande dificuldade foi isso, conseguir fazer com que elas, eu consegui fazer, com que entendessem a metodologia e entrassem no espírito da coisa, mas a comissão toda, o corpo diretivo todo, eu não consegui, então, para mim, era mais importante do que talvez para eles, era mais importante mais com uma outra metodologia e isso não ajuda muito no trabalho, não tem jeito (PELLEGRINO, 2014, p.4).

Decidir pela saída do clube não foi algo fácil para a ex-atleta e, então, treinadora. Primeiro, porque concretizava um sonho, segundo, porque tinha tido uma campanha vitoriosa. O campeonato não era competitivo e não raras vezes o Vitória de Santo Antão venceu por goleada. Na abertura do Campeonato Pernambucano e na sua estreia na função de treinadora, a equipe venceu o Vera Cruz por 15 x 0⁵³. Na cidade de Camaragibe (PE), venceu o Ceare por 20 x 0⁵⁴ e a final do campeonato, disputada contra a equipe do Sport, venceu por 4 x 1, conquistando o tetracampeonato para o Vitória de Santo Antão. Ao ser entrevistada pelo jornal Leiajã do estado de São Paulo, Aline descreveu a importância dessa conquista, o seu primeiro título como técnica de futebol:

Ah, sem dúvida estou muito feliz. Esse é um campeonato que até chegar na fase final não tem muita competitividade, então, todos os jogos nós fizemos com que elas jogassem, que trabalhassem, e essa final só comprova isso. A vitória hoje é fruto do trabalho delas nesses últimos três meses⁵⁵

⁵³ <http://www.leiaja.com/esportes/2013/05/15/vitoria-da-surra-de-15x0-no-vera-cruz-pelo-pe-feminino/>

⁵⁴ <http://15zetes.blogspot.com.br/2013/07/mais-uma-goleada-do-vitoria-das-tabocas.html>

⁵⁵ <http://www.leiaja.com/esportes/2013/07/29/vitoria-fatura-o-tetracampeonato-estadual-feminino/>



Figura 35: Aline no comando técnico do Vitória
Fonte: Site Folhapé

O trabalho de Aline não passou despercebido. As jogadoras Raquel Santiago e Maria foram pré-convocadas para a preparação da seleção em disputa para a Copa da Suíça, além da jogadora Carol Baiana, artilheira do campeonato com 35 gols marcados, convocada para a Seleção Brasileira Sub-20. Segundo a atleta, a “convocação para a Seleção Brasileira aconteceu em virtude desse trabalho aqui”.⁵⁶

Vale ressaltar que a equipe do Vitória de Santo Antão não era desconhecida no cenário nacional. Em 2011, foi vice-campeã da Copa do Brasil e, em 2012, semifinalista da mesma competição. Tão logo venceu o Campeonato Pernambucano, Aline concedeu uma entrevista anunciando os próximos passos da equipe, cuja meta era a participação no Brasileirão de Futebol Feminino, competição financiada pela Caixa Econômica Federal e que, de certa forma, marcava o reinício do Campeonato Brasileiro que não acontecia desde 2001. Nas suas palavras:

nós retornamos aos treinos hoje, após uma semana de folga em comemoração do título pernambucano. Nessa preparação para o campeonato brasileiro feminino, iremos realizar dois treinos por dia”, explicou a treinadora, ex-capitã da seleção brasileira. [...] O campeonato nos exige pensar jogo por jogo. O nosso primeiro objetivo é passar dessa fase regional. Estamos iniciando nosso trabalho pensando nessa fase. Depois iremos tentar avançar na

⁵⁶

<http://www.leiaja.com/esportes/2013/07/29/vitoria-fatura-o-tetracampeonato-estadual-feminino/>

competição. Sinceramente, eu consigo enxergar o nosso time nessa próxima fase, competindo com as melhores equipes do Brasil.⁵⁷

De fato, a equipe competiu com as melhores equipes no país, no entanto, sob o comando de um treinador e não mais de Aline Pellegrino. No Campeonato Brasileiro, o Vitória de Santo Antão foi eliminado na fase classificatória, no entanto, foi Vice-Campeão da Copa do Brasil, cuja final foi disputada contra o Esporte Clube São José, que venceu o jogo com placar de 3 x 0.

A dificuldade das mulheres em ascenderem em cargos de comando técnico no esporte deve-se, em grande medida, ao preconceito em relação às mulheres em posições de autoridade, assim como à inexistência de políticas que ampliem e incentivem a inserção das mulheres nesse campo de trabalho (Romariz, 2008). Aline não apontou essa questão como determinante na sua decisão pelo pedido de demissão da equipe de Pernambuco. O seu afastamento deu-se por desentendimento junto da comissão técnica e, nas entrevistas realizadas, a atleta não explicitou exatamente o que seriam esses desentendimentos.

“... minha mãe brigou horrores comigo. Dizia: “tinha que ter ficado um pouco mais, tinha que ter...” E não sou lá pessoa flexível em alguns pontos, mas eu acho que, a partir do momento que você está no comando técnico de uma equipe, a decisão principal maior ali naquela situação, claro, existirá aqui uma série de coisas, mas acho que tem algumas questões técnicas que envolvem, que não dá para ceder muito e, aí, eu preferi sair. Mas foi assim, excelente, excelente, é agradeço todas as pessoas que me deram oportunidade, é, de viver isso, porque eu teria, acho que minha única frustração em meio a tudo isso seria não ter tido a oportunidade de ter sido treinadora.

Ferreira, Salles, Mourão e Moreno (2013), em pesquisa realizada sobre a baixa representatividade de mulheres em cargos de comando técnico no esporte brasileiro, indicam alguns obstáculos a serem transpostos pelas técnicas, tais como o preconceito, os questionamentos sobre a sua competência e a capacidade de liderança e os baixos salários. Segundo as autoras, esses fatores contribuem de forma significativa para o afastamento

⁵⁷ <http://www.leiaja.com/esportes/2013/08/05/vitoria-pe-inicia-preparacao-para-brasileirao-feminino/>

das mulheres desse mercado de trabalho, dificuldades que, de certo modo, tangenciaram a atuação de Aline, ao ponto de abandonar o comando da equipe do Vitória de Santo Antão, apenas quatro meses após a sua contratação, apesar de ter conquistado o título pernambucano de modo invicto.

Em entrevista concedida no dia 23 de janeiro de 2015, para a jornalista Lu Castro, responsável pelo blog Futebol para Meninas, Aline explicou:

Foram 16 anos como atleta e apenas 3 meses e meio como técnica. Nunca me senti tão realizada, mas vi que a modalidade ainda estava muito distante daquilo que eu precisava para colocar minha filosofia de trabalho em prática. Preferi me afastar do futebol do que começar mais 16 anos de carreira ouvindo as mesmas coisas como “ah! mas é futebol feminino”.

Quando questionada sobre a possibilidade de continuar atuando como treinadora de outra equipe, Aline apontou que, em 2013, recebeu um convite para atuar em um projeto que envolvia meninas mais novas. “Mas aí o projeto como bom futebol feminino, começou desenhado de uma forma e mudando, mudando, mudando e acabou que não deu certo, foi dar certo muito tempo depois e eu já estava envolvida com outras coisas” (PELLEGRINO, 2014, p. 6). No entanto, sempre ressaltou o quão importante foi essa experiência e também o quão prazerosa, afinal, a possibilidade de atuação como treinadora é (era) algo que motivava a sua permanência no futebol e o sonho de colocar em prática algo que se fez presente desde o início de sua carreira. “O que eu sentiria mais prazer, hoje, em estar trabalhando, é como treinadora, mas, infelizmente, tem todo um cenário e se a gente coloca na balança o peso dele não vale a pena, é, financeiramente, o desgaste, uma série de coisas” (PELLEGRINO, 2014, p.7).

Desestimulada com o cenário do futebol de mulheres no Brasil, depois de sair do Vitória de Santo Antão, Aline buscou outro meio de subsistência: atuar como corretora imobiliária. Em entrevista para a UOL, no dia primeiro de outubro de 2013, declarou: “É bom poder estar em casa, preciso continuar a vida e achei que valia a pena investir. É um desafio novo, tem bastante gente

trabalhando e agora estou em momento de adaptação. Fico ligando para as pessoas, busco clientes e estou até panfletando" (PAJARO, 2013, s.p)⁵⁸.

Neste mesmo período, trabalhou em uma escolinha de futebol para meninas, com aulas três vezes por semana. Mas o cenário desolador ainda reverberava nas suas afirmações: "Eu não consigo mais ver as coisas como via quando tinha 18 anos. Sempre acreditei que algo poderia mudar. As aulas na escolinha são três vezes por semana, mas eu quero focar no ramo imobiliário" (idem, p. 9).

Aline dedicou-se ao mercado imobiliário até meados de 2014 e, nesse tempo, fez outras incursões no campo do futebol. Ministrou palestras e cursos, participou de programas esportivos no rádio e na televisão, foi comentarista de jogos da seleção brasileira de futebol feminino e atuou, de modo esporádico, em colônia de férias para crianças. No entanto, o que a recolocou no futebol de mulheres, novamente, foi a sua inserção no coletivo Guerreiras Project, tema do próximo capítulo.

⁵⁸ <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/10/01/ex-capita-do-brasil-larga-futebol-e-vira-corretora-estou-ate-panfletando.htm>

6. O GUERREIRAS PROJECT: empoderamento de mulheres por meio do futebol

Ainda quando atuava no Santos Futebol Clube, no ano de 2010, Aline conheceu a jogadora estadunidense Caitlin Davis Fisher, que veio para o Brasil em 2004 com o sonho de ser jogadora de futebol. Como conhecia o técnico de futebol Cleyton Lima, Caitlin decidiu passar uma temporada no Brasil, pois o reconhecia como sendo o “país do futebol”. Tão logo chegou a São Paulo, foi integrada à equipe do Santos, onde percebeu que a realidade era muito distante do que havia imaginado, inclusive, porque tinha em mente as condições, a estrutura e a visibilidade do futebol dos homens.

Em função dessa percepção, Caitlin começou a dialogar com as suas colegas de equipe, tentando entender não só a modalidade no Brasil como também o cotidiano das jogadoras, as suas origens, as perspectivas de vida e as expectativas no futebol. Essa iniciativa foi a semente do que, posteriormente, denominou-se Guerreiras Project e, em função disso, considero relevante reproduzir a apresentação que ela própria escreveu e que está publicad na “homepage” do projeto:

Caitlin é etnógrafa e ex-jogadora profissional de futebol feminino. Mudou para o Brasil há dez anos para jogar futebol profissional para o Santos FC. Sementes do Guerreiras Project começaram lá com ela com suas companheiras de equipe compartilhando histórias e experiências como jogadoras e os preconceitos que enfrentavam dentro do futebol feminino no Brasil. Continuou sua carreira de futebol profissional na Suécia e nos EUA, junto com a realização de pesquisas antropológicas sobre gênero e futebol. Em 2007, se mudou para Nova York e se juntou à equipe da Fundação Nike, que lançou o Girl Effect. Jogou no Chicago Red Stars antes de buscar um mestrado pela London School of Economics (LSE) em Gênero, Desenvolvimento e Globalização. Voltou para o Brasil para se reconectar com suas companheiras de equipe do Santos e desenvolver o Guerreiras Project. Realizou pesquisa etnográfica focada em gênero, corpo, e desenvolvimento econômico com o apoio da Fulbright Fellowship [...] co-lidera o Guerreiras Project e funciona como representante da WomenChangeMakers. Recentemente realizou conversa no TED sobre o assunto em São Paulo. Caitlin recebeu seu BA com honras em Antropologia Biológica pela Universidade de Harvard em 2004 onde foi capitã da equipe de futebol feminino.⁵⁹

⁵⁹ Disponível em <<

Em 2010, Caitlin aproximou-se de Aline Pellegrino, capitã do Santos Futebol Clube, equipe na qual voltou a atuar. Dessa aproximação, surgiram muitas conversas, discussões e um certo descontentamento com a situação das mulheres que jogavam futebol no país. Em função dessa percepção, as duas atletas decidiram criar estratégias para registrar depoimentos de jogadoras, assim como divulgar o futebol de mulheres. Uma primeira iniciativa foi a idealização e a realização de um pequeno vídeo no qual pudessem focar esse tema, aproveitando a representatividade de Aline, a capitã da seleção brasileira.

Contando com a narração de Aline, o vídeo tem três minutos e catorze segundos e apresenta a sua trajetória, abordando as dificuldades enfrentadas por ela, retratando as dificuldades passadas pelas jogadoras e como Aline vê o cenário de futebol de mulheres no Brasil. O vídeo integrou uma exposição realizada durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2011 que aconteceu na Alemanha. A exposição, intitulada “Guerreiras: the female warriors of brazilian futebol” foi exibida na Embaixada Brasileira em Berlim e contou ainda com imagens da fotógrafa estadunidense Adrienne Grunwald que, juntamente com Caitlin, esteve na Alemanha, divulgando a temática.



Figura 36: Santos Futebol Clube x Esporte Clube São José (Novembro de 2010)

Fonte: Acervo do Guerreiras Project

Essas duas iniciativas são consideradas como a semente do Guerreiras Project, cujo nome é uma homenagem para as jogadoras brasileiras, que, segundo Caitlin, “lutam para serem apoiadas e aceitas dentro desse esporte, que é tradicionalmente, masculino” (FISHER, 2014 p. 1).

A presença na Alemanha fortaleceu o projeto e, em função disso, foram delineados os seus objetivos e a sua missão. Segundo consta na página virtual do projeto:

O **GUERREIRASPROJECT** usa o futebol como ferramenta para revelar, analisar e combater preconceitos de gênero. Somos uma iniciativa internacional que promove justiça de gênero, e fazemos isso através da criação de espaços nos quais se pode entrar em diálogos, que por sua vez possibilitam o desenvolvimento de formas mais equitativas e sustentáveis de ser.

Nossa equipe é composta por atletas, artistas, acadêmicas e ativistas que, juntas, realizam oficinas, sessões de formação, exposições, pesquisa, espetáculos e apresentações que visam ampliar os espaços para a conscientização, reflexão crítica, e ações ligadas a assuntos de gênero.⁶⁰

O envolvimento de Aline com o Guerreiras Project aconteceu desde a sua criação. No entanto, tornou-se mais consolidada a partir do momento em que o projeto recebeu verba, por meio do Instituto Avon, para a realização de oficinas temáticas. Veja-se:

nesse período que eu tinha parado de jogar, antes até de ir para Pernambuco, teve a possibilidade do Rio de Janeiro da Avon, do Guerreiras, pela primeira vez, ter um incentivo financeiro, poder desenvolver alguma coisa e eu abracei total e foi aquele um mês no Rio de Janeiro, vivendo esse outro lado, de palestras, de conhecer pessoas, de falar de futebol para desenvolvimento, de falar para futebol, e eu pensei, “talvez acho que a coisa está aí, talvez eu consiga através do Guerreiras, através da nossa discussão, através das outras possibilidades que surgem, falar da realidade do futebol feminino e colocar uma sementinha aqui para que essas meninas que gostam e que sonham...”, apesar do projeto não ter esse intuito, tentar colocar algum tipo de mensagem diferente do que eu vinha tentando fazer de cima para baixo (PELLEGRINO, 2104, P.7)

⁶⁰ Disponível em << [<< http://www.guerreirasproject.org/pt/about-us/](http://www.guerreirasproject.org/pt/about-us/)>>

Ela apontou ainda que, no período em que esteve atuando como treinadora no Vitória de Santo Antão, afastou-se das atividades junto ao projeto, pois não conseguia conciliar as duas atividades. Devido à frustração com a modalidade, após ver as condições do futebol praticado por mulheres também pelos bastidores, ou seja, na área do comando técnico, Aline voltou a dedicar-se ao Guerreiras Project. Assim, tão logo deixou a equipe de Pernambuco, voltou a trabalhar com Caitlin, no sentido de estruturar o projeto, pensando na organização de maneira mais sistemática.

Um dos objetivos do Guerreiras Project é tensionar o que é estabelecido culturalmente como espaço de homens e mulheres. Pisani (2014) lembra que o esporte e, nesse caso, o futebol, pode ser usado como ferramenta de legitimação do espaço das mulheres no esporte e de seu empoderamento, além de oferecer outras visões sobre as mudanças que contribuem para o avanço da justiça social e de gênero. Essas questões são tematizadas nas palestras e oficinas que o coletivo ministra, seja com crianças e jovens, seja com adultos.



Figura 37: Oficina do Guerreiras Project no Rio de Janeiro
Fonte: Acervo Guerreiras Project

O ano de 2013 marcou um período no qual Aline teve uma intensa dedicação ao Guerreiras Project. Naquele ano, ministrou várias oficinas nas cidades do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo.



Figura 38: Oficina do Guerreiras Project em São Gonçalo (RJ)
Fonte: Acervo do Guerreiras Project

No mês de novembro, participou, em Porto Alegre, do *Seminário Futebol e Empoderamento de Mulheres: Conversas com Aline Pellegrino e Caitlin Fisher*, que teve a participação de cerca 80 pessoas, inclusive, muitas meninas que participam de projetos sociais em Porto Alegre. O evento foi organizado por meio de uma parceria entre o Centro de Memória do Esporte, a Secretaria Estadual de Esporte e Lazer, a Fundação de Esporte e Lazer do RS (FUNDERGS) e a Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, sendo que as atletas foram recebidas pelo Governador Tarso Genro, que ressaltou a importância de atividades dessa natureza.

CONVITE **GUERREIRASPROJECT**

O FUTEBOL E O EMPODERAMENTO DE MULHERES:
conversas com Aline Pellegrino e Caitlin Fisher

NON CONDISCRIVAT ESTIA SE LACCO FATALIUS JOURNALIS

Dia 26/11 – Terça-feira	Dia 27/11 – Quarta-feira
Das 9:30 às 12 hs	Das 9:30 às 12 hs
Local: Auditório da Secretaria Estadual de Planejamento – Centro Administrativo do Estado	Local: Sala de Seminários do IAPEX – ESEF/UFRGS
Endereço: Av. Borges de Medeiros, 1555, 10º andar – Porto Alegre	Endereço: Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico – Porto Alegre



ALINE PELLEGRINO

Ex-capitã da Seleção Brasileira de Futebol, jogou no Juventus, Unisanta, Santos FC e Rosyanka (Rússia). Atuou no comando técnico do Vitória de Santo Antão (PE). Trabalha em escolinha esportiva (São Paulo) e é uma das diretoras do Guerreiras Project.



CAITLIN FISHER

Jogou na Seleção Sub 21 e no Boston Renegades (EUA), no Hammarby FC (Suécia) e Millwall Ladies (Inglaterra). No Brasil atuou no Santos FC e no Vitória de Santo Antão. Representante do Brasil no Women Change MakeIt, e uma das diretoras do Guerreiras Project.

Mais informações: (51) 3308 5878
E-mail: cema@ufrgs.br

Comissão organizadora: SPM: Ana Félix; SEL: Clezi Zanatte; CEME: Silvana Goelner

Realização:







Figura 39: Convite do Seminário realizado em Porto Alegre
Fonte: Repositório Digital UFRGS

Em 26 junho de 2014, o Guerreiras Project foi convidado pela ONG Associação de Apoio à Criança em Risco (ACER) para visitar a quadra de esportes do Centro Público Eldorado, na cidade Diadema, em São Paulo. Aline foi uma das participantes dessa atividade, juntamente com duas ex-jogadoras da seleção brasileira e embaixadoras do Guerreiras, Beatriz Vaz e Silva (Bia) e Thais Ribeiro Picarte, onde realizaram oficinas com as crianças da comunidade, com a participação do Príncipe Harry, da Inglaterra, que, em visita ao Brasil, demonstrou interesse em conhecer projetos sociais de futebol e cidadania.

Com a intensificação das atividades e o convite para ministrar oficinas, Aline e as demais integrantes do Guerreiras Project sentiram necessidade de pensar estratégias com vistas a formar pessoas para ministrarem oficinas em diferentes espaços e contextos sociais. Surgiu, assim, o que denominam de *Formação de Embaixadoras do Guerreiras Project*, ou seja, de mulheres com vivência no futebol (em especial, atletas), que tivessem disponibilidade para atuar em projetos sociais, na maioria das vezes sem remuneração.

Para tanto, Aline, Caitlin, Joana Burigo⁶¹ e Anna Fiastro⁶² (também integrantes do Guerreiras Project) produziram uma espécie de manual para a orientação no processo de formação das embaixadoras, o qual foi denominado de **MUDANDO CABEÇAS, CORPOS E CAMPOS**: Uma iniciativa comunitária com profissionais de futebol feminino para atuação como embaixadoras pela justiça de gênero. O material teve como objetivo uniformizar a maneira como são desenvolvidas as oficinas pelas embaixadoras nos diferentes locais de realização. Para a sua organização, elas contaram com a colaboração da professora Silvana Goellner, que passou a integrar o Guerreiras Project no ano de 2013.

Esse material foi produzido também em função da percepção que tiveram, quando ministraram oficinas em comunidades e projetos sociais e identificaram que muitos dos locais onde aconteciam atividades esportivas, os espaços como quadras e campos, em sua maioria, também eram ocupados pelos meninos. Nessa mesma direção, Brauner aponta que:

No Brasil, temos a situação das meninas cuidadoras de seus irmãos. Como a frequência à escola brasileira, em geral, ocorre em um turno, supõe-se que, no turno inverso, as meninas, mais do que os meninos, fiquem em casa, ocupando-se dos trabalhos domésticos e/ou do cuidado dos irmãos menores. A permanência das meninas no ambiente doméstico pelas imposições culturais que outorgam, ainda hoje, que as mulheres/meninas se responsabilizem pelo cuidado da casa e dos filhos/ irmãos, faz com que elas tenham menos oportunidades de praticar esportes (2015, p. 524).

Além de exercerem as atividades domésticas, a generificação dos espaços de prática esportiva pode ser identificada na pouca adesão de meninas em projetos sociais com foco no futebol.

Considerando essa desigualdade de gênero presente no futebol e fora dele, a equipe do Guerreiras Project elaborou uma proposta metodológica para

⁶¹ Joanna Burigo é publicitária. Mestre em Gênero, Mídia e Cultura na Escola de Economia de Londres. Neste curso, conheceu Caitlin, a partir de então agregou-se ao movimento Guerreiras Project.

⁶² Anna Fiastro mudou-se para o Brasil em 2010 para completar uma Bolsa de Investigação Fulbright em Mossoró, no Rio Grande do Norte, onde conheceu Caitlin. Iniciou a sua atuação no Guerreiras Project no projeto financiado pelo Instituto Avon.

o trabalho com as oficinas, cujo foco está centrado na expressão “Mudando Cabeças, Corpos e Campos”, que é descrito como

uma iniciativa comunitária e interativa que o **GUERREIRAS PROJECT** realiza. Essa iniciativa consiste na realização de oficinas ministradas por profissionais de futebol feminino que atuam como embaixadoras nas comunidades pela justiça de gênero e empoderamento das mulheres e meninas. A intenção da iniciativa é oferecer plataformas seguras para que as mulheres falem - sem medo e umas com as outras – sobre suas experiências, no campo de futebol e na vida (GUERREIRAS PROJECT, 2014, p.1).

Em julho de 2014, aconteceu, em São Paulo, o primeiro curso de capacitação de embaixadoras do Guerreiras Project. Com o título de *Mudando Cabeças, Corpos e Campos*, o curso foi direcionado para um grupo de jogadoras que foram selecionadas como lideranças no futebol feminino no Brasil. A capacitação teve como objetivo “desenvolver o autoconhecimento e pensamento crítico sobre preconceito, direitos da mulher, o lugar da mulher na sociedade, justiça social e o nosso papel como jogadoras” (GUERREIRAS PROJECT, 2014, p.1).



Figura 40: Caitlin Fisher e Aline Pellegrino no Curso de formação das embaixadoras do Guerreiras Project
Fonte: A autora

O curso aconteceu em três dias e formou 14 novas embaixadoras do projeto, com participantes do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Foz do Iguaçu, Piracicaba, Campinas, São Caetano do Sul.. Como parte da formação, cada embaixadora deveria realizar três oficinas em contextos e espaços diferenciados. Juntamente com a colega de mestrado e do grupo de pesquisa, Suellen Ramos, participei do curso de formação, assim como a professora Silvana Goellner, que foi uma das palestrantes. Nossa tarefa como embaixadora foi cumprida em Porto Alegre e na cidade de São Leopoldo e, nessa última, Suelen e eu tivemos o privilégio de ministrar a oficina juntamente com Aline Pellegrino.

A oficina foi desenvolvida durante o Seminário Futebol e Desenvolvimento Social: um outro futebol é possível? Foi ministrada para alunos/as integrantes do Programa Esporte Integral (PEI), um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Além dos/as adolescentes, estiveram presentes também participantes do seminário, entre eles, professores, alunos de Educação Física e convidados do evento, sendo que a oficina reuniu cerca de 30 pessoas, que debateram, entre outras questões, a presença das mulheres no futebol.

Além de atuar na condução das oficinas, Aline é presença constante porque algumas imagens que compõem a metodologia de trabalho exibem a atleta. Joanna Burigo, que atuou como formadora no curso *Mudando Cabeças, Corpos e Campos*, em entrevista para o projeto Garimpando Memórias, explica:

Mostramos as imagens, aí tem o Neymar levantando uma taça do Campeonato Brasileiro e a Aline levantando a mesma taça, no mesmo estádio, do mesmo campeonato, está ali a foto, veja. As pessoas veem e nós não falamos nada; o Guerreiras fala pouquíssimo, eu falo pelo Brasil, mas as Guerreiras falam pouquíssimo. Nós mostramos a foto e damos a dica “see, think and wonder”, a pessoa imediatamente depois de ver ela pensa “tem alguma coisa errada com essa imagem”. E ela se questiona “porque tem menos fotografos na foto da Aline do que na do Neymar?” E a partir daí que a conversa começa. Então o “see, think and wonder” é a linha... Não é uma metodologia, não é um método didático formalizado, mas é o que guia todas as nossas interações com as pessoas (BURIGO, 2015, p. 9)



I Figura 41: Aline levantando o troféu de Campeã Paulista
Fonte: Acervo Guerreiras Project



Figura 42: Neymar levantando o troféu de Campeão Paulista
Fonte: Acervo Guerreiras Project

A sua experiência e a representatividade como atleta são fundamentais para o projeto. De certo modo, atraem olhares quando se fala que a ex-capitã da seleção brasileira que está à frente desse projeto de cunho político e social. Aline tem essa consciência e percebe que o Guerreiras Project também lhe traz alegrias, benefícios e satisfação. Vale lembrar que quase todas as palestras, oficinas e outras atividades protagonizadas por Aline junto projeto são voluntárias. Ou seja, não há nenhuma remuneração, exceto o trabalho desenvolvido com financiamento do Instituto Avon, como já mencionado

anteriormente. “Faço de coração, porque tem um monte de amiga que está jogando, todas essas andanças, essas palestras...” (PELLEGRINO, 2015, p. 3)

Quando Aline reencontrou Caitlin e, mais especificamente, depois de sua desilusão com o trabalho como treinadora e o pouco incentivo que recebeu naquela direção, Aline refletiu sobre a sua trajetória no futebol e sobre o cenário desolador do futebol de mulheres no Brasil. Diante da possibilidade de investir no Guerreiras Project como uma forma de continuar no futebol, pensou:

talvez, acho que a coisa está aí, talvez eu consiga através do Guerreiras, através da nossa discussão, através das outras possibilidades que surgem, falar da realidade do futebol feminino e colocar uma sementinha aqui para que essas meninas que gostam e que sonham (PELLEGRINO, 2014, P. 5).

Aline, em suas entrevistas, cursos e palestras, narra muito do que viveu nos dezesseis anos em que atuou como jogadora de futebol. Essa experiência fundamenta-lhe para falar de suas conquistas e também das frustrações que viveu no futebol.

“você vê meninas que sonham mesmo, algumas alunas minhas de uma escolinha de um projeto, “professora você sabe qual é meu sonho?” Eu sei, o sonho dela é ser jogadora de futebol, o sonho dela é chegar na seleção brasileira, só que, o que eu vou falar hoje aqui, do sonho dela até a realidade mesmo, tem tanta coisa aqui no meio que ninguém conta, que ninguém fala, acho que é tentar mudar esse cenário. Tem tanta menina talentosa, tem tanta menina.

O Guerreiras Project parece ser um espaço que atua também na conscientização das jogadoras sobre temas que não se fizeram presentes em outros espaços de atuação, inclusive. o futebol. Em entrevista. Beatriz Vaz e Silva afirma:

o Guerreiras me fez refletir sobre muitos temas e, principalmente, como eu poderia usar tudo que eu vivi até hoje para ajudar de alguma forma. Então tem muitas coisas que a gente conversou, que a gente conversa... A gente do grupo do Guerreiras... Que eu nunca tinha pensado, temas que eu nunca tinha refletido sobre, mas que hoje, principalmente, tem me transformado. Tem me feito refletir, tem feito eu pensar, tem feito eu questionar minhas atitudes. Então mais do que qualquer outra coisa que eu possa fazer agora, tem feito muito bem pra mim como pessoa (2014, p.8).

Karen de Freitas Lang Rocha, outra embaixadora formada no curso de 2014. proclama:

Hoje eu estou em um projeto que eu sei que está todo mundo em prol de um pensamento só: mostrar o valor da mulher. Então acho que esse que foi o fato que mais me impactou realmente para que eu pudesse dar continuidade, fora usar também o futebol - que o projeto usa o futebol como ferramenta - isso facilita para que a gente possa divulgar também uma coisa pela qual eu sempre briguei (ROCHA, 2014 p.1)

Além de atuar na formação de embaixadoras. o Guerreiras Project possui. como uma de suas frentes de trabalho. a realização de projetos multimídias, de exposições e mostras fotográficas. Segundo Joana Burigo. “são as palestras e exposições que não são necessariamente em eventos acadêmicos, vão ser no Museu do Futebol, na abertura da Copa, na Fan Fest da FIFA, na embaixada em Berlin, em Trinidad e Tobago, estou falando de coisas que realmente aconteceram” (2015, p. 10).

Aline envolveu-se em alguns desses projetos, em outros cedeu imagens e peças de seu acervo particular, como aconteceu, por exemplo, na exposição *Mulheres e Futebol no País da Copa 2014*, realizada na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre, em julho de 2014, por meio de outra parceria com o Centro de Memória do Esporte⁶³. Aline foi uma das mediadoras entre as jogadoras de futebol e a equipe organizadora da exposição, o que possibilitou o empréstimo de materiais como chuteiras, camisetas, luvas, fotografias e documentos provenientes de atletas de várias equipes do Brasil. Para essa exposição, Aline cedeu o uniforme que vestiu quando a seleção brasileira recebeu a medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos disputados no Rio de Janeiro, em 2007.

⁶³ A exposição teve como objetivo visibilizar alguns vestígios que narram a presença das mulheres no futebol brasileiro e teve o apoio da Secretaria do Esporte e do Lazer/FUNDERGS, da Secretaria de Política para as Mulheres e da Associação Gaúcha de Futebol Feminino. Mais informações podem ser acessadas no site do Centro de Memória do Esporte: << http://www.ufrgs.br/ceme/site/exposicoes/44_Futebol_e_Mulheres_no_Pais_da_Copa_2014>>



Figura 43: Exposição Mulheres e Futebol no País da Copa
 Fonte: Repositório Digital da UFRGS

Outra exposição, na qual o Guerrilhas Project teve participação, sobretudo por ceder doze fotografias produzidas a partir da ideia *Mudando Cabeças, Corpos e Campos*, integra a campanha Visibilidade para o Futebol Feminino, organizada pelo Museu do Futebol, que fica localizado no Estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo⁶⁴. A principal atividade da campanha foi a organização da exposição com o mesmo título, cuja inauguração deu-se no dia 19 de maio de 2015. O catálogo da exposição indica o seu objetivo:

É muito comum em nosso cotidiano referirmos o Brasil como país do futebol. No entanto, uma parte dessa história ficou esquecida. Por mais de quatro décadas, as mulheres foram proibidas de jogar bola sob a justificativa de que era incompatível com a “sua natureza.” Apenas em 1983 o futebol feminino foi regulamentado.

A exposição **Visibilidade para o Futebol Feminino** propõe outro sobre este esporte. Buscamos revelar histórias esquecidas de mulheres que lutaram pelo direito de jogar bola! Nas bandeiras da fachada do Pacaembu estampamos 24 jogadoras que atuaram na seleção desde a primeira geração. Recuperamos poesias, objetos, imagens, vídeos que evidenciam a presença das mulheres no campo de jogo e fora dele no Brasil e também no Reino Unido, França e Estados Unidos. Estes registros pretendem mostrar que mulher joga futebol, “com muito orgulho, com muito amor”. (BONFIM, 2015)

Aline foi uma das 24 jogadoras⁶⁵ escolhidas para estampar as bandeiras da exposição em função de sua representatividade no esporte nacional. Essas

⁶⁴ A campanha resultou de uma parceria entre o Museu do Futebol com Centro de Memória do Esporte, a Getty Images, a Central 3 e o Guerrilhas Project.

⁶⁵ As 24 jogadoras escolhidas para compor as bandeiras foram: Andreia, Aline, Bagé, Cristiane, Daniela, Érika, Ester, Fanta, Grazi, Juliana, Katia Cilene, Maravilha, Márcia, Maurine, Michael Jackson, Maycon, Pretinha, Rosana, Roseli, Simone, Sissi, Suzana, Tânia Maranhão e Thais. As jogadoras Marta e Formiga tiveram destaque e, desde então, integram o acervo permanente da Sala dos Anjos que é composta por fotografias de jogadores de destaque.

jogadoras foram homenageadas na abertura do evento que contou, também, com a participação de integrantes do Guerreiras Project.



Figura 44: Aline é homenageada na abertura da Exposição
Fonte: Museu do Futebol



Figura 45: Equipe do Guerreiras Project na Abertura da exposição
Fonte: Museu do Futebol

Ao ser questionada sobre a sua experiência como jogadora de futebol e, depois da sua retirada dos campos, como militante no futebol brasileiro por meio de sua atuação no Guerreiras Project, Aline responde:

É loucura né? É maluquice [riso], não contente em estar lá dentro de campo, peguei uma fase, um final de primeira geração com mais dificuldade e preconceito, apesar de talvez

um pouco mais de espaço, peguei a fase boa da coisa, de resultados e vejo, hoje, um cenário talvez diferente do que as pessoas veem. Entendo de uma forma diferente e, hoje, estou eu lá militando, tentando melhorar as coisas, porque eu, hoje, estou ligando para o ministro e estou tendo que ligar para o ministro para organizar, para tentar falar, vamos repensar esse campeonato brasileiro, a forma de disputa, vamos repensar essa verba, vamos tentar melhorar, vamos tentar fazer isso, vamos tentar fazer aquilo, e eu não estou jogando, acho que isso que é bacana, talvez o prazer que eu sinto é isso, que muitas vezes ao longo da carreira, de tudo, as pessoas te olham de uma forma que você não é (PELLEGRINO, 2014, p. 8).

O envolvimento de Aline com questões relacionadas à pauta política do futebol brasileiro, mais especificamente, o futebol de mulheres, desencadeou o convite para integrar o movimento do Bom Senso Futebol Clube⁶⁶.

Sobre essa participação, a ex-capitã revela que “é muito difícil você estar jogando ainda e integrar o movimento de uma forma mais engajada, e é complicado eu não estando mais a frente representar, o interesse maior vem delas” (PELLEGRINO, 2014, P. 3).

Osmar Souza Junior (2015), em entrevista para a Universidade do Futebol, ressalta aspectos importantes com relação à participação das jogadoras em movimentos de cunho reivindicatório. Veja-se:

Penso que é o caminho para que as jogadoras passem a protagonizar as transformações necessárias, mas acredito que a participação delas nesse processo ainda é bastante tímida até pela política ditatorial imposta pela CBF, que sempre se mostrou pronta para retaliar qualquer manifestação de descontentamento em relação à sua gestão. Vivendo de migalhas da CBF, é nítido que as jogadoras não queiram se expor, temendo perder até as migalhas. Porém, acredito que uma organização com caráter sindical ou por meio de um maior engajamento no Bom Senso F. C., seja fundamental para superar o estado de vítimas e promover o empoderamento das mulheres futebolistas. (SOUZA JUNIOR, 2015, s.p)

A luta do futebol das mulheres junto ao Bom Senso Futebol Clube, recai a busca pela reestruturação e o maior incentivo à modalidade por meio da

⁶⁶ Fundado, oficialmente, em 30 de setembro de 2013, o Bom Senso FC nasceu da iniciativa de diversos jogadores preocupados com o atual estado do futebol brasileiro. Com manifestações em campo, o movimento foi capaz de mobilizar a opinião pública em torno das principais bandeiras para uma reforma profunda no esporte, incluindo o futebol de mulheres.

Medida Provisória 671/2015 ou mais conhecida como ProFut. A Medida, que se tornou Lei em julho de 2015, prevê uma loteria por cota fixa, uma espécie de sistema de apostas sobre os resultados de quaisquer esportes com gestão da Caixa Econômica Federal ou por concessão empresarial. Dentre os itens mencionados na Lei, há indicativos sobre o investimento de clubes no futebol de mulheres.

A proposta gerou inúmeras polêmicas no universo do futebol brasileiro. Rogério Caboclo, diretor financeiro da CBF, em declaração ao programa de Seleção SporTV, afirmou:

É outro ponto bem polêmico porque impõe compulsoriamente que clubes separem no orçamento, que hoje já insuficiente para gestão do futebol masculino, um percentual definido por autoridade pública de gestão predominante governamental ao futebol de base e ao futebol feminino. Se o clube tem um orçamento de 10 milhões, um percentual vai migrar do futebol masculino, que deixa de ser competitivo, para fomentar o feminino por força de lei - comentou. (SporTV.com ,2015, s.p)

Antes da sua aprovação, o projeto teve 181 emendas, feitas por deputados e senadores, dentre elas, a emenda sugerida pelo deputado Danrlei de Deus (PSD-RS), ex-goleiro do Grêmio FootBall Porto Alegre, que sugeria a retirada da exigência de investimentos no futebol feminino, deixando-o como opcional.

Aline participou de algumas reuniões do Bom Senso Futebol Clube, garantindo a permanência na pauta de discussões de questões afeitas ao futebol de mulheres. No entanto, acredita que seria muito importante que houvesse mais união entre as próprias atletas, o que, certamente, fortaleceria a modalidade. Ainda assim, entende que estar dentro de campo e atuar fora dele, em outros espaços de disputa, é algo difícil de conciliar.

Com relação à sua experiência, afirma:

eu fiquei mais ativa com o Guerreiras, eu fico muito feliz de poder participar, não deixo de falar de toda a minha história no futebol. Aquela preocupação da minha mãe né “pô, você vai deixar tudo aí como se não tivesse vivido tudo isso que você viveu, que foram dezesseis anos que foi muita coisa”. Acho que através do Guerreiras, eu consigo deixar tudo isso vivo, por conta disso, surgem outras coisas, tudo que eu me frustrei dentro do futebol, eu falei hoje, eu estou totalmente envolvida na parte que foi a que mais me frustrou, na verdade, que foi o

extra campo. Hoje, eu estou muito envolvida, tentando mudar isso de alguma forma, a dor de cabeça, acho que é três vezes pior do que se eu estivesse lá, só preocupada com os meus treinos, com o que as meninas tinham que melhorar e por aí vai. Uma coisa acaba levando a outra e não tem jeito, mas eu fico feliz, se eu puder dar alguma contribuição, se realmente daqui há cinco, dez, quinze anos, eu olhar para trás e falar assim: “não, a modalidade aconteceu, mas se ficou, enraizou”, então, acho que isso é o que mais vai me deixar feliz.

Enfim, em que pese um certo pessimismo demonstrado por Aline em várias fases de sua carreira, em função da pouca estrutura e visibilidade do futebol de mulheres no Brasil, o seu envolvimento político, expresso pela sua atuação no Guerreiras Project, projetou novas perspectivas de sua atuação junto à modalidade. Aline, ao buscar empoderar outras mulheres, empoderou-se, encontrando, assim, motivação para continuar a lutar pelo futebol no futebol.

7. E A BOLA CONTINUA ROLANDO...

Finalizar este trabalho fez-me refletir sobre as inúmeras partidas disputadas por Aline Pellegrino durante toda a sua trajetória, sejam elas dentro ou fora de campo. Fez-me perceber também que Aline, constantemente, avaliava e refletia sobre o seu próprio trabalho como jogadora, como treinadora e como ativista do Guerreiras Project. Ao encerrar esta dissertação, faço o mesmo exercício de Aline e resgato o caminho percorrido durante esta pesquisa.

Através da trajetória de Aline, pode-se observar o cenário histórico do futebol de mulheres praticado no Brasil, pois a sua trajetória profissional iniciada ainda muito cedo, retrata o processo de formação das atletas de futebol brasileiras. A ausência de categorias de base vivenciada por Aline na década de 1990, atualmente, ainda é uma das problemáticas encontradas pelas jogadoras que ingressam no futebol brasileiro; a falta de um treinamento básico que trabalhe os fundamentos do esporte e prepare as atletas para o alto rendimento também afetam o desenvolvimento das atletas que, ao fazerem a transição para o esporte de rendimento, ainda muito cedo, encontram grandes dificuldades.

Outro fator de grande importância para a formação e a continuidade das atletas é as competições disputadas em âmbito nacional. Apesar de o Campeonato Paulista ser um dos campeonatos mais longevos disputados pelas mulheres, com uma sequência fixa desde 1997 (primeira competição oficial de Aline no futebol), e a Copa do Brasil existir desde 2007, o Campeonato Brasileiro não teve a mesma continuidade, pois acabou em 2007 e só foi retomado no calendário nacional no ano de 2013. Sem uma garantia de competições regulares e com período de longa duração, muitas atletas não conseguem manter-se nos clubes treinando em alto rendimento e com garantias trabalhistas.

A falta de estrutura profissional, como condições de trabalho e um salário fixo, faz com que muitas jogadoras busquem outras alternativas de complementação de renda, pois não conseguem sustentar-se exclusivamente do futebol. Algumas, na busca por melhores oportunidades de

trabalho e de qualificação profissional, encontram essa alternativa na prática do futsal e no futebol universitário, conciliando o amor pelo esporte com bolsas de estudos concedidas por instituições de ensino, geralmente, vinculadas ao curso de Educação Física, como foi o caso de Aline.

A história de conquistas e títulos da seleção brasileira das mulheres ainda não impulsionou um maior incentivo à modalidade e às atletas no país. Os períodos de visibilidade e apoio para o futebol das mulheres na mídia coincidem com períodos de competições de grande importância no contexto internacional, como a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos e os Jogos Pan-americanos.

Tais repercussões midiáticas, por vezes, dão maior ênfase aos atributos físicos das atletas em detrimento de suas habilidades e técnica na prática do futebol. Ora silenciadas, ora sub-representadas na mídia esportiva, algumas jogadoras retratam a importância de lutas de movimentos sociais, tal como Aline está fazendo ao apropriar-se de um movimento coletivo como é o Guerreiras Project, atuando, desse modo, na busca por igualdade de gênero não só no futebol, mas em todos os âmbitos da sociedade. A invisibilidade vivida pelas mulheres no futebol também pode ser evidenciada no meio acadêmico, em vinte e cinco anos de pesquisas nas revistas mais conceituadas da área da Educação Física, apenas vinte e oito artigos versavam sobre a prática do futebol de mulheres pela ótica das ciências humanas, enquanto que os trabalhos sobre história de vida sobre mulheres atletas de futebol foi encontrada apenas uma publicação

Vislumbrar a história do futebol praticado por mulheres no Brasil por meio da trajetória de Aline Pellegrino tornou-se um enorme desafio, pois a sua presença deixou de ser apenas de “objeto de estudo” para tornar-se alguém cuja proximidade deu-se vários momentos e realizações em conjunto. Na medida em que mergulhava no mundo do futebol vivenciado por Aline, conhecendo as suas história, as pessoas com que convivia no meio esportivo e também a sua família, essa relação fortaleceu-se, o que pode ser explicitado também pelas incontáveis mensagens trocadas no aplicativo whastapp, as ligações e os emails que circularam ao longo do processo de escrita deste trabalho. Essa aproximação possibilitou a coleta de informações e a diversidade de fontes visto, que aquilo que escrevo, aqui, dá-se,

fundamentalmente, a partir da sua narrativa. Portanto, estar próxima era quase um recurso metodológico. No entanto, tentei manter um certo distanciamento analítico para poder sair da sua história e pensar algumas situações que dizem algo sobre o futebol de mulheres no Brasil.

Ao longo desses dois anos e pela convivência com Aline Pellegrino, acabei por engajar-me no movimento Guerreiras Project, no qual me formei embaixadora no ano de 2014. Neste sentido, algumas ações construídas em conjunto com o Centro de Memória do Esporte acabaram, por muitas vezes, construindo também a minha trajetória que, por essa ligação confundiu, em alguns momentos, a trajetória de Aline, da professora Silvana, do Centro de Memória do Esporte e a minha própria história. Entendo esse entrelaçamento de histórias como algo que resulta desta dissertação. Não só dela, mas também dela.

Neste sentido, entendo que assumir a realização desta pesquisa constituiu-se como uma grande responsabilidade dada a tentativa de abordar aspectos relacionados à história do futebol praticado por mulheres, por meio da narrativa da trajetória de uma atleta com destaque no contexto nacional. Para além do compromisso assumido com Aline e com a sua família, cabe a responsabilidade de corresponder às expectativas de uma série de jogadoras e de pessoas envolvidas com o futebol, que também colaboraram na construção desse trabalho.

Acaba que sou um pouco de Aline nesse momento, escrevendo, lendo e debruçando-me sobre a sua história de vida, acabei elaborando o mesmo exercício sobre a minha própria trajetória, aos caminhos que a prática do futebol trouxe-me de jogadora à pesquisadora. O futebol permitiu-me ser quem sou e possibilitou-me também, mesmo saindo dos gramados, fazer com que a bola continuasse rolando, agora no campo das pesquisas sobre o futebol, atuando em prol da visibilidade e do empoderamento de mulheres.

Abordar a trajetória de Aline Pellegrino, primordialmente, constitui-se como um ato político, uma posição que assumi como pesquisadora, no intuito de visibilizar o protagonismo de mulheres que construíram a história desse esporte no país, o país do futebol masculino, entre tantas medalhas, títulos e disputas, credito a maior conquista ao futebol praticado por mulheres no Brasil às suas lutas e à sua persistência. Essa é maior medalha do futebol das

mulheres. Desejo que a bola continue rolando e que muitas outras Alines possam ver reproduzidas as suas histórias, as suas lutas, o seu pioneirismo e, sobretudo, os seus nomes gravados na história do futebol brasileiro.

8. REFERENCIAL

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro:FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. IN: Fontes históricas. Carla Bassanezi Pinsky (org). 3º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p – 154-202.

ALBERTI, Verena. **De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral**. História Oral, v. 15, n. 2, p. 159-166, jul.-dez. 2012.

ALMEIDA, Caroline Soares de. “BOAS DE BOLA”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. 151 f, Florianópolis 2013.

BRAUNER, Vera Lúcia. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 521-532, abr./jun. de 2015

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial**: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira. Dissertação ao Programa de Pós-graduação do Departamento de História da Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

BURIGO, Joanna. Depoimento de Joanna Burigo. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2015.

CABRAL, Juliana. **História do Futebol Feminino**. Diário da bola. São Paulo, 2009. Acesso em: 4 de outubro de 2014. Disponível em: <http://jucabrafut.blogspot.com.br/2009/07/historia-do-futebol-feminino.html>

CAMPOS, F. A. **Trabalho e consciência de classe**: a história de Dona Antônia e Dona Maria na luta pela terra. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, FAFICH-UFMG,2004.

Connell, Robert W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas , 2013,

DACOSTA, Lamartine. **Atlas do esporte no Brasil**. Conselho de Educação Física. Rio de Janeiro, 2007. Acesso em: 13 de abril de 2014. Disponível em : <http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>

FERREIRA, M de M. e AMADO, J. (orgs.) *Uso & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 103-124, jul/set de 2013.

FIFA, **Big Count Fifa**. Communications Division, Information Services, 2006. Acesso em: 24 de setembro de 2013. Disponível em: http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/bcoffsurv/bigcount.statspackage_7024.pdf

FISHER, Caitlin Davis. Depoimento de Caitlin Davis Fisher. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2015.

FRANZINI, Fabio. **Futebol é “coisa para macho”?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista brasileira de história*. São Paulo, v. 25, n. 50, ju brasileira de história l/dez 2005.

GOELLNER, S.V. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na *Revista Educação Physica*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.

GOELLNER, Silvana V. **Mulheres e futebol no Brasil**: Entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v.19, n.2 , p. 143 – 51, abr./jun. 2005.

_____, _____. **Mulheres e esporte no Brasil**: fragmentos de uma história generificada. IN: *Corpo, Gênero e sexualidade: problematizando praticas educativas e culturais*. Guiomar Freitas, Meri Rosane Santos da Silva; Paula Costa Ribeiro (orgas).. Rio Grande: Editora da FURG, 2006. p – 35-42.

GOELLNER, S. V. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO. G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 28-40.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Garimpando Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança no Rio Grande do Sul. In: GOELLNER, Silvana Vilodre, JAEGGER, Angelita Alice. *Garimpando Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 53-62.

GUEDES, Eduardo. **A história do futebol feminino**. *Voa Goleiro*. São Paulo, 2013. Acesso em: 29 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.voagoleiro.com/itens-futebol-feminino/a-historia-do-futebol-feminino-edu-guedes/>

HALL, Stuart. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HAGUETTE, T. M. F., **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3 ed. Petrópolis:Ed. Vozes, 1992.

JAEGER, Angelita Alice. Mulheres atleta da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo. 2009. 237 f. Tese (Programa de Pós- graduação em Ciência do Movimento Humano- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

KANTER, Rosabeth Moss. Men and women of the corporation. New York: Basic Books, 1993.

KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol é masculino? Sociologias Plurais - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia, 2012.

KNIJNIK, J., 'From the Cradle to Athens: The Silver-Coated Story of a Warrior in Brazilian Soccer', Sporting Traditions, vol. 28, no.1, 2011, p. 63-83.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. SÃO PAULO: Atlas, 1991. 270p

Louveau Catherine. Desporto, mulheres, *media*: o corpo desejável das desportistas. *ex æquo* 4: 57-74, 2001.

MACEDO, Cristiane G; GOELLNER, Silvana V. **Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da educação física e esportes no Brasil**, Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Vol. 21, No 3 ,2013.

MARTINEZ, Fernando. Torneio Início do Campeonato Paulista Feminino em 1997. História do Futebol, 2012. Disponível em: <http://cacellain.com.br/blog/?p=41437> Acesso em: 2 de março de 2015.

MOURA, Eriberto Lessa. As relações entre lazer, futebol e gênero. Dissertação apresentada no Curso de Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 112 f. 2003.

MEYER, D. Gênero e saúde: indagações a partir do pós estruturalismo e dos Estudos Culturais em educação. Revista de Ciências da Saúde, vol.17, n. 1 , jan.-jun., p. 13-32. Florianópolis. 1998.

MELO, Vcitor Andrade de; HOLANDA, Bernardo Buarque de. O esporte visto pelas lentes das ciências humanas e sociais. In: Pesquisa histórica e história do esporte. V. Andrade de Melo, M. Drummond, R. Fortes, J.M.C. Malaria Santos. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013, p – 159-169.

MEIHY, José Carlos Sebe (org.). **(Re) Introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã/USP, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe B; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de História Oral** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo, Editora Contexto, 2011a.

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed., reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011b.

MOURÃO, Ludmila. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação á democratização**. Movimento. a. VII, n. 13, 2000.

MOURÃO, L.; MOREL, M. **As narrativas sobre o futebol feminino**: o discurso da mídia impressa em campo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, p. 73-86, 2005.

MOURÃO, L.; SOUZA, G. C. de. **Narrativas sobre o Sul-Americano de Judô de 1979**: a legalização do judô feminino no Brasil. In: Garimpendo Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. GOELLNER, S.; JAEGER, A. A. (Orgas). Porto Alegre: UFRGS, 2007.

NOGUEIRA, M. L. **Mobilidade psicossocial: a história de Nil na cidade vivida**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, FAFICH. 2004.

PAJARO, Vitor. Ex-capitã do Brasil larga futebol e vira corretora: "estou até panfletando". UOL Esportes. 01 de outubro de 2013. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/10/01/ex-capita-do-brasil-larga-futebol-e-vira-corretora-estou-ate-panfletando.htm> Acesso em: 12 de julho de 2015.

PELLEGRINO, Aline. Depoimento de Aline Pellegrino. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2013.

PELLEGRINO, Aline. Depoimento de Aline Pellegrino. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2014.

PELLEGRINO, Aline. Depoimento de Aline Pellegrino. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. História cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINHEIRO, Augusto. Começa amanhã o primeiro campeonato paulista. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/3/17/folhateen/10.html> Acesso em: 2 de março de 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. 3 ed. São Paulo,. Editora Contexto, 2011.

PISANI, Mariane da Silva. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2012.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo, Ponto Urbe. 2014.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Valdi Chiana (Toscana, 29jun. 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996, pp. 103-30.

REBELLO, Aiuri. Ministério do Esporte confirma Libertadores feminina para novembro em Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/05/07/sem-informar-custo-ministerio-do-esporte-confirma-libertadores-feminina-para-novembro-em-foz-do-iguacu.htm> Acesso em: 23 de setembro de 2013.

REIS, H.H.B. **Futebol e sociedade**: as manifestações da torcida.. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ROSA, Cristina Fonseca; COSTA Nívea Glaucia Rodrigues da; NAVARRO, Antonio Coppi Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo, v.1, n.2, p.163-172. Maio/Junho/Julho/Agosto. 2009

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. IN: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína. (orgs) Usos e Abusos da História oral. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SANTOS, Marileia dos. Depoimento de Marileia dos Santos (Michael Jackson) Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2014.

SERRA, Michel. Campeonato Paulista Feminino de 1997. Disponível em: <http://spfclopedia.blogspot.com.br/2008/10/so-paulo-fc-paulista-feminino-1997.html> Acesso em: 2 de março de 2015.

SILVA, Tomaz T. O currículo como fetiche: a poética e a política do texto cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Giovana Capucim e. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 144 f. São Paulo, 2015.

SILVEIRA, Raquel da. **Esporte, homossexualidade e amizade**: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. 2008, 156. f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós - graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, BR-RS, 2008.

SIMÕES, René. **O dia em que as mulheres viraram a cabeça dos homens**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

SHAW, Sally. Gender in sport management. A contemporary picture and alternative futures. In: AITCHISON, Cara C. (Org.). Sport & gender identities: masculinities, femininities and sexualities. New York: Routledge, 2007. p.74-89.

SOUZA, Eliseu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. IN: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. Memória e formação de professores. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p

SOUZA, Marcio. Bruno Angeiras assume time feminino do Vitória. 19/08/2013. Disponível em: <http://www.avozdavitoria.com/bruno-angeiras-assume-time-feminino-do-vitoria/> Acesso em: 4 de junho de 2014.

SOUZA JUNIOR, Osmar de; GOELLNER, Silvana V.; MOURÃO, Ludmila; REIS, Heloisa H. B. dos. **Legados Esportivos e inclusão social: por uma política de equidade de gênero no futebol**. In: Legados do Esporte Brasileiro. (Orgs) MARINHO, A.; NASCIMENTO, Juarez V. do; OLIVEIRA, Amauri A. B. Florianópolis: Ed da UDESC, 2014.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n], 2013.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Entrevista Osmar Moreira Júnior, professor da UFSCar. Universidade do Futebol. 23 de janeiro de 2015. Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br/Entrevista/10981/Osmar-Moreira-Junior-professor-da-UFSCar> Acesso em: 20 de fevereiro de 2015.

SOUZA DE OLIVEIRA, Gabriela Aragão. **Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

SOUZA, Gabriela Conceição de; MOURÃO, Ludmila. **Mulheres do tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

STTAFORD, Rodrigo. Brasileira é eleita melhor jogadora do futebol feminino universitário americano. O dia IG. 4 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/esporte/2014-12-04/brasileira-e-eleita-melhor-jogadora-do-futebol-feminino-universitario-americano.html> Acesso em: 6 de abril de 2015.

SUGIMOTO, Luiz. Universidade Estadual de Campinas / Assessoria de Imprensa. Eva Futebol Clube, Campinas: 2003.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveria. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNESP. Entrevista de Aline Pellegrino concedida ao programa de rádio Observatório do Esporte, 2013. Acesso em 12 de março de 2014. Disponível em: http://observatoriodoesporteunesp.blogspot.com.br/2013_10_01_archive.html

VIEIRA, Karine Moura. O desafio de narrar uma vida: A crítica genética no estudo da biografia como gênero jornalístico. Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

WITTIZORECKI, E. S. ; [BOSSLE, F.](#) ; [SILVA, L. O. E.](#) ; OLIVEIRA, L. R. ; [GUNTHER, M. C. C.](#) ; [SANTOS, M. V.](#) ; SANCHOTENE, M. U. ; [MOLINA NETO, V.](#) ; [DIEHL, V.](#) ; [MOLINA, R. K.](#) . Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e formação do pesquisador. Movimento (Porto Alegre), v. 12, p. 9-34, 2006.

WITTIZORECKI, Elisandro S. **Mudanças sociais e o trabalho docente do professorado de Educação Física** na escola de ensino fundamental: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós - graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, BR-RS, 2009.

ANEXO I – Carta de Cessão



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, _____

CPF nº _____, declaro, ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Projeto Garimpando Memórias.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do depoente